UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS

A PROSÓDIA DA IODE EPENTÉTICA PARA QUEBRAR HIATOS EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Pedro Miguel Guedes de Oliveira

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marina Vigário,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

2016

À minha mãe e à minha avó!

Uma língua é um dialeto
com exército e marinha.

(Max Weinreich)

ABSTRACT

Within the *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* project, the present research aims to establish a phonological profile of the [j]-insertion between central vowels across words. In previous studies of Portuguese variaties (e.g. Lopo 1895, Vasconcellos 1901, *i.a.*), references to the phonological status of [j]-insertion and its prosodic contexts are inexistent.

The aim of this research is to contribute to the phonological description of the [j]-insertion to break a hiatus, considering both the linguistic (prosodic structure) and extralinguistic factors (age and modalities, and urban and rural regions).

Different tasks were conducted to obtain speech data: a Reading task, a Map task and an Interview in twenty one regions. On the basis of the recorded speech data and within the theoretical framework of Prosodic Phonology (Selkirk 1984; Nespor & Vogel 1986), the [j]-insertion across words was analysed.

The results bring important notes about the phenomenon. Our data show that [j]-insertion occurs not only across words, but may apply within words (e.g., Fa[j]átu). Overall, the data shows that [j]-insertion occurs across words, as previously described, but is an opcional process that spans in within the IP domain (IP boundary blocks the emergence of phenomenon). In the regions analyzed, the process is active: in some regions [j]-insertion tends to be blocked by the PhP boundary (Fiscal, Ermesinde, Aveiro, Viseu, Figueiró da Serra, Castelo Branco e Ponta Garça), while in other regions (Arcos de Valdevez, Castro Laboreiro, Vila Real, Santo André, Bragança, Larinho, Gião, Granjal, Porto de Vacas e Unhais da Serra) the phenomenon seems to occur in the boundaries of prosodic constituents below the IP. We also observed that prosodic constituents and prominence are not relevant in Braga and Coimbra. In these regions, the phonological status of the unit where V_1 is located, in particular CL, plays a relevant role, since glide insertion emerges only if V_1 is part of a CL, but not part of a PW.

The impact of extralinguistic factors, such as the modality type, age group, and urban/rural distinction, was also considered. In (semi-)spontaneous tasks, rural areas, and in older speakers, [j]-insertion is more frequent. Contrary to what happens in urban areas, rural areas (geographically more isolated), which are usually less susceptible to linguistic change, revealed higher frequency of insertion; in older speakers, we also observed greater insertion rate.

These results seem to meet Labov's (1998) concept about mixing variants. Within this approach, speakers integrate alternative forms which have features of the standard variety into their variety.

For the regions analysed, [j]-insertion emerges to establish a maximum contrast between vowels, therefore preserving the vowel sequence.

Our study thus contributes to the knowledge of the phenomenon of [j]-insertion, as well as to the knowledge of prosodic variation in Portuguese. Our results have clarified the factors involved in the resolution of hiatus and its variation in EP, within a cross-linguistic and variationist perspective. Overall, our findings shed light on the mechanisms involved in phonological change and language variation.

Keywords: Prosodic Phonology, Prosodic Variation, hiatus, dialectology, prosodic domains, prominence

RESUMO

Enquadrado no projeto *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*, o presente trabalho procurou estabelecer o perfil fonológico do fenómeno de inserção de [j] entre vogais centrais. Nos estudos sobre as variedades regionais do Português (e.g. Lopo 1895; Vasconcellos 1901; *i.a.*), não é feita referência à caracterização fonológica do fenómeno de inserção de [j], para além da referência à sua ocorrência quando V_2 possui acento lexical.

O objetivo da presente investigação é o de contribuir para a descrição fonológica do processo de inserção de [j] para quebrar hiato entre palavras, e a determinação da incidência do fenómeno, considerando fatores linguísticos (estrutura prosódica) e fatores extralinguísticos (grupos etários, tipo de tarefa e pontos urbanos e rurais).

Os resultados provêm da análise de dados a partir de três tipos de tarefas: Leitura, *Map Task* e Entrevista, recolhidos *in loco* em vinte e um pontos de inquérito, previamente selecionados. Tendo em conta os dados recolhidos, fez-se uma análise da inserção de [j] entre palavras, dentro do quadro da Fonologia Prosódica (Selkirk 1984; Nespor & Vogel 1986).

Os resultados trazem importantes notas sobre o conhecimento do fenómeno. Os dados aqui apresentados mostram que o fenómeno opera através de uma regra de *domain span*, opcional dentro de IP, constituinte que bloqueia a ocorrência do fenómeno. Os dados evidenciam que o fenómeno nas regiões de Fiscal, Ermesinde, Aveiro, Viseu, Figueiró da Serra, Castelo Branco e Ponta Garça tende a não ultrapassar a fronteira de PhP, enquanto nas regiões do extremo Norte (Arcos de Valdevez, Castro Laboreiro, Vila Real, Santo André, Bragança, Larinho, Gião, Granjal, Porto de Vacas e Unhais da Serra), o fenómeno apenas é, categoricamente, bloqueado pela fronteira de IP. Observamos, também, que os constituintes prosódicos e a proeminência não são relevantes nas localidade de Braga e Coimbra, mas sim o estatuto fonológico da palavra a que pertence V_1, em particular o seu estatuto de CL.

Considerando os fatores extralinguísticos, verificámos que o tipo de tarefa, a distinção entre regiões urbanas e rurais e o fator idade se mostraram relevantes na ocorrência de inserção de [j]. De facto, a inserção de [j] é menos frequente no estilo discursivo mais formal (leitura), nas regiões mais a sul, nas regiões mais centrais (urbanas) e nos falantes mais novos. Inversamente ao que sucede nas regiões urbanas, as regiões rurais (mais isoladas) são menos suscetíveis à mudança e revelaram maior frequência de inserção; nos informantes mais velhos também se observou uma maior taxa de inserção.

Estes resultados parecem ir ao encontro das *mixing variants* referidas em Labov (1998). Nesta abordagem, os informantes integram formas alternativas à da sua variedade, provenientes da variedade *standard*, socialmente mais prestigiada.

Para as regiões analisadas, o fenómeno de inserção de [j] emerge com a função de estabelecer o contraste máximo entre as vogais do contexto, preservando, desta forma, a sequência vocálica.

O nosso estudo contribui, não só para o conhecimento do fenómeno de inserção de [j], como para o conhecimento da variação prosódica em Português. Este trabalho clarificou os fatores envolvidos na resolução dos hiatos numa perspetiva interlinguística e variacionista e discutiu os mecanismos envolvidos na mudança fonológica e na variação linguística.

Palavras-chave: Fonologia Prosódica, Variação Prosódica, hiato, dialetologia, domínios prosódicos, proeminência

ÍNDICE GERAL

ABSTRACT ..... **I**

RESUMO ..... **III**

ÍNDICE GERAL ..... **V**

LISTA DE FIGURAS ..... **VII**

LISTA DE GRÁFICOS ..... **IX**

LISTA DE TABELAS ..... **X**

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS ..... **XI**

AGRADECIMENTOS ..... **XIV**

1. INTRODUÇÃO 1

1.1 Justificação do estudo 2

1.2 Objetivos 4

1.3 Hipóteses de trabalho 4

1.4 Organização do estudo 6

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO 7

2.1 Fundamentação teórica no quadro da Fonologia Prosódica 8

2.1.1 A Estrutura Prosódica do Português Europeu: Hierarquia 11

2.1.2 A Estrutura Prosódica do Português Europeu: Padrões de proeminência 15

2.2 A relevância da Estrutura Prosódica para a Fonologia do Português Europeu 17

2.3 Variação no Português Europeu 23

2.3.1 Dialetologia do Português Europeu 23

2.3.2 Variação fonético-fonológica segmental e prosódica 24

2.3.3 Variação lexical e morfossintática 31

2.4 Hiatos: estratégias de resolução nas Línguas 34

3. METODOLOGIA 41

3.1 *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* 42

3.1.1 Tarefas: corpora seleccionados 44

3.1.2 Informantes 47

3.1.3 Pontos de inquérito 49

3.2 Tratamento dos dados 50

3.2.1 Etiquetagem e segmentação 50
3.2.2 Critérios de anotação 51
3.2.3 Análise dos dados 52
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS 55
4.1 Resolução do hiato por inserção de segmento [j] 56
4.1.1 Domínio prosódico 56
4.1.2 Proeminência 64
4.1.3 Estatuto fonológico da palavra a que pertence V_1 69
4.1.4 Questões sociolinguísticas 71
4.2 Resolução do hiato: outras estratégias 76
5. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS 83
5.1 Os contextos prosódicos da inserção de [j] em variedades do português 84
5.2 O papel de inserção de [j] nas variedades do português 91
5.3 Discussão dos resultados à luz das hipóteses iniciais 92
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 95
6.1 Sumário dos principais resultados obtidos 96
6.2 Limitações do estudo e trabalho futuro 97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 99
ANEXO I 113
ANEXO II 114
ANEXO III 115

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Classificação dos dialetos do Português Europeu continental, segundo Cintra (1971), adaptado de Segura & Saramago (2001). 26

Figura 2 - Variação rítmica no PE, com base em duas medidas acústicas: %V and Δ%C (Oliveira, Palma, Barros, Neto, Cruz & Frota 2015a,b) 29

Figura 3 - Padrão de fraseamento em PE (Oliveira, Palma, Barros, Neto, Cruz & Frota 2015a,b) 30

Figura 4 - Áreas lexicais delimitadoras (síntese de Álvarez & Saramago, 2012 de Cintra 1962) 32

Figura 5 - Limites geográficos das variantes sintáticas (Carrilho & Pereira 2012) 33

Figura 6 - Pontos de inquérito em Portugal Continental (à direita) e Ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores (à esquerda): nos círculos estão representados os pontos urbanos e nos triângulos os pontos rurais.....50

Figura 7 - Exemplo de segmentação de dados da tarefa de Leitura em *Praat*: etiqueta correspondente à região, iniciais da informante, tipo frásico/*corpus*, número do enunciado e número da produção. 51

Figura 8 - Fiadas de anotação ortográfica, fonética (alvo) e fraseamento prosódico em *Praat* (alvo: *Aquele professor também dava aulas aos mais jovens*; informante: CS; região: CtL; tarefa: leitura). 52

Figura 9 - Realização de segmento [j] no domínio de PW (alvo: (*O avô Joaquim andou por sítios de que nunca ouvi falar,*) *como a cidade de Faátu e os Jardins de Cimabué*, informante: MP, região: Grj, tarefa: leitura).....58

Figura 10 - Ausência de segmento [j] entre IPs (alvo: *Quanto à Maria, aulas às 8 da manhã, nunca lhe agradaram*, informante: EL, região: Bra, tarefa: leitura) 58

Figura 11 - Espraiamento da nasalidade em V_1 (alvo: *Pinta uma manhã âmbar*, informante: JF, região: Erm, tarefa: leitura).....59

Figura 12 - Realização de segmento [j] no contexto /aN/ (alvo: *Quem pintou uma manhã âmbar?*, informante: CS, região: Lar, tarefa: leitura).....60

Figura 13 - Realização de segmento [j] entre vogais átonas e entre átona e tónica (alvo: *A aluna ama o professor de matemática*, informante: DP, região: Grj, tarefa: leitura).....61

Figura 14 - Realização de segmento [j] entre PhP (alvo: *A astróloga ama muito o irmão mais novo*, informante: FC, região: Lar, tarefa: leitura) 62

Figura 15 - Realização de segmento [j] entre PW dentro de PWG (alvo: *A matrícula do meu novo carro é J*(*ota*)*A-18-18*, informante: TA, região: FgS, tarefa: leitura).....62
Figura 16 - Realização de segmento [j] em posição não proeminente de PWG (alvo: *Foi criada há pouco uma companhia aérea com as iniciais K.A.D.* (capa-á-dê), informante: MA, região: Gia, tarefa: leitura).....65
Figura 17 - Realização de segmento [j] em posição proeminente de PhP (alvo: *e fez agora anos em Novembro*, informante: EF, região: Avo, tarefa: (semi-)espontâneo).....68
Figura 18 - Realização de segmento [j] em posição proeminente de PWG (alvo: *vai encontrar uma árvore isolada*, informante: MLF, região: VlR, tarefa: (semi-)espontâneo).....68
Figura 19 - Realização de segmento [j] quando V_1 = CL (alvo: *É a casa, a árvore e a chegada*, informante: MVC, região: VlR, tarefa: (semi-)espontâneo).....71
Figura 20 - Povoamento e eixos interiores no Continente. Fonte: Relatório PNPOT, 2006....73
Figura 21 - Taxa de analfabetismo por concelho de Portugal (à esquerda) e número de alunos matriculados em estabelecimentos de ensino superior, público e privado em Portugal. Fonte: Relatório PNPOT, 2006 74
Figura 22 - Sistema urbano e acessibilidades em Portugal Continental. Fonte: Relatório PNPOT, 2006.....75
Figura 23 - Bloqueio ao apagamento de V_1 entre PWG dentro de PhP (alvo: *Aquele professor também dava aulas aos mais jovens*, informante: CP, região: Nis, tarefa: leitura).....80
Figura 24 - Apagamento de V_1 entre PhP (alvo: *Foi criada há pouco uma companhia aérea com as iniciais K.A.D.*, informante: OI, região: Nis, tarefa: leitura).....80
Figura 25 - Apagamento de V_1 entre PWG dentro de PhP (alvo: *Quanto à Joana, ela há-de vir visitar-nos no verão*, informante: AR, região: CtB, tarefa: leitura) 81
Figura 26 - Inserção de segmento [j] entre PWG (alvo: *Quanto à Joana, ela há-de vir visitar-nos no verão*, informante: MLR, região: StA, tarefa: leitura) 81
Figura 27 - Inserção de segmento [j] entre PWG dentro de PhP (alvo: *Tive um amigo que montava asas de aviões ultraleves*, informante: SD, região: UnS, tarefa: leitura).....82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o contexto prosódico e a região (V_1 pertence a PW; tarefa: leitura) 57

Gráfico 2 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o contexto prosódico e a região (V_1 pertence a PW; tarefa: (semi-)espontâneo).....63

Gráfico 3 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta os níveis de proeminência de V_2 (V_1 pertence a PW; tarefa: leitura).....64

Gráfico 4 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta os níveis de proeminência (cabeça/não-cabeça dos diferentes domínios prosódicos) de V_2 (V_1 pertence a PW; tarefa: leitura) 66

Gráfico 5 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta os níveis de proeminência de V_2 (V_1 pertence a PW; tarefa: (semi-)espontâneo) 67

Gráfico 6 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o estatuto fonológico de V_1 (CL ou PW; tarefa: leitura).....69

Gráfico 7 - Percentagem e número absoluto de ocorrência de glide entre vogais centrais tendo em conta o estatuto fonológico de V_1 (CL ou PW; tarefa: (semi-)espontâneo) 70

Gráfico 8 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o estatuto fonológico de V_1 (CL ou PW; distinção por faixa etária, ponto urbano e rural, grandes áreas e tipo de tarefa: leitura e (semi-)espontâneo). 72

Gráfico 9 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o estatuto fonológico de V_1 (CL ou PW; distinção por faixa etária, distinção por áreas e tipo de tarefa: leitura e (semi-)espontâneo) 76

Gráfico 10 - Distribuição da relação das estratégias para evitar o hiato (Área 1: Bra, Fis, Erm, Gia, Avo e Cob; Área 2: ArV, CtL, VlR, StA, Bca e Lar; Área 3: Vis, Grj, FgS, PtV, CtB e UnS; Área 4 Nis; Área 5: PtD e PtG; tarefa: leitura).....78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de informantes por ponto geográfico, faixa etária e tipo de tarefa. 48

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

ALLP	Atlas Linguístico do Litoral Português
ALEPG	Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza
ALEAç	Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores
CORDIAL-SIN	Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe
AMPER-POR	Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico - Língua Portuguesa
InAPoP	Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese
PE	Português Europeu
PB	Português do Brasil
SEP	*Standard European Portuguese* (variedade de Lisboa)
σ	Syllable (Sílaba)
Σ	Foot (Pé)
ω ou PW	Prosodic Word (Palavra Prosódica)
CG	Clitic Group (Grupo Clítico)
PWG	Prosodic Word Group (Grupo Palavra Prosódica)
φ ou PhP	Phonological Phrase (Sintagma Fonológico)
IP	Intonational Phrase (Sintagma Entoacional)
U	Utterance (Enunciado)
CL	Clitic (Clítico - item lexical sem acento lexical)
Lex	Cabeça Lexical
Lex^{max}	Projeção máxima da cabeça Lexical
XP ou X^p	Categoria Sintática
S	Sujeito (sintaxe)
V	Verbo (sintaxe)
O	Objeto (sintaxe)
V_1	Primeira vogal do contexto de hiato
V_2	Segunda vogal do contexto de hiato
V	Vogal (átona)
ˈV	Vogal (tónica)
C	Consoante
G	Glide (semivogal)
PW_1	Primeira Palavra do contexto
PW_2	Segunda Palavra do contexto

%V	Percentagem de espaço vocálico
ΔC	Desvio-padrão do espaço consonântico
Δ%C	Desvio-padrão da percentagem do espaço consonântico
L	Tom baixo
T*	Tom alinhado com a sílaba tónica
T%	Tom de fronteira de constituinte
*	Agramatical
0 ou Ø	Apagamento fonético
[ ]	Transcrição fonética
/ /	Transcrição fonológica
< >	Transcrição ortográfica
( )	Organização prosódica
U	Urbano
R	Rural
ArV	Arcos de Valdevez (Viana do Castelo)
CtL	Castro Laboreiro (Viana do Castelo)
VlR	Vila Real (Vila Real)
StA	Santo André (Vila Real)
Bca	Bragança (Bragança)
Lar	Larinho (Bragança)
Bra	Braga (Braga)
Fis	Fis (Braga)
Erm	Ermesinde (Porto)
Gia	Gião (Porto)
Vis	Viseu (Viseu)
Grj	Granjal (Viseu)
FgS	Figueiró da Serra (Guarda)
Avo	Aveiro (Aveiro)
Cob	Coimbra (Coimbra)
PtV	Porto de Vacas (Coimbra)
CtB	Castelo Branco (Castelo Branco)
UnS	Unhais da Serra (Castelo Branco)
Nis	Nisa (Portalegre)
PtD	Ponta Delgada (Ilha de São Miguel - Arquipélago dos Açores)

PtG	Ponta Garça (Ilha de São Miguel - Arquipélago dos Açores)
NUTS	Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos
PNPOT	Programa Nacional da Politica de Ordenamento do Território

AGRADECIMENTOS

Ele é chegada a hora.

Os primeiros agradecimentos são dirigidos às duas grandes mulheres presentes, sempre, na minha vida. À minha mãe e à minha avó. Foram vocês que me construíram, que me ensinaram, que me transmitiram o que de melhor têm. Sem vocês, *isto* não era possível.

Às minhas orientadoras. À Professora Marina. A orientadora oficial deste trabalho. Sem ela, este trabalho não era possível. Obrigado pelo, sempre, entusiasmo com que respondia às minhas perguntas e dúvidas (às vezes existenciais). Obrigado pela forma como me orientou. Obrigado pela transmissão de todo o conhecimento (quer linguístico, quer não). A Professora Sónia, embora não orientadora oficial deste nosso trabalho, orientou-me, academicamente, desde o meu primeiro dia no LabFon. A tudo o que me transmitiu e ensinou, as oportunidades que me deu. O meu muito obrigado! A ambas, sei que, hoje, sou uma pessoa bem mais *rica*.

Aos do Laboratório. À Su. É preciso mais do que palavras para quantificar o quanto gosto de ti. És como uma irmã, uma companheira. Aquela pessoa que está! Obrigado pelo teu *eagle eye*, pelos desabafos e disparates que aturaste, pelos sorrisos que arrancaste, pelas angústias que trataste (aqui e na vida)! *Vou gostar de ti daqui até à lua*. Nádia. Nádia, Nádia... Chegaste eu nem sei bem de onde, mas chegaste para ficar. E ficaste. Obrigado por existires. Obrigado por tudo o que tens para nos dar. Obrigado pelas dúvidas que sempre me tiraste. A nossa vida sem ti era bem mais triste! Ao Simão. Obrigado pelos sorrisos, pelos beijinhos que nos dás (quando estávamos mesmo a precisar e tu nem sabias!). À Alexandra. A última [fnˈaɬgʃ]! Obrigado pela (não – ahahahahahahah ☺) partilha. Marisa. Um obrigado desde sempre. Desde que entrei que me fizeste sentir que era *aqui* que pertencia. Obrigado pela partilha. Obrigado pelas discussões sobre Fonologia Prosódica. Quando passamos semanas das nossas vidas com pessoas que à partida nos são estranhas, o elo aumenta, inevitavelmente. Obrigado ao Bruno. Sem ti, parte da construção deste trabalho teria sido bem mais árdua. Ao Nuno Paulino. Obrigado pelas viagens que fizemos juntos. Pelas recolhas que partilhámos (mesmo quando acreditámos que não iríamos conseguir recolher, aqui ou ali). À Joelma. Obrigado pelas discussões sobre entoação. Obrigado pela discussão das tuas/minhas dúvidas. Ao Ertu. We miss you so much! You can not imagine. À Mané, ao Leão e à Bia. Fazemos uma grande equipa de viagens Lisboa-Aveiro! *We rock*! Obrigado por nos receberem sempre tão bem. Obrigado pelos sorrisos! Obrigado por tudo. Aos que o oceano nos separa. Pri. Tu

foste, por pouco tempo (infelizmente) a nossa alegria! As tuas gargalhadas foram contagiantes. A Carolina Cangemi. Obrigado pela tua, sempre, boa disposição.

Os amigos. Um parágrafo não chegaria para cada um de vós. Nem este pequeno espaço chegaria para vos nomear a todos. Ao Artur e ao André. Aqueles dois que estiveram sempre presente (quando eu tantas vezes me ausentei)... Os que me seguraram quando pensei que cairia. Os que estiveram sempre ao meu lado. Aqueles que amo, incondicionalmente. Dina, Pedro, Leo, Martim. Nem sei o que dizer. Foram das melhores *coisas* que me aconteceram. A minha vida sem vocês era bem mais pobre. Obrigado por serem que são para mim. Joana e Afonso. Adoro-vos, assim, *bué*. Enara, Carlos e Luís Gabriel. Vocês são aqueles com quem mais convivi nestes últimos meses. Adorei cada um deles. Adoro e vou adorar infinitamente. Obrigado por serem assim comigo!

A minha família. Não vou quantificar o quanto gosto de vocês. Vocês sabem isso. Vou apenas apontar quatro pessoas por razões óbvias. Os meus irmãos Vasquinho e André. Amo-vos para sempre. Os meus afilhados. Beatriz e Tomás. São e vão ser sempre tudo para mim.

Last, *but not least*. João. Obrigado pelo teu apoio, incondicional. A distância. ☺

À D. Arlete, à D. Fátima, à Sofia e à D. Lurdes dos serviços académicos.

Às Câmaras Municipais de Melgaço, Amares, Vila Real, Braga, Bragança, Sernancelhe, Arcos de Valdevez, Guarda e Nisa. Às Juntas de Freguesia de Larinho (Torre de Moncorvo, Bragança), Ermesinde (Porto), Gião (Vila do Conde, Porto), Fiscal (Amares, Braga), Figueiró da Serra (Gouveia, Guarda), Granjal (Sernancelhe, Viseu), Santo André (Montalegre, Vila Real), Fragosela (Viseu), Vera Cruz (Aveiro), Janeiro de Baixo (Pampilhosa da Serra, Coimbra), Ponta Garça (Vila Franca do Campo, Ilha de S. Miguel, Açores), Unhais da Serra (Covilhã, Castelo Branco). À Biblioteca Municipal Júlio Teixeira (Vila Real), à Biblioteca Professor Adriano Moreira (Bragança) e à Biblioteca Municipal Dr. Motta & Moura (Nisa). À Universidade do Minho - ILCH e Universidade dos Açores. Ao Museu do Traje Dr. Gonçalo Sampaio (Braga), Museu do Bordado e do Barro (Nisa), ao Museu de Arqueologia e Numismática (Vila Real) e ao Museu do Douro (Peso da Régua). Ao Centro Social e Paroquial de Larinho, Centro Social e Cultura de Santo Aleixo, Centro Social Paroquial - Arcos de Valdevez, Centro Social e Paroquial do Vale e ao Centro Desportivo, Cultural, Recreativo e Social de Gião. Ao Teatro Municipal da Guarda.

[...] [C]*omeçámos* [...] *a recolher materiais por todo o País* [...] *em* [...] *localidades portuguesas espalhadas pelas distintas províncias. Foi para mim uma experiência fundamental que muito influiu no curso da minha própria vida, porque* [tinha] *sido, até àquele momento, um investigador de gabinete, a partir daí fui, também, um investigador de campo, que esteve em contacto com as mulheres e homens do campo,* [...]. *O trabalho obrigava-nos* [...] *a permanecer três ou quatro dias instalados numa aldeia, que às vezes, nem sequer tinha uma casa de hóspedes.* [...] [C]*onvivi* [...] *com gente do povo - aprendi o que era Portugal*. [...] [C]*onheci o Portugal vivo, o Portugal das aldeias e dos portos*. [...]

(*in* Lindley Cintra, L. F. 1989. *Diálogo: depoimento*.
Entrevista dirigida por José Mattoso; adaptações minhas)

1. INTRODUÇÃO

1.1 Justificação do estudo

O estudo sobre a variação prosódica no Português Europeu (PE) era, até recentemente, muito limitado. Os primeiros trabalhos que abordam questões de natureza variacionista no PE no domínio da prosódia têm em conta questões rítmicas e entoacionais (Frota & Vigário 2000; Vigário & Frota 2003; Frota & Vigário 2007).

Com o propósito de uma descrição dos sistemas linguísticos das variedades do Português, o projeto *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* (*InAPoP*) (PTDC/CLE-LIN/119787/2010), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Frota coord. 2012-2015) e pioneiro na descrição da variação prosódica da Língua Portuguesa no quadro da Fonologia Prosódica, visa desenvolver investigação neste sentido, dentro de um programa de âmbito internacional. No âmbito do *InAPoP*, é proposto um sistema de análise prosódica de *corpora* de fala, juntamente com um conjunto de procedimentos metodológicos que permitem um trabalho baseado em metodologias similares com o intuito de estabelecer comparações entre as variedades do Português, bem como entre as diferentes línguas Românicas (Catalão, Espanhol, Francês, Friuliano, Italiano, Occitano, Português, Romeno e o Sardo, inseridos no projecto *Interactive Atlas of Romance Intonation* - Prieto, Borràs-Comes & Roseano (coords. 2010-2014). Os resultados dos estudos de variação em Português encontram-se disponíveis na plataforma interativa do projeto *InAPoP*, acessível através do link http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/ (Frota & Cruz coords. 2012-2015).

Com o objetivo de descrever o sistema prosódico das diferentes variedades do Português, neste caso a Europeia, no âmbito do *InAPoP* têm sido recolhidos dados de fala visando obter dados de dois pontos de inquérito em cada um dos distritos portugueses, um ponto urbano e um ponto rural, em Portugal Continental e nas ilhas de São Miguel, no Arquipélago dos Açores e na ilha da Madeira, no Arquipélago da Madeira.

O presente estudo, integrado nesse projeto mais amplo, utiliza *corpora* recolhidos nesse quadro e adota o mesmo enquadramento teórico e metodológico. Entre os tópicos de interesse no âmbito do projeto está a variação no PE na resolução de hiatos, assunto investigado para a variedade *standard* (SEP) em Frota (2000) e recentemente trabalhada noutras variedades, precisamente no âmbito do projeto referido. Na verdade, este é um domínio que tem sido estudado em várias línguas românicas e que tem mostrado áreas de variação de grande interesse (Frota 1995, 2000; Tenani 2002; Fernandez Rei 2002; Bisol

2003; Cabré & Prieto 2005; Chitoran & Hualde 2007). O estudo que aqui se desenvolve visa contribuir para a compreensão da variação na resolução de hiatos no PE e mais em geral no espaço Românico, incidindo em particular sobre uma sequência vocálica que pode originar uma estratégia de resolução de hiato entre palavras, até onde julgamos saber, específica de variedades do PE, designadamente a inserção de [j] entre vogais centrais.

São várias as referências na literatura a fenómenos fonológicos que ocorrem entre palavras (e.g. Vasconcellos 1896/1987; Lopo 1895; Santos 1897; Pereira 1906; Boléo & Silva 1962; Cintra 1971; Rodrigues 2001, 2002, 2003; Aguiar 2008; Segura 2013; *inter alia*), mas poucas são as descrições que têm em conta questões de natureza prosódica, para além da necessidade de a segunda vogal do hiato ser portadora de acento. É possível encontrar na literatura, contudo, algumas referências ao que podemos hoje enquadrar no domínio da fonologia prosódica. Por exemplo, Vasconcelos (1901) descreve a inserção de *i* para quebra de hiato entre vogais orais entre palavras, caracterizando-a como *fonética sintática*.

Os fatores extralinguísticos podem ser determinantes para a ocorrência de determinados fenómenos linguísticos (Labov 1966, 1972), como o tipo de modalidade discursiva, a idade, a distinção entre pontos urbanos e pontos rurais. Labov (1966, 1972), Trudgill (1974), entre outros, mostram o impacto que este tipo de fatores exerce no desempenho linguístico dos informantes. Labov (1966, 1972) descreve ainda a importância da distinção entre tarefas mais casuais vs. tarefas mais formais, pois a presença de certos fenómenos vernáculos pode ser ocultada, já que nas tarefas mais formais os informantes tendem a usar a contrapartida *standard*, muitas vezes encarada como a variedade de prestígio. Rodrigues (2003) também descreve a importância dos fatores extralinguísticos em variedades do Português. A autora observa o comportamento do inventário fonológico das variedades de Lisboa e Braga e tem em conta fatores como a escolaridade, o sexo e a idade, concluindo que este último fator desempenha um papel importante, pois o grupo de falantes com idades compreendidas entre os 26 e os 39 anos apresentam um efeito de standardização em maior grau do que os restantes.

Apesar de se saber que fenómenos prosódicos como o aqui em estudo são frequentemente condicionados por fatores de natureza linguística e extralinguística, esses fatores encontram-se por estudar em relação à resolução de hiatos compostos por vogais centrais nas áreas geográficas onde há referência ao fenómeno de inserção de glide para quebrar este tipo de hiatos.

1.2 Objetivos

O objetivo da presente investigação é descrever de modo sistemático o fenómeno de inserção de glide entre vogais centrais. Ter-se-á em conta, em particular, a frequência de ocorrência do fenómeno em função das condições prosódicas e das condições extralinguísticas, a saber, distribuição geográfica, tipo de tarefa discursiva e idade. Até onde se sabe, o fenómeno de inserção de glide entre vogais adjacentes não foi até hoje alvo de investigação sistemática. Trabalhos mais recentes, como Segura (2013), apenas referem que o fenómeno se encontra ativo desde o lado ocidental do território português, a norte de Vieira de Leiria, até Castelo Branco, passando por Santarém.

Com este estudo, desenvolvido no quadro da fonologia prosódica e moldado pelo conhecimento já existente sobre aspetos da prosódia das variedades do Português Europeu (Frota 2000, 2014; Vigário 2003, 2010; Frota, Cruz, Fernandes-Svartman, Collischonn, Fonseca, Serra, Oliveira & Vigário 2015), espera-se contribuir para o alargamento do conhecimento dos fenómenos fonológicos que se aplicam entre palavras, a partir de um modelo que se pretende capaz de descrever os sistemas linguísticos das línguas, em particular, o modelo da fonologia prosódica (Nespor & Vogel 1986).

1.3 Hipóteses de trabalho

Como visto na secção (1.1), as estratégias de resolução de hiato são um tópico há muito trabalhado na literatura, como visto anteriormente (Casali 1996, 1997; Frota 2000; Cabré & Prieto 2005; *i.a.*). Uma vez que há línguas que não toleram sequências vocálicas, são várias as estratégias para resolver sequências vocálicas.

A resolução de sequências vocálicas que envolvem vogais centrais está bem descrita para a variedade *standard*. Frota (2000) identifica as operações fonológicas que reparam esta sequência nessa variedade (ver secção 2.2).

Uma vez que os trabalhos descritos na literatura abordam a existência de um fenómeno de resolução do hiato envolvendo vogais centrais que passa pela inserção de um segmento [j], o nosso trabalho passa pela elaboração de quatro hipóteses, que são o nosso ponto de partida.

A hipótese 1, que a seguir reproduzimos, relaciona-se com o comportamento fonológico do fenómeno nos níveis sintagmáticos, uma vez que este ocorre entre PW:

> **Hipótese 1**: *o fenómeno tem um domínio prosódico de ocorrência, que pode ser o interior ou o limite de grupo de palavra prosódica* (PWG)*, sintagma fonológico* (PhP) *ou sintagma entoacional* (IP).

A aplicação de certos fenómenos fonológicos pode não só ser condicionada pela organização dos constituintes prosódicos, como podem, também, ser sensíveis à presença de acento de palavra e de níveis de proeminência superiores e ao estatuto fonológico da palavra que V_1 integra. Assim, na hipótese 2, postulamos que o fenómeno de inserção de [j] é sensível aos níveis de proeminência sintagmáticos e ao estatuto da palavra que V_1 integra:

> **Hipótese 2**: *o fenómeno é sensível a outros aspetos prosódicos, designadamente ao nível de proeminência de V_2 e ao estatuto fonológico da palavra que V_1 integra (neste caso, CL ou PW).*

Examinamos, a partir da hipótese 3, o comportamento sociolinguístico dos falantes tendo em conta o tipo de tarefa na recolha de dados de fala e os fatores idade e região, como referido por Labov (1966, 1972):

> **Hipótese 3**: *os fatores extralinguísticos têm um papel fundamental na ocorrência de fenómenos linguísticos, podendo, designadamente, ser responsáveis pelo bloqueio/favorecimento da emergência de determinadas marcas dialetais.*

Dadas as referências encontradas na literatura, o fenómeno encontra-se ativo desde o lado ocidental do território português, a norte de Vieira de Leiria, até Castelo Branco, passando por Santarém (Segura 2013). A partir da recente recolha de dados de fala no âmbito do projeto *InAPoP*, postulamos, a partir da hipótese 4, que as características linguísticas da variedade *standard* (SEP) se propagam para outros dialetos (Rodrigues & Simões 2013).

Hipótese 4: *embora o fenómeno se encontre ativo desde o lado ocidental do território português, a norte de Vieira de Leiria, até Castelo Branco, passando por Santarém (Segura 2013), a predominância populacional da variedade standard, os meios de comunicação social e a mobilidade actual das populações favorecem a regressão do fenómeno*.

1.4 Organização do estudo

O presente trabalho estará organizado da seguinte forma: no segundo capítulo será apresentado o enquadramento teórico com foco no contributo do modelo da fonologia prosódica para a compreensão dos fenómenos segmentais; no terceiro capítulo será descrita a metodologia utilizada para a recolha, tratamento e análise dos dados; no quarto capítulo serão descritos os resultados obtidos, tendo em conta as orientações apresentadas na metodologia; no quinto capítulo será feita uma reflexão e uma discussão sobre os resultados encontrados; por fim, no sexto capítulo serão apresentadas as conclusões do presente estudo.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo são apresentados os pressupostos teóricos que sustentam o presente estudo, faz-se uma revisão dos aspetos mais salientes no domínio da variação dialetal no Português e procede-se a um levantamento das formas de resolução de hiatos existentes nas línguas. Na secção 2.1 é descrita a fundamentação teórica no quadro da Fonologia Prosódica: em 2.1.1 é apresentada a hierarquia da Fonologia Prosódica do PE e em 2.1.2 são descritos os padrões de proeminência nesta língua. Na secção 2.2 são apresentados os pressupostos sobre a relação entre a estrutura fonológica segmental e a fonologia prosódica.

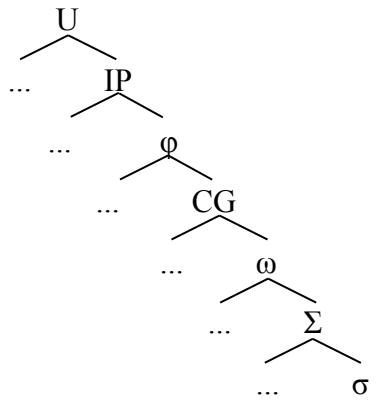
Uma vez que o presente estudo incide sobre questões de variação, são apresentados, na secção 2.3, os primeiros trabalhos sobre a Geografia Linguística em Português Europeu (subsecção 2.3.1) e a caracterização da variação diatópica que se conhece em diferentes componentes gramaticais: fonético-fonológica segmental e prosódica, e lexical e morfossintática (subsecções 2.3.2 e 2.3.3, respetivamente). Com vista ao enquadramento do fenómeno particular de inserção de [j] aqui em estudo, que opera entre vogais, na secção 2.4 procede-se a uma revisão da literatura sobre as estratégias usadas nas línguas para a resolução de hiatos.

2.1 Fundamentação teórica no quadro da Fonologia Prosódica

A Fonologia Prosódica é um modelo teórico em que, na versão *standard*, se assume a existência de um número finito e fixo de constituintes prosódicos, que formam os contextos para aplicação das regras fonológicas. Os constituintes prosódicos, embora construídos com base em informação morfossintática, são distintos de constituintes morfossintáticos, pois o isomorfismo não é obrigatório (Hannahs 1995; Booij 1996; Nespor & Vogel 1986; Frota 2000, 2014; Vigário 2003, 2010; entre outros).

As unidades de discurso organizam-se em domínios fonológicos de forma hierárquica: as sílabas (σ) agrupam-se em pés (Σ) que formam palavras (ω ou PW); estas por sua vez agrupam-se e formam constituintes maiores, neste caso, o sintagma fonológico (φ ou PhP), que formam grupos acima destes, os sintagmas entoacionais (IP). Toda a estrutura é dominada pelo constituinte mais alto da hierarquia, o enunciado (U), tal como representado em (1), de acordo com a proposta de Selkirk (1981), recuperada em Nespor & Vogel (1986).

(1)



É no domínio dos constituintes prosódicos que ocorrem os fenómenos fonológicos e onde se estabelecem generalizações, designadamente processos segmentais, fenómenos entoacionais e de proeminência, entre outros (Nespor & Vogel 1986; Frota 2000, 2014 e Vigário 2003, 2010 para o Português Europeu). Segundo Nespor & Vogel (1986: 14), as regras da fonologia prosódica são de dois tipos: as regras de *mapping*, que estabelecem a interface entre as componentes da gramática e as regras fonológicas propriamente ditas. As primeiras regras definem as unidades da hierarquia prosódica e as últimas são responsáveis pela mudança no padrão fonológico. As autoras notam ainda que uma das diferenças entre o quadro do modelo generativo clássico[1] e o quadro da fonologia prosódica reside no facto de, no primeiro modelo, as regras fonológicas investigadas se aplicarem, maioritariamente, no domínio da palavra. No quadro da fonologia prosódica, nenhuma assumpção pode ser feita e o domínio da aplicação deve ser explícito para todas as regras[2].

As regras fonológicas aplicam-se nos domínios definidos na hierarquia prosódica. Para Selkirk (1981) as regras prosódicas podem ser de três tipos: *domain span* (regra que se aplica dentro do constituinte), *domain juncture* (regra que se aplica entre constituintes, dentro de um constituinte maior) e *domain limit* (regra que se aplica no limite de um constituinte), exemplificado abaixo (2)[3]:

[1] Veja-se Chomsky & Halle (1968).
[2] Veja-se o exemplo para o PE, onde Frota (2000) define que o bloqueio do vozeamento da fricativa coronal é do domínio do IP.
[3] Este é o formalismo adotado em Nespor & Vogel (1986), onde onde X, Y e Z são sequências de segmentos, ou zeros fonéticos, e D_i e D_j são categorias prosódicas, com exemplos do Português Europeu: o fenómeno em a) consiste na semivocalização de uma vogal alta quando seguida de outra vogal, que se aplica no interior de um sintagma entoacional; o fenómeno em b) consiste na queda de uma sílaba quando seguida por outra similar, que opera entre palavras prosódicas dentro de um sintagma entoacional; e, finalmente, o processos ilustrado em c) consiste na inserção de [i] em posição final de sintagma entoacional terminado em oxítona, característica de certas regiões do Sul de Portugal.

(2) a. *domain span*

$A \rightarrow B \ / \ [...A_B...]_{D_i}$

bel[w] *amigo* (Frota 2000)

b. *domain juncture*

$A \rightarrow B \ / \ [...[...X_Y]_{D_j} [Z...]_{D_j} ...]_{D_i}$

$A \rightarrow B \ / \ [... [...X]_{D_j} [Y_Z...]_{D_j} ...]_{D_i}$

o cam[Ø] *perdia-se de vista* (Frota (2000)

c. *domain limit*

$A \rightarrow B \ / \ [...X_Y]_{D_i}$

$A \rightarrow B \ / \ [X_Y...]_{D_i}$

o presidente tomava esse café[i] (Cruz 2013)

Por se reconhecer que muitos dos fenómenos fonológicos estão dependentes da organização dos constituintes prosódicos (Selkirk 1984 e Nespor & Vogel 1986), e passando a organização a ser observada como fonológica e não apenas morfossintática, a discussão sobre o mapeamento entre a morfossintaxe e a prosódia revelou-se uma área de estudo importante para o conhecimento da gramática. Tornou-se claro, por exemplo, que a estrutura prosódica não é, única e exclusivamente, construída com base em (alguma) informação sintática, mas também fonológica, daí decorrendo que a estrutura nas duas componentes não é isomórfica (Selkirk 1984, 1996; Steedman 1991; Truckenbrodt 1995, 1999, 2007; Nespor & Vogel 1986; Wagner 2005; Wagner & Watson 2010).

A *Strict Layer Hypothesis* (SLH), proposta por Selkirk (1984) e recuperada em Nespor & Vogel 1986: 7), determina que a estrutura hierárquica (ou árvore prosódica) se forma de acordo com princípios que definem largamente a sua geometria, mais especificamente (i) uma unidade não terminal X^p é composta por uma ou mais unidades da categoria imediatamente abaixo, ou seja, X^{p-1}, (ii) uma unidade num nível da hierarquia está exaustivamente contida na categoria superior da qual ela faz parte, (iii) a estrutura hierárquica da fonologia prosódica é *n-ariamente* ramificada e (iv) a relação de proeminência relativa definida para os nós irmãos é tal que um nó é assinalado como forte (*strong*) e os outros nós assinalados como fracos (*weak*).

Desta forma, as autoras estabelecem a regra geral para a construção de constituintes onde se agrupa *n-ariamente* a um X^p todos os X^{p-1} incluídos numa cadeia delimitada pela definição do domínio de X^p. A geometria das árvores é determinada pela combinação dos princípios acima e pela aplicação da regra geral de construção dos constituintes.

Assim, é possível estabelecer algumas configurações excluídas, à partida, pela *SLH*: *multiple domination*, *heterogeneous sisters, skipping of levels* e *recursion*, ou seja, não são possíveis as geometrias que permitam dominância múltipla, nós irmãos heterogéneos, saltos de níveis e recursividade. Este conjunto de geometrias impossíveis determina a organização de um número fixo e limitado de constituintes prosódicos.

De acordo com esta conceção, um constituinte não pode dominar um constituinte de um nível mais alto e um constituinte de um dado nível não pode dominar um constituinte do mesmo nível. Com implicações nas diferenças fundamentais entre estruturas sintática e prosódica, daqui decorre que, se um constituinte não pode dominar um constituinte de um nível mais alto, então, o número de níveis é determinado pelo número de constituintes prosódicos existentes (Ladd 1996; Frota 2000, 2012; Vigário 2010).

2.1.1 A Estrutura Prosódica do Português Europeu: Hierarquia

Segundo Nespor & Vogel (1986: 109), as palavras prosódicas são construídas a partir do mapeamento regulado por noções morfológicas (e sintáticas). Vigário (2003) nota que são muitos os processos que operam tendo como referência a palavra prosódica no PE, dando assim evidências para o seu estatuto de constituinte fonológico, entre os quais o fortalecimento de /ɾ/ inicial ou a elisão de vogal não-recuada em posição final. Assume-se no presente estudo o algoritmo para a definição de PW no PE, assim como as condições de boa formação, propostos por Vigário (2003)[4]: (i) uma palavra prosódica mínima tem apenas um e só um acento lexical primário, (ii) uma palavra prosódica máxima tem apenas um e só um

[4] Na esteira de Booij & Rubach (1984), onde os autores assumem a existência de recursividade no nível da PW de forma a dar conta de fenómenos segmentais distintos que operam em diferentes domínios, PW e PW^{max}, Vigário (2003) assume, para o PE, PW recursivas a partir da (im)possibilidade da elisão de vogal não-recuada. A autora nota que o processo de apagamento de vogal não-recuada depende dos diferentes tipos de palavras fonológicas envolvidas e das diferentes configurações prosódicas. Em 2010, Vigário refuta esta ideia, mostrando, com fortes evidências, que estamos perante diferentes níveis prosódicos e não apenas duas "camadas" do mesmo constituinte. Uma dessas evidências diz respeito à existência de línguas, como o Holandês (Booij 1995), em que as regras de acentuação de constituintes, anteriormente considerados PW recursivas, são diferentes ao nível do constituinte mais baixo (anteriormente PW^{min}) e ao nível da PW recursiva mais alta (anteriormente PW^{max}). Vigário (2010) nota que, se houvesse de facto recursividade, esperava-se que as regras, operando nos níveis mais baixos, fossem exactamente as mesmas que nos níveis mais altos da mesma categoria.

elemento proeminente e (iii) um elemento que possua acento lexical deve ser incluído dentro de uma palavra prosódica mínima.

Como Vigário (2010: 488) refere, nas propostas inicias sobre a estrutura prosódica das línguas surge o Grupo Clítico (CG) (Hayes 1989[5]; Nespor & Vogel 1986) e é este constituinte que tem suscitado maior controvérsia. O CG é o domínio que se situa entre a PW e o PhP. Este constituinte, numa primeira abordagem, incorporava uma PW e os seus possíveis clíticos ou agrupava os elementos internos de palavras compostas. Segundo Nespor & Vogel (1986: 146-149), a motivação para a existência deste nível prosódico é fonológica. Por exemplo, a atribuição do acento lexical em Latim inclui o clítico, que se comporta por isso como parte integrante da palavra. Mais concretamente, quando um clítico é ligado à palavra, o acento primário muda da sua posição original para a sílaba que antecede imediatamente o clítico[6]. Também no Grego Demótico os clíticos mostram-se elementos alojados no interior da palavra, havendo um reajuste no padrão acentual quando um CL é adjungido a uma palavra com um acento primário na antepenúltima sílaba (ver nota 6).

A fonologia da cliticização no PE é investigada sistematicamente em Vigário (2003). Na esteira de outros autores, a autora define os elementos lexicais com esse estatuto no PE como elementos átonos, sem acento lexical e fonologicamente dependentes do hospedeiro - no caso do PE obrigatoriamente a PW. A autora determina a direcionalidade dos CL a partir dos fenómenos de fronteira de PW. Para além da direcionalidade, que distingue naturalmente proclíticos e enclíticos, a estrutura desencadeada por estes dois tipos de cliticização é diferente. Se por um lado a ênclise desencadeia estruturas de incorporação à PW - $(pede\text{-}o)_{PW}$ - por outro, a próclise desencadeia estruturas de adjunção à PW - $((do\ (intervalo)_{PW})_{PW}$ (Vigário 1998: 367; Vigário 2003: 186-203, 326-328).

Note-se que a abordagem de Vigário se afasta a este respeito do modelo clássico da Fonologia Prosódica de Nespor & Vogel (1986), onde se assume que os CL são integrados na

[5] Note-se que o CG é proposto por Hayes (1989), estando o trabalho do autor referenciado, anteriormente, em Nespor & Vogel (1986) como publicação *a aparecer*.

[6] Nespor & Vogel (1986) consideram que a alteração da posição do acento lexical, desencadeado pela adjunção de um CL, é uma evidência para considerar os CL como elementos no interior de PW. Abaixo, reproduzem-se os exemplos do Latim e do Grego onde as autoras mostram o reajuste da posição do acento lexical na sequência de um processo de cliticização:

a. *vírum*	"o homem"
b. *virúmque*	"e o homem"
c. *cum vóbis*	"convosco"
d. *vobíscum*	"convosco"
e. *ο άνθρωπος*	"o homem"
f. *ο άνθπωπός μας*	"o nosso homem"

estrutura num domínio próprio, o CG de uma versão forte da SLH, em que não existe, designadamente, qualquer forma de recursividade ou saltos de níveis na estrutura prosódica. São várias as críticas à existência do CG na hierarquia e vários autores apontam razões contra a inclusão de CG nas árvores prosódicas: (i) a distinção entre CG e PW pode ser reinterpretada como uma distinção entre PW lexicais e PW pós-lexicais, ou seja, as PW presentes na componente lexical, que não incluem clíticos, e as PW reformuladas depois da combinação pós-lexical e pós-sintática dos clíticos com os seus hospedeiros; (ii) os clíticos podem adjungir-se a níveis mais altos do que o CG, neste caso IP e PhP, o que implica que não há um constituinte com uma posição fixa na hierarquia que necessariamente alberga o clítico; (iii) pode haver nas línguas assimetria entre enclíticos e proclíticos na forma como se organizam prosodicamente com o seu hospedeiro (Inkelas 1990; Booij 1996; Selkirk 1996; Vigário 2003, 2010), entre outros. Estas razões levam à eliminação do CG como um constituinte prosódico e a propostas que integram estruturas prosódicas com saltos de níveis e recursividade (Selkirk 1996 e seguintes).

Para além da prosodização dos clíticos, também a prosodização de palavras compostas que incluem mais de uma PW eram consideradas, na proposta de Nespor & Vogel (1986), um CG. Admitindo os argumentos contra o CG, relacionados com a prosodização dos clíticos, mas também o comportamento prosódico particular deste tipo de palavras, que integram mais do que uma PW, mas não se comportam como PhP, Vigário (2007, 2010) propõe reconverter o CG num domínio de nível idêntico, crucialmente relevante apenas para a organização de expressões do tipo das palavras compostas. Este constituinte é aí denominado *Prosodic Word Group*[7] (PWG).

Os domínios prosódicos superiores no PE, o sintagma fonológico (PhP) e o sintagma entoacional (IP), são os primeiros a ser investigados no quadro da teoria da Fonologia Prosódica (Frota 1994, 1995, *et seq*.). A autora estuda, através de evidências segmentais, duracionais e entoacionais, a organização dos constituintes acima da palavra. Em relação ao PhP, Frota (2000) identifica poucas evidências de natureza segmental para a sua existência e nota que este constituinte também tende a não ser entoacionalmente assinalado em frases declarativas neutras. Esse comportamento leva a autora a discutir a consequência teórica da aparente invisibilidade do constituinte, concluindo que ele não põe, contudo, em causa a sua existência, já que existem evidências suficientes para o constituinte, mesmo que algo subtis, como veremos em seguida. Nesse sentido, a autora propõe que as categorias prosódicas nas

[7] Veja-se, na secção 2.2, as evidências extraídas de Vigário (2010).

línguas possam ter um carácter mais ou menos fraco/forte – no caso do PhP no SEP esta será uma categoria fraca. Como noutras línguas, o PhP em PE é construído, parcialmente, com base em noções sintáticas muito gerais (cabeça lexical - Lex -, projeção máxima da cabeça lexical - Lex^{max} - e lado recursivo). As cabeças lexicais são os núcleos de natureza lexical dos sintagmas sintáticos (Nespor & Vogel 1986; Frota 2000, 2004, 2014) e, por defeito, a PW mais à direita de PhP é o elemento proeminente (cabeça de PhP). Por questões de peso fonológico, o PhP em PE deve conter mais material do que uma PW. Frota (2000, 2014: 10) apresenta três tipos de evidências para PhP: (i) fenómenos de alongamento, (ii) comportamento de processos de sândi e (iii) a distribuição tonal.

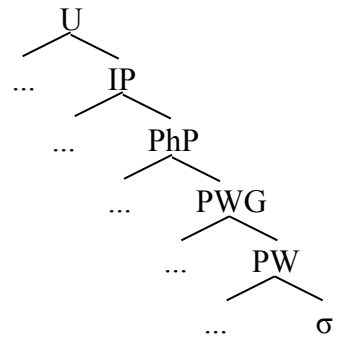
No presente estudo, adota-se o algoritmo que estebelece a formação do PhP em PE de Frota (2000: 56, 365) em que o domínio da formação do PhP é definido pela configuração [... Lex XP ...]Lex^{max} (onde Lex é a cabeça de uma categoria lexical e Lex^{max} é a projecção máxima de uma categoria lexical). A construção de PhP incorpora os elementos Lex que estão organizados no PhP de tal modo que todos os elementos no lado não-recursivo de Lex, que ainda permaneçam dentro de Lex^{max}, estão contidos no mesmo PhP que Lex.

O Sintagma Entocional (IP) agrupa todos os PhP que estão estruturalmente ligados à frase raiz. Frota (2000, 2014) acrescenta que, tal como noutras línguas, no PE os PhP não ligados à frase matriz, formam, por si só, um IP independente (por exemplo, expressões parentéticas, perguntas *tag*, vocativos, tópicos). Para além desta, existem ainda condições para boa formação do IP, que decorrem de restrições de peso e tamanho. Por um lado, os IPs tendem a dividir-se de modo equilibrado em termos de tamanho ou o mais longo tende a ocorrer mais à direita e, por outro, os IPs longos tendem a formar IPs mais curtos. Este fraseamento opera, segundo Frota (2014), da esquerda para a direita, resultando num fraseamento $(S)_{IP}$ $(VO)_{IP}$, para enunciados $(SVO)_{U}$ em que o Sujeito tenha uma extensão superior a oito sílabas (Elordieta, Frota & Vigário 2005: 134). O elemento proeminente de IP por defeito é o PhP mais à direita, excepto quando ocorre um foco contrastivo. Frota (2014: 12) refere que são muitas as evidências para o nível de fraseamento em PE no domínio de IP, incluindo regras de sândi, como a semivocalização e o vozeamento da fricativa. A par das evidências segmentais, o IP também é o domínio da melodia mínima em PE. Na variedade *standard*, apenas o PhP proeminente de IP é obrigatoriamente portador de acento tonal e apenas o limite direito deste constituinte é marcado com tom de fronteira. No limite esquerdo de IP é opcional a marcação tonal (%H ou H, associado ao elemento proeminente ou à

fronteira da primeira PW de IP dentro do domínio da primeira PW, quando IP tem mais do que uma PW).

Assim, existe evidência para a hierarquipa prosódica no PE integrar, acima da sílaba, e abaixo do enunciado, a palavra prosódica (PW), o *prosodic word group* (PWG), o sintagma fonológico (PhP) e o sintagma entoacional (IP), como se mostra abaixo (3).

(3)



É a hierarquia que acima se reproduz a assumida no presente trabalho e os dados analisados serão observados tendo em conta os domínios propostos para o PE.

2.1.2 A Estrutura Prosódica do Português Europeu: Padrões de proeminência

Na perspetiva teórica da fonologia prosódica, Nespor & Vogel (1986) notam que os princípios da ramificação binária que assinalavam o acento de palavra não eram suficientes para as estruturas com características *n*-árias. Desta forma, as autoras propõem incorporar nos princípios de boa formação das árvores prosódicas o princípio de, num dado constituinte prosódico, um dos nós que domina ser o mais forte. As autoras notam ainda que a proeminência relativa na formação do PhP nas línguas onde as árvores sintáticas ramificam à direita corresponde ao nó mais à direita, que corresponde em geral a X^{Lex} sendo esse nó etiquetado como forte: [[*Avera*]$_{C_w}$ [*giá*]$_{C_w}$[*visto*]$_{C_s}$]φ [[*molti*]$_{C_w}$ [*canguri*]$_{C_s}$]$_{\varphi}$. Nas línguas cujas árvores sintáticas são ramificadas à esquerda, pelo contrário, o elemento forte corresponde ao nó mais à esquerda de PhP. Todos os nós irmãos de *s* são assinalados como *w*. As autoras acrescentam que, ao nível do IP, a proeminência corresponde ao PhP mais à direita, mas pode variar, pois a posição do nó *s* não pode ser determinada para a categoria

como um todo. Para determinar a posição forte no IP é necessário ter em conta fatores de natureza semântica como o foco e informação nova vs. dada (Nespor & Vogel 1986: 170-191; Frota 2000, para o PE).

Para o PE, segundo Frota (2014: 10-11) e Vigário (2010), acima de PW a posição proeminente por defeito de PWG e PhP localiza-se no nó mais à direita destes constituintes. São vários os fenómenos que mostram os padrões de proeminência em PE. Frota (2000: 83-98) e Vigário (2010: 499-503) mostram que a queda de V_1, num encontro V_1V_2, depende do nível de proeminência, neste caso de PhP e PWG, em que se encontra a PW. No domínio do PWG, Vigário (2010) mostra que, quando V_1 é [ɨ], a queda dessa vogal está dependente da sua localização no constituinte prosódico no qual ela está integrada e do nível de proeminência de V_2. Por um lado, a queda de V_1 é permitida quando esta se encontra numa posição átona final de PW e, por outro, a queda de V_1 é bloqueada quando V_2 integra uma PW portadora de acento de PWG. No domínio de PhP, Frota (2000: cap.2) mostra que a possibilidade do apagamento ou semivocalização de V_1 depende dos níveis de proeminência das PW. Por um lado, se V_2 incorporar o elemento proeminente de PhP, a semivocalização da vogal arredondada é preferida, por outro, se V_2 incorporar uma PW que não é o elemento proeminente de PhP, a semivocalização e a queda da vogal arredondada são possíveis. Tal como Frota (2000: cap. 2) nota, o antagonismo acentual é uma configuração de grelha (rítmica) "mal formada" que tem implicações nessa mesma cadeia. Diferentes línguas determinam os níveis mínimos a que o antagonismo é tolerado. As estratégias com que as línguas podem contar são pelo menos duas: enfraquecimento do acento e um reforço do acento (veja-se a revisão bibliográfica em Frota 2000: 113-118). A autora avalia experimentalmente o antagonismo acentual em PE e verifica que o reforço, ou seja, a inserção de um batimento rítmico, opera quando os dois acentos se encontram dentro de PhP através do alongamento da sílaba acentuada da primeira PW (e da consoante, quando disponível, da sílaba acentuada da segunda PW). Essa estratégia não está, contudo, disponível entre PhP, pelo que o antagonismo nesse caso é tolerado.

Uma vez que a organização dos constituintes prosódicos e o estatuto fonológico dos mesmos são relevantes para a compreensão do comportamento de fenómenos de natureza segmental, como visto em 2.1 e para além da resolução de antagonismos acentuais vistos acima, será descrita, na subsecção seguinte, a relevância da estrutura prosódica na fonologia do PE.

2.2 A relevância da Estrutura Prosódica para a Fonologia do Português Europeu

Tem sido mostrado nas últimas décadas que a organização da estrutura prosódica desempenha um papel fundamental na fonologia do PE. Uma breve ilustração é apresentada abaixo.

Os processos segmentais que ocorrem entre palavras (ex.: sândi externo) implicam uma reorganização da estrutura silábica, através do processo de ressilabificação. A reorganização dos segmentos nos nós silábicos é uma das implicações da ressilabificação, assim como a especificação da realização dos segmentos envolvidos no processo. Segundo Frota (1995, 2000), os processos de sândi e, em particular, a realização da fricativa coronal em final de sílaba ou morfema, é sensível à fronteira de IP em PE. Descrições da fonologia linear enfatizam a importância do contexto segmental. Mateus (1975) e Andrade (1977) observam que a fricatica em contexto final de morfema adquire o traço de vozeamento do segmento que o sucede, realizando-se como [ʃ] se o segmento seguinte for [-vozeado], como [ʒ] se o segmento seguinte for [+consonântico] e [+vozeado] e como [z] se o segmento seguinte for [-consonântico]. No quadro da abordagem da Geometria de Traços (Clements 1985, 1990, 1991; Clements & Hume 1995), Mateus & Andrade (2000) e Rodrigues (2003) acrescentam que as realizações [ʃ] e [ʒ], especificadas no nível pós-lexical quanto ao vozeamento e ponto de articulação, dependem da assimilação (ou não) do nó Laríngeo e a realização [z] ocorre quando /S/ não tem especificação quanto a Coronal, ficando, assim, especificado com o ponto de articulação *default* e assimilando o vozeamento do segmento vocálico seguinte. Frota (2000, 2014) mostra que, a par do contexto segmental, a organização da estrutura prosódica condiciona o vozeamamento da fricatica. A autora mostra que o processo se aplica dentro de PhP e entre PhP e o vozeamento é bloqueado quando o segmento se encontra na fronteira direita de IP. Os exemplos em (4) ilustram a assimilação do vozeamento da fricativa tendo em conta a organização dos constituintes prosódicos.

(4)

a. (A[z] alunas)$_{PhP}$

b. (… caneta[z])$_{PhP}$ (aos amigos)$_{PhP}$

c. (oferecemo[z])$_{PhP}$ (orquídeas claras)$_{PhP}$

(Frota 2000: 61)

d. ([awʒ] jornalista[ʃ])$_{IP}$ (a[z] angolana[z] ofereceram especiarias)$_{IP}$

(Frota 2014: 14)

Na esteira de Sá Nogueira (1938), Frota (2000) observa que o fenómeno de haplologia é caracterizado como um processo dissimilatório, entre palavras, consistindo no apagamento da última sílaba de uma palavra quando a palavra seguinte é iniciada por uma sílaba idêntica ou muito semelhante. Frota (1995, 2000) mostra que a ocorrência do fenómeno é também condicionada pela estrutura prosódica, já que apenas ocorre dentro de IP, sendo bloqueado quando uma fronteira deste constituinte intervém entre as duas sílabas idênticas (como ilustrado em 5).

(5)

a. ((O campo)$_{PhP}$ (podia estender-se)$_{PhP}$ (até ao ribeiro)$_{PhP}$)$_{IP}$
^{OK}campodia

b. ((O campo)$_{IP}$ (porque foi leiloado)$_{IP}$ (rendeu algum dinheiro))$_{IP}$
*camporque

(Frota 2000: 76)

Os processos de apagamento ou semivocalização de vogal recuada em posição final de palavra (V_1) seguida de uma outra palavra que começa por vogal (V_2) são estratégias para resolução de hiatos em PE. Trata-se de fenómenos produtivos, que se aplicam no domínio do IP (*domain span*), como mostrado experimentalmente em Frota (2000), que formaliza os processos do modo reproduzido em (6) abaixo. Os fenómenos operam se as vogais se encontrarem dentro de PhP e entre PhPs, sendo bloqueados na fronteira direita de IP[8].

[8] Como mostra o exemplo em (6), Frota (2000), na esteira de Ladd (1996), assume recursividade em PE mas limitada ao nível do IP apresentando evidências a favor dos Domínios Prosódicos Compostos (*Compound Prosodic Domains*) no PE. Também em diferentes variedades do Português Europeu se encontraram evidências para os Domínios Prosódicos Compostos (também limitado ao nível do IP) - veja-se Cruz (2013), sobre o vozeamento da fricativa, e Barros (2014), sobre o fraseamento.

(6)

a. $\begin{bmatrix} V_a \\ +back \end{bmatrix} \rightarrow 0 \quad / \quad [...[... __]_{\omega} [V_b ...]_{\omega} ...]I^{max}$

b. $\begin{bmatrix} +high \\ \alpha back \\ \alpha round \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} -syllabic \end{bmatrix} \quad / \quad [... __ V ...]I^{max}$

Frota (2000)

Frota (1995, 2000) mostra que também a crase de vogais centrais em PE é condicionada pela organização prosódica. À semelhança dos processos acima referidos, a autora mostra que a crase opera quando sequências de duas vogais V_1V_2 se encontram dentro do mesmo PhP e entre PhPs. Pelo contrário, se as vogais ocorrerem em IPs distintos, a crase é bloqueada, tal como se pode observar em (7). Também a presença de acento lexical em V_1 e V_2 bloqueia o processo de crase.

(7)

a. (A aluna)$_{PhP}$
   ^{OK}[a]luna

b. (A aluna)$_{PhP}$ (aceitou)$_{PhP}$ (o emprego)$_{PhP}$
   ^{OK}alun[a]ceitou

c. (o galã)$_{PhP}$ (anda)$_{PhP}$ (de porche)$_{PhP}$
   *gal[ɐ̃]nda

d. (Espera sentada)$_{IP}$ (A Maria vai demorar)$_{IP}$
   *sentad[a]Maria

(Frota 2000: 80-81)

Os dados acima descritos mostram como a organização dos contituintes prosódicos em muito contribui para a forma como os processos segmentais se aplicam.

Tal como referido anteriormente, Frota (1995, 2000) mostra que o apagamento e a semivocalização não dependem só da organização dos constituintes prosódicos, mas também

são sensíveis à presença de acento de palavra e de níveis de proeminência superiores. Se, por um lado, o processo de crase é bloqueado se uma das vogais for acentuada, por outro, o apagamento ou a semivocalização são bloqueados se V_1 for acentuada, ao contrário do acento em V_2, que bloqueia ou não o processo dependendo da distância a que os acentos estiverem. Considerando os níveis de proeminência superiores, a autora conclui que a semivocalização, mas não o apagamento, opera se V_2 for o elemento proeminente de PhP, tanto dentro de PhP, (8a), como entre PhP, (8b). Se V_2 não for portadora de acento de PhP, então o apagamento e a semivocalização podem operar (como ilustrado em 8c). Note-se que aqui as maiúsculas representam a sílaba tónica da PW proeminente de PhP.

(8) a. (O vestido ÂMbar)$_{PhP}$
*vestidâmbar; ^{ok}vestid[w]âmbar

b. (O MÚsico)$_{PhP}$ (Ama)$_{PhP}$ (a bailarina russa)$_{PhP}$
*músicama; ^{ok}músic[w]ama

c. (O bailaRIno)$_{PhP}$ (anda SEMpre)$_{PhP}$ (de limusine preta)$_{PhP}$
^{ok}bailarinanda; ^{ok}bailarin[w]anda

(Frota 2000: 87-88)

A impossibilidade de queda vocálica descrita acima acontece porque, segundo a autora, a queda provocaria uma situação de antagonismo acentual (*stress clash*), envolvendo níveis de acento em que, no PE, os antagonismos acentuais não são tolerados. Neste caso, segundo Frota (2000), os processos de semivocalização e apagamento têm de respeitar a configuração mínima de antagonismo (veja-se a configuração proposta por Frota 2000: 92). Para a autora, em (8a), a semivocalização resulta como um processo que permite distanciar os acentos dentro de PhP. O antagonismo é tolerado dentro de PhP, através do alongamento da sílaba acentuada da primeira PW (e da consoante da sílaba acentuada da segunda PW) e pelo bloqueio do apagamento, e evitados entre PhP, se a segunda PW for proeminente de PhP (secção 2.1.2).

Para os domínios abaixo de PhP, também os níveis de proeminência das palavras que se encontram no interior desses domínios são relevantes para a aplicação ou bloqueio de processos fonológicos. Vigário (2003) mostra que o apagamento da vogal /e/, que é em geral obrigatório em fim de PW, está condicionado pelo domínio interpretado mais tarde como

PWG (Vigário 2010). O exemplo (9a) ilustra a organização prosódica de uma sigla, que é uma palavra composta por várias palavras prosódicas, correspondentes aos nomes das letras da sigla. A queda de V_1 final é bloqueada em (9b), porque neste caso essa vogal é seguida por uma vogal que recebe proeminência de PWG (***eme***). A queda em "erre" não é bloqueada porque V_2 não é portadora de acento de PWG, embora a queda em "efe" seja bloqueada porque V_2 é portadora de acento de PWG. (9c) mostra que o bloqueio da queda neste último caso é obrigatório.

(9)

a. RFM ((erre)$_{PW}$ (efe)$_{PW}$ (eme)$_{PW}$)$_{PWG}$

b. ^{OK}[ˈɛʀ ˈɛf̲j̲ ˈɛm]

w w s proeminência de PWG

c. *[ˈɛʀ ˈɛf ˈɛm]

(Vigário 2010: 501)

De acordo com Vigário (2010), o apagamento de vogal fonológica não-recuada é assim um processo que opera no limite direito de PW, no interior de um PWG.

Além do domínio prosódico e dos níveis de proeminência, o estatuto fonológico das palavras condiciona a aplicação dos processos segmentais. Apresentam-se abaixo alguns exemplos que envolvem a queda de vogal não-recuada átona e em posição final de palavra.

O fenómeno de queda de vogal não-recuada átona final é um processo obrigatório e categórico quando V_1 (a sublinhado) integra uma PW, como ilustrado abaixo (10).

(10)

a. (*forte*)$_{PW}$ [0]

b. (*forte*)$_{PW}$ (*pessoa*)$_{PW}$ [0]

c. (*forte*)$_{PW}$ (*abrigo*)$_{PW}$ [0]

Vigário (2003: 104-105)

Por sua vez, se V_1 integrar um CL (11), o processo não é obrigatório. Esta opcionalidade decorre do facto de o comportamento da vogal resultar, não do processo de elisão de vogal em

final de PW, mas sim de um processo de redução que afecta as palavras de elevada frequência (o proclítico é um adjunto prosódico a PW).

(11)

a. ((*que*)$_{CL}$ (*ouvi*)$_{PW}$)$_{PW}$ [0] / [j]

Vigário (2003: 107)

A natureza do CL, por sua vez, também é determinante na forma como o processo de elisão de vogal final de PW se aplica, quer V_1 quer V_2 pertença ao CL. Os exemplos em (12) ilustram a aplicação do processo em função da forma como os clíticos se organizam prosodicamente com os seus hospedeiros.

(12)

a. (*disse-o*)$_{PW}$ *[0] / [j]

b. (*come-a*)$_{PW}$ *[0] / [j]

c. (*sempre*)$_{PW}$ *o disse* [0] / *[j]

d. (*disse*)$_{PW}$ o João [0] / *[j]

Em (12a-b) o CL é um pronome pós-verbal e é incorporado na PW hospedeira. Neste caso, o processo não opera, pois V_1 não é final de PW. Nos exemplos (12c-d), o CL é um proclítico, associando-se à PW à sua direita e não afectando, desta forma, a aplicação do processo de elisão de vogal não-recuada átona final da PW que o precede.

Estudos sobre unidades e padrões de frequência aplicados à variação fonológica na região da Terra Quente Transmontana[9] revelam que nesta região a frequência de V-*slots*, de consoantes e vogais e de diferentes tipo silábicos distingue-se da reportada até então considerando múltiplas regiões de Portugal em conjunto (Aguiar & Vigário 2010). As autoras identificam ainda a influência de fatores extralinguísticos na frequência de ocorrência destes objetos fonológicos, como a localização de cada concelho, e a escolaridade e a idade dos falantes. Frota, Vigário, Martins, Cruz, Matos & Paulino (2010) e Vigário, Frota, Martins &

[9] Fazem parte da Terra Quente Transmontana os municípios de Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor.

Cruz (2012), com o recurso às ferramentas *FreP*[10] e *FrePOP*[11], notam que os CL são altamente frequentes (num universo de mais de 1.000.000 de palavras) e que, particularmente, a região Norte de Portugal Continental apresenta um número de CL superior às restantes regiões (39% vs. 27,8% e 30,4%).

Posto isto, fica mostrado que a constituência prosódica, os níveis de proeminência em que os constituintes se encontram e o estatuto fonológico das palavras são relevantes para a aplicação de diversos processos fonológicos no PE.

2.3 Variação no Português Europeu

Neste subcapítulo fazemos uma breve revisão da investigação das componentes da gramática em variação no Português Europeu. Serão apresentados, por um lado, alguns dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do método de estudo da variação dialetal através de mapas linguísticos (cartografia) e, por outro, elementos fundamentais sobre as variedades dialetais no território Português.

2.3.1 Dialetologia do Português Europeu

Leite de Vasconcelos em 1897 (*Mapa Dialectológico do Continente Português*) propõe a existência de quatro grandes dialetos – o interamnense, o transmontano, o beirão e o meridional –, a par da existência de quatro co-dialetos: o galego, o mirandês, o riodonês e o guadramilês. Posteriormente, foram elaboradas várias novas tentativas de classificação dos dialetos portugueses. Boléo & Silva (1962) publicam o *Mapa dos Dialetos e Falares de Portugal Continental* e classificam as variedades, não como dialetos, mas como *falares*. Entre os *falares* do Português incluem o falar minhoto, o transmontano, o beirão, o do Baixo Vouga e Mondego, o de Castelo Branco e Portalegre e o meridional. A par dos falares, propõem a existência de quatro dialetos: o guadramilês, o riodonês, o mirandês e o barranquenho.

[10] A ferramenta *FreP - Frequency in Portuguese* (PTDC/LIN/70367/2006), desenvolvida pelo Laboratório de Fonética do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, é um instrumento desenhado com o intuito de extrair informação de unidades e padrões de frequências fonológicas a partir de texto escrito (Martins, Vigário & Frota 2016) [http://labfon.letras.ulisboa.pt/FreP/].

[11] A ferramenta FrePOP - Frequency Patterns of Phonological Objects in Portuguese: Research and Applications é uma base de dados de informação de frequência de elementos fonológicos (Frota, Vigário, Martins & Cruz 2010) [http://frepop.letras.ulisboa.pt/].

Vázquez Cuesta & Mendes da Luz identificam, em 1961, na *Gramática Portuguesa*, a existência de apenas três zonas dialetais: o Norte (que inclui o Minho, Douro e Trás-os-Montes), o Centro (Beiras, considerado pelas autoras como um dialeto de transição) e o Sul (constituído pela Estremadura, Alentejo, Algarve e o dialeto de Lisboa, considerando-o como o normativo).

Tendo em conta as propostas de classificação dialetais anteriores, a natureza dos materiais e outros critérios, Cintra (1971) propõe um quadro mais simples de classificação dos dialetos portugueses continentais, com três grandes grupos dialetais[12]: os dialetos galegos, os dialetos setentrionais e os dialetos centro-meridionais. Esta classificação teve por base, segundo o autor, a aplicação de questionários para o *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI) e algumas observações impressionistas que foi fazendo aquando das recolhas de dados.

Mais recentemente, vários Atlas foram sendo desenvolvidos para o PE, envolvendo também recolhas de materiais *in loco*, incidindo nas áreas da lexicologia, da morfossintaxe e da prosódia: ALLP (Vitorino coord. 1985-), ALEPG[13] (Saramago coord. 1992-), ALEAç (Saramago coord. 1994-), CORDIAL-SIN (Martins coord. [2000-] 2010), AMPER-POR (Coutinho coord. 2009-2010), InAPoP (Frota coord. 2012-2015).

2.3.2 Variação fonético-fonológica segmental e prosódica

Cintra (1971: 8) enumera os traços de natureza fonética que os falantes do sul reconhecem como característicos de um falante do norte. De todos os traços de natureza fonética, o autor destacou os que serão apresentados de seguida como diferenciadores:

(13)

i. Ausência de distinção fonológica entre /b/ e /v/ em proveito de /b/, pronunciado como oclusiva fricatizada [β];
ii. Realizações ápico-alveolares palatalizadas para os fonemas /s/ e /z/, pronunciados como [s̻] e [z̻], respectivamente. É um fenómeno próprio das Beiras e Norte de Portugal Continental;

[12] A proposta de Cintra centra-se na necessidade de simplificação das propostas de classificação dialetais anteriores que passa pela hierarquização de alguns traços fonéticos caracterizadores dos dialetos (Cintra 1971).
[13] Iniciado em 1970 por uma equipa dirigida por Luís F. Lindley Cintra.

iii. Manutenção da oposição fonológica entre o fonema /tʃ/ e /ʃ/;
iv. Conservação do ditongo /ow/, com diferentes realizações [ow] e [ɐw];
v. Monotongação do ditongo [ej] em proveito de [e].

Com base nestes traços, Cintra destaca três traços e propõe a existência de três grandes grupos dialetais em Portugal Continental: os galegos, os setentrionais e os centro-meridionais. Para a divisão dos grupos setentrionais dos grupos centro-meridionais, o autor sugere que as isófonas que estabelecem o limite entre os dialetos sejam: (i) o limite ocidental e sul da sibilante ápico-alveolar [s̻], (ii) o antigo sistema de quatro sibilantes e (iii) a manutenção do ditongo [ej] (Cintra 1971: 91-2). Dentro destes dois grandes grupos, o autor aponta ainda a existência de sub-dialetos, ou variedades de menor extensão. No grupo setentrional, Cintra (1971: 93) distingue dois sub-grupos: os transmontanos e alto-minhotos, e os baixo-minhotos, durienses e beirões. O que individualiza os sub-dialetos transmontanos e alto minhotos é a conservação de um sistema de quatro sibilantes, duas surdas [s̻]/[s] e duas sonoras [z̻]/[z]. Para os sub-dialetos baixo-minhotos, durienses e beirões, destaca a ditongação das vogais médias acentuadas /e/ e /o/, respectivamente, em [je] e [wo] ou mesmo [wɐ] (ver também Rodrigues 2001, 2002). Em relação ao grupo centro-meridional, o autor divide-o em dois sub-grupos: os dialetos do centro litoral (estremanho-beirões) e o grupo ribatejano-baixo-beirão-alentejano-algarvio (ou centro interior e sul). Cintra (1971: 94-5) caracteriza os dialetos do centro litoral através da monotongação do ditongo [ej] em [e]. Os dialetos ribatejano-baixo-beirão-alentejano-algarvio caracterizam-se pela alteração do timbre de [u] para [y], a palatalização de [a] tónico, a labialização de [e] e [ɛ] e a maior ou menor palatalização de [o].

Com o contributo da Geografia Linguística, Cintra traça fronteiras relativas aos traços seleccionados (13). Segura & Saramago (2001) representam os limites entre dialetos estabelecidos com base nas seguintes isófonas (Figura 1): (i) o limite ocidental e sul da sibilante ápico-alveolar [s̻], (ii) a área com o antigo sistema de quatro sibilantes e (iii) o limite sul da manutenção do ditongo [ej].

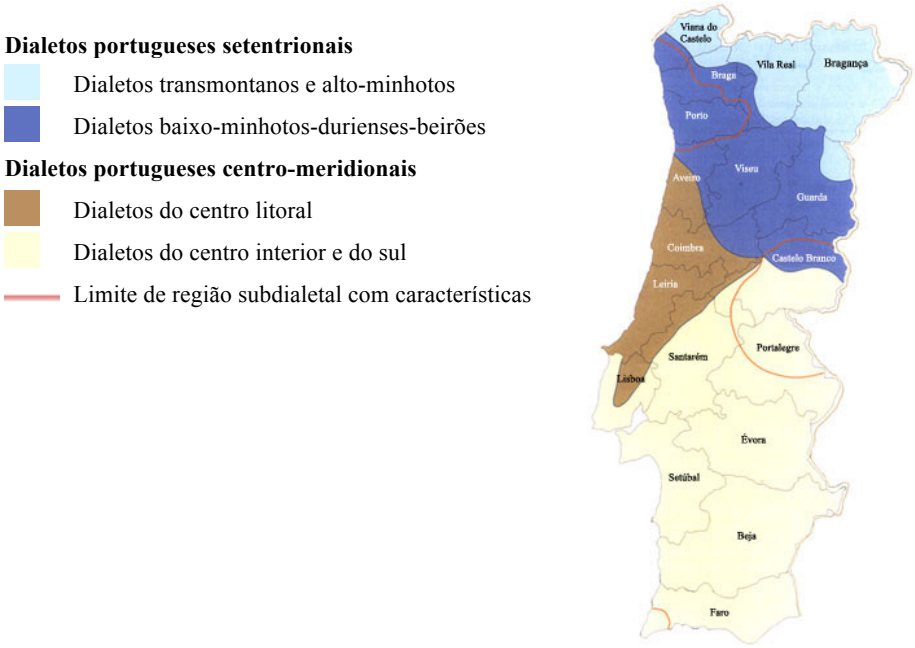


Figura 1 - Classificação dos dialetos do Português Europeu continental, segundo Cintra (1971), adaptado de Segura & Saramago (2001).

Numa perspetiva fonológica, com base no modelo autossegmental, mas também da sociolinguística, Rodrigues (2003) aponta uma mudança linguística em curso nas regiões de Lisboa e Braga. A autora observa a existência de formas mais inovadoras por parte dos falantes mais novos e com maior grau de escolaridade de Braga, como o caso de /v/ em [v]*er*, [ɔ] por [u] e [o] por /oU/ ou /au/ (*c*[ow]*to*, *c*[ɐw]*be*), por influências extralinguísticas ou pela influência massiva e prestigiada da variedade padrão (Lisboa). Em relação aos elementos consonânticos, a autora mostrou que /S/ tem as mesmas realizações nas duas variedades. Na perspetiva autossegmental, a autora descreve o segmento como um autossegmento flutuante, pois este pode ter duas representações: a especificação de /S/ quanto a Coronal, em casos do tipo *sexto*, e a não espeficicação de Ponto de Consoante (P. de C.), em casos do tipo *cesto*. /v/ mostrou a influência que a variedade *standard* exerce na variedade de Braga, pois os informantes mais novos estigmatizam a variante bilabial estridente [β].

Autores como Vasconcelos (1901) e Cintra (1971), entre outros, descrevem a existência de um fenómeno circunscrito a regiões dos dialetos setentrionais que denominam como ditongação, pois envolve o desenvolvimento de um ditongo crescente a partir das vogais médias tónicas [e] em [je] e [o] em [wo], que alterna com [wɐ]. Rodrigues (2002) explora a questão da ditongação tendo como ponto de partida o modelo autossegmental. A

autora conclui que, relativamente a /o/ tónico, existe um processo de espraiamento do nó Vocálico em duas direcções: (i) o espraiamento é progressivo, por exemplo, em *meloa* a vogal do radical (especificada desde a base como acentuada) vai espraiar para a direita; e (ii) como em *dor*, *olho* e *jogo*, o espraiamento é regressivo e tem duas representações fonéticas: se o ataque estiver disponível, o segmento não poderá ser uma vogal e, neste caso, realiza-se como semivogal, se o ataque estiver preenchido, o nó Vocálico espraia-se sobre o P. de C. da consoante precedente, desenvolvendo-se uma articulação secundária no ataque que antecede /o/ tónico. Então, se a vogal for labial, /o/, dá-se um espraiamento do nó Labial para a consoante, se a vogal for [-recuada], a consoante palataliza. Se a articulação que se desenvolve decorre de um espraiamento regressivo, então, a autora assume que não existe efectivamente um ditongo crescente, mas sim um ataque com uma articulação secundária, como em [ˈfl^{w}oɾ].

No domínio suprassegmental, Cruz & Frota (2011) notam que os trabalhos sobre variação prosódica têm sido escassos. Efetivamente, até ao momento apenas estão descritas as variedades *standard* (*Standard European Portuguese* - SEP) e, parcelarmente, algumas variedades setentrionais e centro-meridionais (vejam-se os trabalhos de Frota & Vigário 2000; Frota & Vigário 2001; Vigário & Frota 2003; Moutinho, Coimbra, Ruivo & Bendiha 2003; Vaz da Silva, Moutinho & Teixeira 2005; Frota & Vigário 2007; Cruz & Frota 2011, 2012, 2013, 2014; Barros 2014; Paulino & Frota 2015; *i.a.*). As três grandes dimensões em que a variação prosódica tem sido estudada são o fraseamento prosódico, a entoação e o ritmo. A par destas dimensões, estudos sobre fenómenos segmentais têm sido desenvolvidos considerando a estrutura prosódica e a forma como esta condiciona os fenómenos de natureza segmental.

Entre os primeiros trabalhos sobre variação no domínio suprassegmental no Português está o estudo comparativo entre as variedades europeia e brasileira (PB) do Português (Frota & Vigário 2000). As autoras investigam experimentalmente o ritmo nas duas variedades e identificam diferenças significativas. Adoptando as medidas acústicas propostas por Ramus, Nespor & Mehler (1999) como correlatos de classe rítmica, as autoras mostram que, em relação à percentagem do espaço vocálico[14], ele é maior no PB do que em PE e, inversamente,

[14] Ramus, Nespor & Mehel (1999: 272) derivam três variáveis a partir das medidas que encontram para o Inglês, Polaco, Holandês, Francês, Espanhol, Italiano, Castelhano e Japonês, a saber: a proporção de intervalos vocálicos na frase (%V), o desvio padrão da duração dos intervalos vocálicos na frase (ΔV) e o desvio padrão da duração dos intervalos consonânticos na frase (ΔC). Frota & Vigário (2001) sugerem duas medidas normalizadas para a interação entre a variabilidade duracional e o *speech rate* (Δ%V e Δ%C).

o espaço consonântico (Δ%C) é superior, percentualmente, na variedade europeia. Comparando as duas variedades do Português com línguas consideradas como prototipicamente de ritmo acentual, de ritmo silábico ou de ritmo moraico (Ramus, Nespor & Mehler 1999), as autoras estabelecem as variedades SEP e a de São Paulo como pertencendo a classes rítmicas mistas: o SEP apresentando valores de língua de ritmo acentual numa das medidas acústicas (%V) e de ritmo silábico noutra (ΔC) e a variedade de São Paulo apresentando valores de língua de ritmo silábico numa das medidas (ΔC) e de ritmo moraico noutra das medidas (%V). Para além das medidas acústicas, Frota, Vigário & Martins (2002) encontram evidências percetivas para a distinção entre o ritmo do Português e do Holandês (língua com ritmo acentual). A distinção é tal que os informantes discriminam as duas línguas com estímulos filtrados segmentalmente. Estes resultados levam os autores a sugerir que a discriminação entre Holandês e PE fornece evidências para a identificação do peso relativo de %V e ΔC na perceção da classe rítmica, isto é, a proporção de intervalos vocálicos é o parâmetro mais proeminente. Cruz & Frota (2014), Cruz, Palma, Neto, Oliveira & Frota (2014) e Oliveira, Palma, Barros, Neto, Cruz & Frota (2015a,b) estudam as classes rítmicas a que pertencem as variedades de Braga, Ermesinde (Porto), Coimbra, Castelo Branco, Lisboa (SEP), Évora, Castro Verde (Beja) e Albufeira (Faro). Por um lado, os autores caracterizam as variedades de Castelo Branco, Évora e Albufeira como mais acentuais (em relação às dimensões %V e ΔC) e as variedades SEP, Castro Verde, Braga e Ermesinde como mistas (silábicas em relação à dimensão %V e acentuais em relação à dimensão ΔC). Note-se que as variedades de Braga e Ermesinde, apesar de mistas, são menos silábicas em relação à dimensão %V que o SEP e Castro Verde, conforme Figura 2.

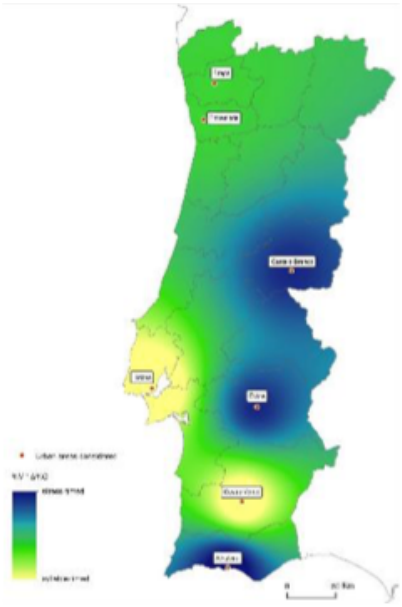


Figura 2 - Variação rítmica no PE, com base em duas medidas acústicas: %V and Δ%C (Oliveira, Palma, Barros, Neto, Cruz & Frota 2015a,b)

No domínio dos processos segmentais sensíveis à organização prosódica tem sido também encontrada alguma variação dialetal. Cruz (2013) conclui que a paragoge, fenómeno próprio das variedades centro-meridionais, apenas ocorre na fronteira direita de IP (*domain limit*) e apenas no Alentejo (Ale), mas não no Algarve (Alg). A autora acrescenta que o fenómeno é sensível a questões rítmicas (padrão oxítono) e a condições prosódicas. Oliveira, Paulino, Cruz & Vigário (2014) descrevem a inserção de glide entre vogais centrais, num estudo preliminar, aqui expandido, a partir das variedades faladas em Viana do Castelo e Porto, concluindo que o fenómeno não se aplica apenas entre palavras, mas também no interior de PW. Acrescentam, também, que o domínio da aplicação do fenómeno é o IP (*domain span*), pois a inserção de [j] é bloqueada na fronteira direita deste constituinte. Paulino & Frota (2015) estudam a resolução de hiato nas regiões de Arcos de Valdevez, Vila Real, Castelo Branco, Évora e Alvor. Os autores concluem que existe uma maior preservação vocálica nas variedades setentrionais por oposição às variedades centro-meridionais e concluem que, mais uma vez, a crase, a semivocalização e a queda de vogal recuada final estão dependentes da estrutura prosódica e têm como domínio o IP (como já visto para a paragoge e a inserção de [j] entre vogais centrais). Notam ainda que, tal como na variedade *standard*, a presença de acento lexical em V_1 e V_2 bloqueia a crase.

A par dos processos segmentais, o padrão de fraseamento prosódico e a distribuição dos acentos tonais são também estudados em diferentes regiões de Portugal. O NEP (a

variedade de Braga anteriormente estudada em Vigário & Frota 2003 e Frota & Vigário 2007) e Ale mostram uma preferência por estruturas (S)(VO), onde o Sujeito forma um IP independente do Verbo e Objeto. As variedades SEP e Alg preferem um fraseamento (SVO), onde o Sujeito, Verbo e Objeto sejam integrados num único IP. A complexidade sintática e a extensão (em número de sílabas) mostraram desempenhar um papel no fraseamento prosódico na medida em que nas variedades NEP e Ale estruturas (S)(VO) são favorecidas quando o SN sujeito é sintacticamente ramificado ou longo (a ramificação sintática/prosódica é mais relevante no NEP e o comprimento em número de sílabas mais relevante no Ale). Embora no SEP e no Alg o padrão mais frequente seja (SVO), no Alg o fraseamento (S)(VO) emerge fundamentalmente quando há ramificação sintática e no SEP quando o Sujeito é longo (i.e., tem mais de oito sílabas). Estudos recentes no âmbito do projeto *InAPoP* mostram que as variedades de Braga, Coimbra, Castelo Branco e Évora apresentam uma preferência por estruturas do tipo (S)(VO) em todas as condições sintáticas e fonológicas e a região do Porto apresenta uma preferência por estruturas (S)(VO) quando o Sujeito é sintaticamente ramificado, conforme Figura 3 (Elordieta, Frota & Vigário 2005; Cruz & Frota 2013; Fernandes-Svartman, Barros, Santos & Castelo 2015).

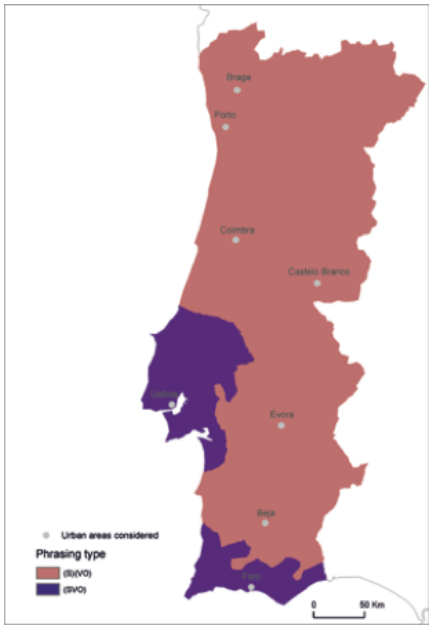


Figura 3 - Padrão de fraseamento em PE (Oliveira, Palma, Barros, Neto, Cruz & Frota 2015a,b)

Um outro domínio em que a variação prosódica tem sido estudada recentemente é o da entoação. Frota, Cruz, Fernandes-Svartman, Collischonn, Fonseca, Serra, Oliveira & Vigário (2015) investigam o sistema entoacional no Português considerando os dois tipos de eventos tonais relevantes: acentos tonais e tons de fronteira. Como a estrutura prosódica do Português é caracterizada pela proeminência à direita, os acentos nucleares da frase e os tons fronteira (simples e complexos) estão associadas à margem direita de IP. Nas variedades do Português do Brasil, os autores encontraram ainda um tom de fronteira L associado à margem direita de PhP, que contém o elemento focalizado. Os autores notam que a marcação entoacional de tipos frásicos e significados pragmáticos pode ser obtida através da combinação dos acentos tonais (T*) e tons de fronteira (T%), mas encontram aqui variação. A diferença entre enunciados declarativos neutros por oposição aos contrastivos/focalizados é obtida pelo T* nas variedades europeia e brasileira. É pela combinação de T* com T% (nas variedades RGS, Bh, Ale, Alg, POR), pela marcação T* (nas variedades de MG e SP) e T% (na variedade *standard* do PE) que é obtida a distinção entre enunciados declarativos neutros e interrogativas globais neutras (Frota *et al.* 2015: 282). A distinção entre enunciados interrogativos neutros por oposição aos focalizados é obtida pela fronteira, nas variedades do PB, e pelo T* e T% nas variedades do PE. Para os enunciados com significado pragmático de ordem, todas as variedades utilizam T*. Os chamamentos (primeiro chamamento e chamamento insistente) são distinguidos pela combinação T* T%.

2.3.3 Variação lexical e morfossintática

Cintra (1962) investiga a variação lexical continental com dados recolhidos no âmbito do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI). O autor estabelece isoléxicas com base em oito conceitos pertencentes a dois campos semânticos distintos: (i) "ordenhar", "úbere da vaca", "soro", "(fêmea) estéril", "cria da ovelha" e "cria da cabra" e (ii) "maçaroca" e "queixo". Álvarez e Saramago (2012) mapeiam a distribuição das isoléxicas que Cintra (1962) traça, no mapa que reproduzimos abaixo (Figura 4).

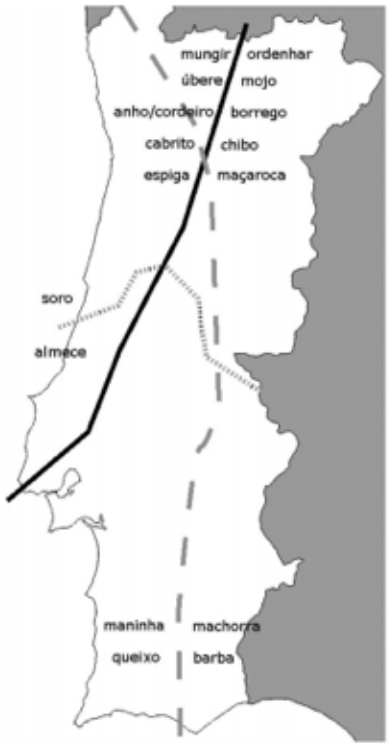


Figura 4 - Áreas lexicais delimitadoras (síntese de Álvarez & Saramago, 2012 de Cintra 1962)

Na esteira de Cintra (1962), Álvarez & Saramago (2012) contribuem com novos dados para o conhecimento da variação dialetal contemporânea. Os autores apontam que, mesmo aceitando a proposta de delimitação de Cintra, existem alterações consideráveis na distribuição lexical (o recuo de formas como *soro* e *maninha* e a maior expansão de formas como *machorra* e *amojo*). Estas alterações devem-se a duas características que os autores reportam: (i) a escassez dos dados a que Cintra teve acesso originalmente e (ii) as "óbvias" mudanças diacrónicas.

Na componente morfossintática, Vasconcelos (1901: 121) descreve diferenças entre a sintaxe popular e a sintaxe literária onde existem estruturas que são particulares, como por exemplo estruturas do tipo "[…] *vou à de N.* […]" que o autor encontrou nas variedades meridionais. Entretanto, a constituição recente de bases de dados permitiu a promoção do conhecimento dialetológico também neste domínio da gramática. Na verdade, como observam Carrilho & Pereira (2011), o estudo da variação na componente sintática quase não era contemplado, sobretudo no domínio da geolinguística. No entanto, *corpora* recentes para o estudo da sintaxe dialetal, o *Syntactically Annotated Corpus of Portuguese Dialects*

(CORDIAL-SIN) (Martins (coord.) [2000-] 2010), para o Português Europeu, permitiram um avanço do conhecimento neste domínio da dialetologia. Martins (2003) aponta formas que os dialetos ainda conservam e que foram desaparecendo na variedade padrão. A autora exemplifica os aspectos que podem estar em mudança e variação. Por um lado, caracteriza certas construções como estruturas do Português Moderno (PM) que ainda estão activas em certas variedades do PE e, por outro, identifica estruturas mais inovadoras. A interpolação de elementos entre o proclítico e o verbo subjaz num traço que o PM afastou da norma. A morfossintaxe mostra, também, traços de construções em variação. De forma inovadora, existem variedades que apresentam flexão em pessoa e número com formas gerundivas (não-finitas).

A partir de dados do CORDIAL-SIN, Carrilho & Pereira (2011, 2012) estabelecem os limites geográficos das variantes sintáticas não-padrão de certas construções: concordância frásica de terceira pessoa do plural com <a gente>$_{SUJ}$, construção impessoal com o verbo *ter* existencial, construção perifrástica de verbo aspectual seguido de gerúndio e os possessivos pré-nominais não precedidos de artigo (Figura 5).

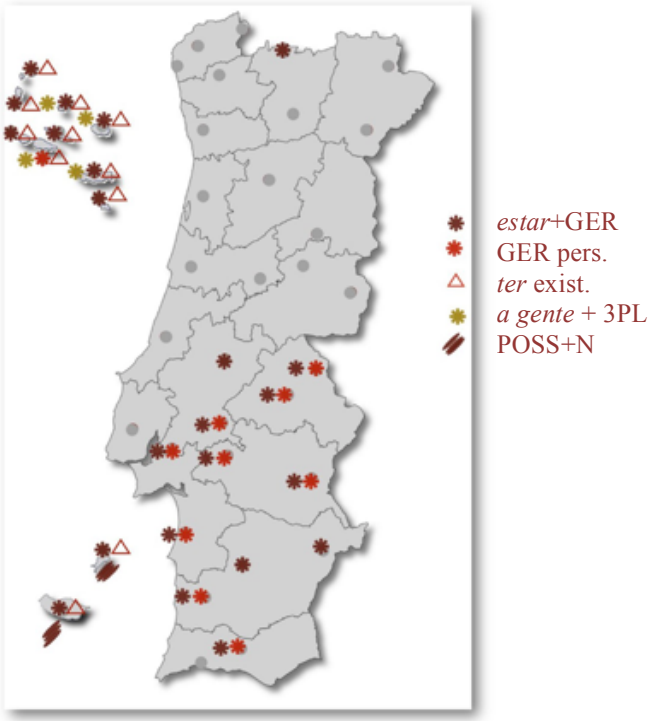


Figura 5 - Limites geográficos das variantes sintáticas (Carrilho & Pereira 2012)

Numa tentativa de estabelecer um mapeamento (geográfico) coincidente, tomando como ponto de partida as componentes linguísticas (por um lado, a fonético-fonológica em Cintra (1971) e lexical em Cintra (1962) e Álvarez & Saramago (2012)), Carrilho & Pereira (2011: 135-7) mapeiam a variação sintática e mostram uma correspondência geográfica com os trabalhos anteriores, permitindo assim, corroborar o estabelecimento, com dados da sintaxe dialetal, dos dois grandes grupos dialetais: os grupos setentrionais e os grupos centro-meridionais (Figura 3).

2.4 Hiatos: estratégias de resolução nas Línguas

As línguas têm variadas estratégias para lidar com sequências de duas vogais adjacentes da concatenação morfológica ou sintática (Casali 1996). A silabificação das duas vogais em sílabas diferentes é uma possibilidade, mas existem línguas onde a gramática é mais restritiva quanto aos contextos onde é admitida a ocorrência de vogais adjacentes (Casali 2011: 1434-1436). As línguas que não toleram as sequências vocálicas dispõem de diversos tipos de estratégias de resolução de hiato, a saber: (i) a ditongação, (ii) a epêntese, (iii) a queda de uma das vogais, (iv) a semivocalização de V_1, (v) a crase de V_1 e V_2, daí resultando uma terceira vogal que combina as propriedades de ambas.

(14)

Ditongação	$CV_1+V_2 \rightarrow .CV_1V_2.$
Epêntese	$CV_1+V_2 \rightarrow .CV_1.CV_2.$
Elisão	$CV_1+V_2 \rightarrow .CV_2(:).$ ou $.CV_1(:).$
Semivocalização	$CV_1+V_2 \rightarrow .CGV_2.$
Crase	$CV_1+V_2 \rightarrow .CV_3(:).$

Se por um lado há autores que atribuem a necessidade de resolução de hiato a princípios de boa formação silábica (Itô 1989; Casali 1997; Rosenthal 1997; *i.a.*), por outro, há autores que defendem que a resolução do hiato pode ser motivada por questões articulatórias (Ola Orie & Pulleyblank 2002).

São muitas as abordagens teóricas que visam explicar o comportamento das vogais adjacentes. Por um lado, há autores que defendem que a resolução de hiato está relacionada

com o ranqueamento de restrições violáveis ao nível da sílaba (Prince & Smolensky 1993; Casali 1995, 1996, 1997, 2011). Por outro, há autores que investigam as condições prosódicas para a resolução do hiato e, em particular, as condições que inibem ou bloqueiam a resolução (Frota 2000, 2014; Tenani 2002; Bisol 2003; Vigário 2003, 2010; Cabré & Prieto 2005).

Casali (1997) reune as restrições que são violadas para a resolução do hiato: DEP-I(*nput*)O(*utput*) (os segmentos no *output* devem ser contrapartes do *input*, isto é, não é permitida epêntese, Prince & Smolensky 1993), MAX-IO (restrição que determina que cada segmento no *input* tenha um correspondente no *output*, isto é, não é permitido apagamento, Prince & Smolensky 1993), NODIPH (restrição que não permite sequências com ditongos, Casali 1994), *CG (restrição que não permite sequências consoante-glide, Casali 1997) e UNIFORMITY, IDENT (restrição que impede que os segmentos percam características na relação *input-output*, ou seja, a crase não é permitida, McCarthy & Prince 1995).

Tendo em conta o condicionamento prosódico na resolução de hiato no Catalão, Prieto & Cabré (2005) propõem que a semivocalização de V_1 nas PW que contenham uma sílaba aberta final é bloqueada quando estas são cabeça de um constituinte prosódico. O bloqueio de elisão ou semivocalização de V_1 é interpretado, no quadro teórico da Teoria da Otimidade (TO), como uma consequência da restrição ALIGN[15], que define a associação do acento lexical com a vogal inicial da PW quando estas coincidem com o acento nuclear. Em relação a V_2, a queda da vogal é bloqueada quando esta possui acento lexical.

No PB, Tenani (2002) observa que a crase de V_1 e V_2 se aplica em todas as fronteiras, incluindo IP e U (Tenani 2002: 180). A elisão e semivocalização apresentam o mesmo comportamento que a crase, ou seja, o processo não é sensível às fronteiras internas a PhP e à fronteira de PhP, mesmo ramificado, sendo bloqueado nas fronteiras de IP e U. A par de Tenani (2002), Bisol (2003) acrescenta que a crase está dependente da posição em que V_1 e V_2 se encontram dentro de PhP. A autora nota que o fenómeno se aplica se se reunirem pelo

[15] McCarthy & Prince (1993) adoptam a noção de alinhamentos de fronteira, a partir da proposta de Selkirk (1984), para dar conta da interface morfologia/fonologia e, desta forma, alinhar constituintes (**Cat**egorias) prosódicos a morfológicos.

*Generalized **Align**ment*

ALIGN(Cat1, Limite1, Cat2, Limite2) $=_{def}$

$\forall$ Cat1 $\exists$ Cat2 tal que o Limite1 de Cat1 e o Limite2 de Cat2 concidem.

Onde

Cat1, Cat2 $\in$ PCat $\cup$ GCat

Limite1, Limite2 $\in$ {Direito, Esquerdo}

menos duas condições: (i) V_1 e V_2 são átonas, (ii) V_1 é tónica, mas V_2 não recebe acento de PhP (15).

(15)

a. ((caMIsa) (amaRElа))$_{PhP}$ [a]

b. ((araÇÁ) (aZEdo))$_{PhP}$ [a]

c. ((COmo) (Uvas))$_{PhP}$ *[u]

d. ((COmo) (Uvas) (maDUras))$_{PhP}$ [u]

Para ocorrer elisão também têm de se verificar as seguintes condições: (i) V_1 e V_2 serem átonas, (ii) V_2 não conter acento de PhP e (iii) a elisão não desencadear antagonismo acentual (16).

(16)

a. eu estava hospitalizado [o]

b. médica uruguaia [u]

c. agora era a sua vez [ɛ]

d. cantava óperas *[ɔ]

e. plácida orla *[ɔ]

A autora conclui que a elisão e a crase são sensíveis às posições que V_1 e V_2 ocupam no sintagma fonológico, ao contrário da ditongação. De acordo com a autora, a forma de mostrar esta oposição, por um lado de elisão e crase e, por outro da ditongação, é a de que os primeiros são processos marcados, pois envolvem a violação de *Faithfulness*, restrições estas que exigem uma relação estreita *input-output* e requerem uma correspondência idêntica de segmentos. A autora propõe que a crase não opera em exemplos como (15c) porque a restrição MAXIO, embora viole ONSET, requer um mapeamento fiel *input-output*. A ocorrência de crase em exemplos como (15d) é explicada pelo respeito de todas restrições. Viola MAXIO, mas não viola a mais alta: ALIGN-L. A ditongação é explicada pelo ranqueamento mais alto de [MAXIO&ALIGN-L] a ONSET. A elisão, tal como a crase, é permitida pois o candidato ótimo não viola MAXIO e esta é a restrição mais alta.

Associada às composições de nós silábicos, a epêntese tem sido estudada como uma estratégia de reparação de grupos consonânticos de superfície (Hall 2011). No dialeto do sul do Galês, assim como no Árabe do Líbano, emerge uma vogal epentética para reparar grupos consonânticos, degenerados, em coda (17).

(17)

a. /kibʃ/	→	kibiʃ	*carneiro* (Árabe do Líbano)
b. /sabt/	→	sabit	*sábado* (Árabe do Líbano)
c. /kevn/	→	ke:ven	*atrás* (Galês)

Hall (2011)

Tendo em conta questões métricas acima de PW, Martínez-Gil (1997: 295) propõe que, no Galego, a epêntese emerge quando a PW oxítona está na fronteira direita de IP (*quero que lle dés pan* → [kɛ̀rukìǰidèspáɲi]$_{IP}$). Também para as variedades centro-meridionais do PE, Cruz (2013) observou que a epêntese emerge na fronteira direita de IP como [i] ou [ɨ].

A questão de que vogais são elegíveis de emergir é levantada por vários autores. Kager (1999) nota que as restrições marcadas (na visão OT), que são muitas vezes livremente violadas, determinam a qualidade dos segmentos que emergem. Os segmentos tipicamente não marcados são vogais tais como [i], [ɨ] e [ə], consoantes tais como [ʔ] e [h] e glides. Hall (2011) acrescenta que [e] e [a][16] também podem emergir. Para o Japonês, Kawahara (2002) nota que a epêntese de [j] ou [w] é determinada pelo espraiamento dos traços das vogais do contexto. Assim, [j] é iserida quando uma dos vogais é posterior, *si*[j]*awase* "felicidade", e [w] é inserido quando uma das vogais do contexto é recuada, *ko*[w]*ara* "coala". Uffman (2007) refuta esta ideia e defende que é o contexto prosódico e o contraste de proeminência que determinam que segmentos consonânticos e vocálicos são inseridos. O autor considera que não existe um candidato *default*, mas que o candidato é determinado pelo contexto onde a epêntese ocorre, causando um contraste maior ou menor tendo em conta esse contexto. Desta forma, o autor conclui que as restrições que definem a qualidade do segmento não são restrições universalmente marcadas, mas sim restrições sensíveis à posição onde a epêntese ocorre e à proeminência relativa.

[16] Para o PE, Mateus & Andrade (2000: 32) notam que, apenas em [kˈɐ̃kɐɾu], [a] emerge como vogal epentética.

No PE, Segura (2013) descreve um fenómeno próprio das variedades setentrionais para resolução de hiatos entre palavras: V_1 [j] V_2, descrita há muito como *fonética sintática*. Trabalho anterior (Lopo 1895, Santos 1897, Vasconcellos 1901, Pereira 1906) aponta para a existência do fenómeno, mas não detalha o seu contexto desencadeador. Segura (2013) observa que o fenómeno ocorre entre vocábulos diferentes quando V_1 é átona, realizada como [ɐ], ou tónica, realizada como [ˈa], e V_2 tem de ser acentuada, como em (18[17]).

(18)

a. *a água*	[ɐjˈaɣwɐ]
b. *Beira Alta*	[ˈbejɾɐjˈałtɐ]
c. *lá andam*	[ˈlajˈɐ̃dɐ̃w]
d. *minha alma*	/miɲa j alma/

A autora acrescenta que, a par da variedade padrão e do sul, as normas madeirense e açoriana toleram o hiato, não se verificando a inserção anti-hiática. A inserção ocorre esporadicamente nas ilhas de São Miguel, Santa Maria e Terceira. Embora o fenómeno esteja descrito e circunscrito, até onde se sabe, não existe numa descrição fonológica e sistemática do fenómeno de inserção de glide entre vogais centrais nas variedades do PE. Também Brissos (2015)[18] aponta a região de Foros do Arrão como uma localidade no concelho de Ponte de Sor (distrito de Portalegre) onde a redução generalizada de hiatos passa pelo desenvolvimento de uma semivogal na fonética sintática. O autor atesta casos onde o contexto V_2 tónico não ocorre (*a-i-água* 'a água' *vs. já lá-i-andéram* 'já lá andaram').

Na esteira de Mateus (1975), Vigário (2003: 83-5) nota a ocorrência de inserção de glide para quebrar hiatos no nível lexical na variedade *standard* do PE. A autora descreve as condições necessárias para a inserção de glide entre vogais centrais (correspondendo a

[17] O exemplo (30d) é retirado de Candeias (2007: 215) onde a autora dá conta do fenómeno de inserção de segmento [j] na região da Beira interior com uma incidência de ≈32%. Atente-se que a autora considera os contextos /aa/, /au/, /eu/ e /ea/ para inserção anti-hiática, não fazendo distinção da unidade acentuada à direita de [j].

[18] A par dos exemplos de Candeias (2007), Segura (2013) e Brissos (2015), um fenómeno fonético mais superficial opera em variedades do PE que consiste na emergência de uma semivogal de transição quando V_2 é acentuada. Esta glide possui o mesmo valor de recuo que a vogal adjacente (a [j] erva, a [j] ênfase; a [w] outra, a [w] hora). Este fenómeno não será analisado neste trabalho porque acreditamos ser um fenómeno menos variável nas variedades do PE e por ser fonologicamente diferente. Este fenómeno é encontrado por Brissos (2015) nas variedades Centro-Sul (*comprava-i-eu* 'comprava eu', *é-i-ele* 'é ele').

primeira, fonologicamente, a /e/): (i) V_1 ter acento lexical, (ii) V_1 ter os traços [-alto], [-baixo] e [-recuado] e (iii) V_2 não apresentar traço [+nasal], como exemplificado em (19).

(19)

a. areal	[jˈa]	areia	[ˈɐjɐ]
b. receie	[ˈɐjɨ]		
b. bateu	[ˈew]		
c. voa	[ˈoɐ]/*[ˈojɐ]		
d. veem	[ˈeɐ̃j̃]		

Posto o acima descrito, neste trabalho pretende-se identificar a ocorrência de inserção de glide entre vogais centrais, tendo em conta a constituência e organização prosódica no PE. A análise de dados assenta nas hipóteses que se estabelecem na secção 1.3 e na metodologia que se apresenta no capítulo 3. Tendo em conta as análises para a resolução do hiato nas línguas, pretende-se apresentar os factos de natureza prosódica que são relevantes para a ocorrência ou inibição do fenómeno. Três dimensões linguísticas serão observadas: o papel do domínio prosódico, do nível de proeminência de V_2 e do estatuto fonológico das palavras a que pertence V_1. Se a inserção não ocorrer, descreve-se, ainda, quais as condições para a não-ocorrência e o que pode suceder quando não há inserção. Outros aspetos de natureza extralinguística são também considerados.

3. METODOLOGIA

No presente capítulo é descrita a metodologia utilizada para análise dos dados. Na secção 3.1 são descritos os *corpora* utilizados, os perfis sociolinguísticos dos informantes, bem como a motivação para a seleção das regiões em análise. Na secção 3.2 apresenta-se a metodologia de etiquetagem e segmentação dos dados, os critérios de anotação, assim como a análise dos dados.

3.1 *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*

O presente trabalho insere-se no projeto *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* (Frota coord. 2012-2015) no âmbito do qual foram feitas recolhas de dados de fala em diversas regiões, segundo critérios bem estabelecidos e sistemáticos.[19]

Os dados foram recolhidos através de quatro tipos de tarefas: Leitura, *Discourse Completion Task*, a *Map Task* e a Entrevista.

A Leitura, a tarefa mais controlada do ponto de vista do material recolhido, integra um conjunto de sub-*corpora* construídos com vista à análise de diversos aspetos prosódicos[20]: fraseamento, entoação, ritmo e acento lexical. Assim, os contextos foram controlados visando a análise prosódica de diferentes tipos frásicos, marcação de tópico e foco, fenómenos de sândi, fraseamento prosódico, acento lexical e ritmo. Fazem, ainda, parte integral da tarefa de Leitura dois sub-*corpora* onde são controlados fenómenos segmentais de duas variedades (Cintra 1971) do Português Europeu (PE): no *corpus* da variedade setentrional são controlados os contextos prosódicos da inserção de glide entre vogais centrais; para a variedade centro-meridional são controlados os contextos prosódicos da epêntese vocálica.

Com vista à obtenção de dados mais próximos da fala espontânea, foram recolhidos também dados de duas tarefas de fala não-lida: a *Discourse Completion Task* e a *Map Task*. A *Discourse Completion Task* (Blum-Kulka, House, & Kasper 1989; Billmyer & Varghese 2000; Félix-Brasdefer 2010) é uma tarefa que permite a obtenção de dados (semi-)espontâneos ainda que bastante controlados do ponto de vista do material linguístico produzido, uma vez que eles são sistematicamente induzidos pelo investigador que recolhe os dados. Com ajuda de imagens sugestivas, é pedido aos informantes que se coloquem em diferentes situações de modo a produzirem, da forma mais natural possível, uma série de tipos

[19] Ver separador *Methodology* no sítio http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/.
[20] Os *corpora* podem ser consultados no separador *Methodology* na Plataforma Interativa do *InAPoP* (Frota & Cruz coords. 2012-2015).

frásicos e significados pragmáticos (conforme exemplo 20 abaixo). Desta forma, são elicitados atos de fala o mais próximo da fala natural com vista a obter produções que se situem entre a Leitura (fala controlada) e a Entrevista (fala espontânea) (Blum-Kulka 1982).

(20) Entrevistador: *Não sabes que fruta a tua amiga vai querer comprar. Pergunta se quer laranjas, bananas, limões ou peras.*

Informante: *Queres limões, bananas, limões ou peras?*

A *Map Task* (adaptada para o Português a partir dos trabalhos de Prieto, Borràs-Comes & Roseano coords. 2010-2014; Prieto & Cabré coords. 2007-2012; Prieto & Roseano coords. 2009-2013; Prieto, Sichel-Bazin & Meisenburg coords. 2007-2014) é uma tarefa em que são inseridos contextos relevantes para desencadear a inserção de glide entre vogais centrais, epêntese vocálica e diversos contextos para elicitação de diferentes tipos pragmáticos de forma *quasi* espontânea. A tarefa, cooperativa, é feita por dois informantes da mesma região e da mesma faixa etária: um *giver* e um *follower* (Anderson, Bader, Bard, Boyle, Doherty, Garrod, Isard, Kowtko, McAllister, Miller, Sotillo, Thompson & Weinert 1991). Cada um possui um mapa, parcialmente igual, que representa uma cidade imaginária com imagens de monumentos, edifícios, jardins, etc. Os títulos das imagens são diferentes ou têm diferentes localizações de um mapa para o outro, sendo que o mapa do *giver* é o que tem o trajeto traçado da partida à chegada; o *follower* terá de fazer um traçado igual ao do mapa do *giver*, segundo instruções deste (ver Anexos I e II).

A Entrevista é uma tarefa que elicita fala espontânea, onde os informantes são levados a falar sobre um tópico sugerido ou à sua escolha: vida passada, juventude, estado do país, festas e gastronomia da sua região.

O projeto *InAPoP* prevê a recolha de dados em todos os distritos de Portugal Continental, na ilha da Madeira, no Arquipélago da Madeira e na ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores. Em todos os distritos são selecionados dois pontos de inquérito: um ponto rural (R) e um ponto urbano (U), tendo por base os pontos recolhidos no âmbito dos projetos *ALEPG - Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza* (Saramago coord. 1992-) e *CORDIAL-SIN - Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe* (Martins coord. 2000-) e de acordo com a classificação do Instituto Nacional de Estatística.

Em todas as regiões são gravadas, nos diferentes tipos de tarefa descritos acima, seis informantes do sexo feminino que pertencem a duas faixas etárias, estabelecidas antecipadamente: três informantes com idades compreendidas entre os vinte e os quarenta e cinco anos e três informantes com idade igual ou superior a sessenta anos. O critério de seleção de duas faixas etárias prende-se com o intuito de estabelecer análises sociolinguísticas. A escolha de informantes do sexo feminino resulta do facto de a voz feminina permitir, tipicamente, uma melhor captação de $f0$ do que a masculina e ser, por isso, mais favorável à análise entoacional.

As recolhas são feitas *in loco*, em sala silenciosa e com luz natural, cedidas pelas instituições locais que apoiaram na recolha dos dados. Os dados são registados em formato vídeo (.mov) e áudio com microfone externo de orelha. Para a extração do áudio para formato .wav, utiliza-se o *software* AoA (*Audio Extractor Basic*, v. 2.2.8) com uma frequência de amostragem de 22050 Hz em formato *mono*.

3.1.1 Tarefas: *corpora* seleccionados

Recuperando a descrição das tarefas acima, foram selecionadas, para elaboração do presente trabalho, as seguintes tarefas: a Leitura, a *Map Task* e a Entrevista, que se descrevem a seguir. Os dados recolhidos das tarefas *Map Task* e Entrevista foram calculados conjuntamente ao longo do trabalho e assinalados como (semi-)espontâneos.

Uma vez que se tem demonstrado que a organização da estrutura prosódica é relevante para a aplicação de inúmeros processos fonológicos no PE (secção 2.2), para a tarefa de Leitura, foram selecionados os *corpora* com mais contextos potenciais para a inserção de glide entre vogais centrais, ou seja, sequências de duas vogais em que a segunda vogal (V_2) possui acento lexical. Para tal, foram selecionados os seguintes *corpora*: (i) tópico/foco/declarativas neutras, (ii) interrogativas neutras e focalizadas, (iii) enunciados imperativos, pedidos e chamamentos, (iv) fenómenos de sândi e (v) o *set for the North*[21]. Nos *corpora* (i) a (iv) encontram-se, também, enunciados que compreendem encontros vocálicos em que tanto a primeira vogal (V_1) como V_2 são átonas e enunciados em que V_1 e V_2 comportam o traço [+nasal]. Os contextos foram controlados tendo em conta três variáveis:

[21] Podem consultar-se os *corpora* completos elaborados para o PE na separador *Methodology* na Plataforma *InAPoP*.

domínio prosódico, o nível de proeminência e o estatuto fonológico da palavra a que pertence V_1 (ver Anexo III).

Em (21) apresentam-se exemplos de enunciados tendo em conta as variáveis apontadas acima. Para o domínio prosódico, consideraram-se sequências vocálicas dentro de cada constituinte prosódico e entre constituintes de diferentes níveis (a ***bold*** estão indicados os contextos relevantes).

(21)

a. V_1 e V_2 no interior de PW

O avô Joaquim andou por sítios de que nunca tinha ouvido falar, como a cidade de (*F**aá**tu*)$_{PW}$ *e os Jardins de Cimabué.*

b. V_1 e V_2 no interior de PWG, entre PW

O João era mesmo ganancioso, ((*ultr**a***)$_{PW}$-(***á**vido*)$_{PW}$)$_{PWG}$ *de vencer.*

c. V_1 e V_2 no interior de PhP, entre PWG

Aquele professor (*também* (*dav**a***)$_{PWG}$ (***a**ulas*)$_{PWG}$)$_{PhP}$ *aos mais jovens.*

d. V_1 e V_2 no interior de IP, entre PhP

Este agricultor (*só plantav**a***)$_{PhP}$ ***á**rvores baixas.*

e. V_1 e V_2 no interior de U, entre IP

(*Quanto à Mari**a***)$_{IP}$*, **a**ulas às oito da manhã nunca lhe agradaram.*

Em relação aos níveis de proeminência, consideraram-se os contextos em (22) ilustrando os diversos níveis de proeminência em que se encontra V_2.

(22)

a. V_2 portadora de proeminência de PWG

A matrícula do meu novo carro é (*J*(*ot**a***) ***A***)$_{PWG}$*-18-18.*

b. V_2 portadora de proeminência de PhP

*A alun**a** (**a**ma)*$_{PhP}$ *o professor de matemática*

c. V_2 não portadora de proeminência acima de PW

Foi criada há pouco uma companhia aérea com as iniciais ((*K(ap**a**)*)$_{PW}$.(***A***)$_{PW}$.(*D*)$_{PW}$)$_{PWG}$.

A par destes, foram classificados, em (23), os enunciados tendo em conta o estatuto fonológico da palavra a que pertence a V_1, i.e., se V_1 pertence a um CL ou a uma PW (a sublinhado é assinalada a palavra relevante).

(23)

a. V_1 pertence a um CL

*O Pedro falou d**a** Ana a uma antiga aluna.*

b. V_1 pertence a uma PW

*Quanto à Joana, el**a** há-de vir ajudar-nos na mudança.*

Na tarefa *Map Task* (ver secção 3.1) foram utilizados os contextos deliberadamente introduzidos com vista à ocorrência do fenómeno. Assim, foram considerados para análise os contextos desencadeadores do fenómeno, bem como os domínios prosódicos considerados na tarefa de Leitura. Em (24), ilustram-se alguns exemplos:

(24)

a. V_1 e V_2 no interior de PhP, entre PWG

(...) *isso é debaixo ((de um**a**)$_{PWG}$ (**á**rvore)$_{PWG}$ (amarela)$_{PWG}$)$_{PhP}$*

b. V_2 proeminente de PWG

*Moda (**A**na)$_{PWG}$ Alves?*

c. V_2 proeminente de PhP

*(Há uma **á**rvore)$_{PhP}$ por cima*

d. V_1 pertence a CL:

Contornas um bocadinho ((**a**)$_{CL}$ (**á**rvore)$_{PW}$)$_{PW}$

e. V_1 pertence a PW:

Isso é debaixo de (um**a**)$_{PW}$ **á**rvore amarela

Na Entrevista, tarefa espontânea, foram também selecionados todos os contextos potenciais de inserção vocálica, que a seguir se ilustram em alguns exemplos (25):

(25)

a. V_1 e V_2 entre PWG dentro de PhP; V2 proeminente de PhP
(*Que* (*dav**a***)$_{PWG}$ (***a**ulas*)$_{PWG}$)$_{PhP}$ *na universidade*

b. V_1 e V_2 entre PWG dentro de PhP; V2 proeminente de PWG
((***Há***)$_{PWG}$ (***a**nos*)$_{PWG}$ (*atrás*)$_{PWG}$)$_{PhP}$ *trabalhava-se mais*

3.1.2 Informantes

Como descrito em 3.1, e de acordo com a metodologia do *InAPoP*, foram considerados informantes do sexo feminino, pertencentes a duas faixas etárias, mais concretamente entre os vinte e os quarenta e cinco anos de idade e idade igual ou superior a sessenta anos. Para a tarefa de Leitura foram considerados os dados de 104 informantes: 58 informantes da faixa etária mais nova e 46 informantes da faixa etária mais velha. Para as tarefas (semi-)espontâneas, foram considerados os dados de 116 informantes: 58 informantes da faixa etária mais nova e 58 informantes da faixa etária mais velha. A Tabela 1 mostra a distribuição dos informantes em função dos pontos de inquérito, que se detalham na subsecção seguinte, e do tipo de tarefa. Note-se que o número de informantes não é o mesmo para as duas tarefas. Esta diferença deve-se ao facto de aquando das recolhas ter havido informantes que não estariam suficientemente familiarizados com tarefas de leitura, o que levou a excluir alguns dos informantes da tarefa de Leitura, que foram apenas incluídos nas tarefas (semi-)espontâneas, mais concretamente na Entrevista.

Concelho	Região	Tipo de tarefa			
		Leitura		(semi-)Espontânea	
		20-45	60+	20-45	60+
Viana do Castelo	ArV	3	2	2	2
	CtL	3	1	4	2
Braga	Bra	3	2	3	2
	Fis	3	3	3	3
Vila Real	VlR	2	3	2	3
	StA	2	3	2	3
Bragança	Bca	2	2	2	2
	Lar	3	2	3	3
Porto	Erm	5	2	5	3
	Gia	3	2	3	3
Aveiro	Avo	3	1	3	2
Viseu	Vis	2	2	2	2
	Grj	2	3	2	3
Guarda	FgS	3	2	3	4
Coimbra	Cob	3	2	2	2
	PtV	2	3	3	3
Castelo Branco	CtB	3	1	3	4
	UnS	3	1	3	2
Portalegre	Nis	2	3	2	3
S. Miguel	PtD	3	3	3	3
	PtG	3	3	3	4
Total		58	46	58	58
		104		116	

Tabela 1 - Relação de informantes por ponto geográfico, faixa etária e tipo de tarefa.

A par da faixa etária, as informantes teriam de ser naturais da região e não se terem ausentado da mesma durante períodos longos de tempo. Foram, à partida, excluídas as informantes que não satisfizessem os dois critérios últimos: (i) não pertencessem às duas faixas etárias estabelecidas e (ii) não fossem naturais da região. Todas as informantes são alfabetizadas.

3.1.3 Pontos de inquérito

Foram selecionados para este trabalho diversos pontos de inquérito das regiões pertencentes às variedades setentrional e centro-meridional, segundo Nova Proposta de Classificação dos Dialetos Galego-Portugueses de Cintra (1971), na ilha de São Miguel no arquipélago dos Açores e onde, segundo Segura (2013), o fenómeno se encontra ativo. Assim, foram selecionadas 12 regiões, sendo que em cada região foram selecionados dois pontos de inquérito[22]: um urbano (U) e um rural (R). Os pontos, em (26), são:

(26)

Viana do Castelo: Arcos de Valdevez - ArV - (U) e Castro Laboreiro - CtL - (R)

Vila Real: Vila Real -VlR - (U) e Santo André - StA - (R)

Bragança: Bragança - Bca - (U) e Larinho - Lar - (R)

Braga: Braga - Bra - (U) e Fiscal - Fis - (R)

Porto: Ermesinde - Erm - (U) e Gião - Gia - (R)

Viseu: Viseu - Vis - (U) e Granjal - Grj - (R)

Guarda: Figueiró da Serra - FgS - (R)

Aveiro: Aveiro - Avo - (U)

Coimbra: Coimbra - Cob - (U) e Porto de Vacas - PtV (R)

Castelo Branco: Castelo Branco - CtB - (U) e Unhais da Serra - UnS - (R)

Portalegre: Nisa - Nis - (R)

Ilha de São Miguel: Ponta Delgada - PtD - (U) - e Ponta Garça - PtG - (R)

Na Figura 6 pode ver-se a distribuição dos pontos de inquérito selecionados para análise:

[22] Note-se que, por motivos logísticos, nos distritos de Aveiro, Guarda e Portalegre apenas foi recolhido um ponto. Em Aveiro, na zona rural, à data das recolhas, já não habitavam informantes no ponto selecionado previamente. Na Guarda e em Portalegre apenas foram recolhidos os pontos rurais.

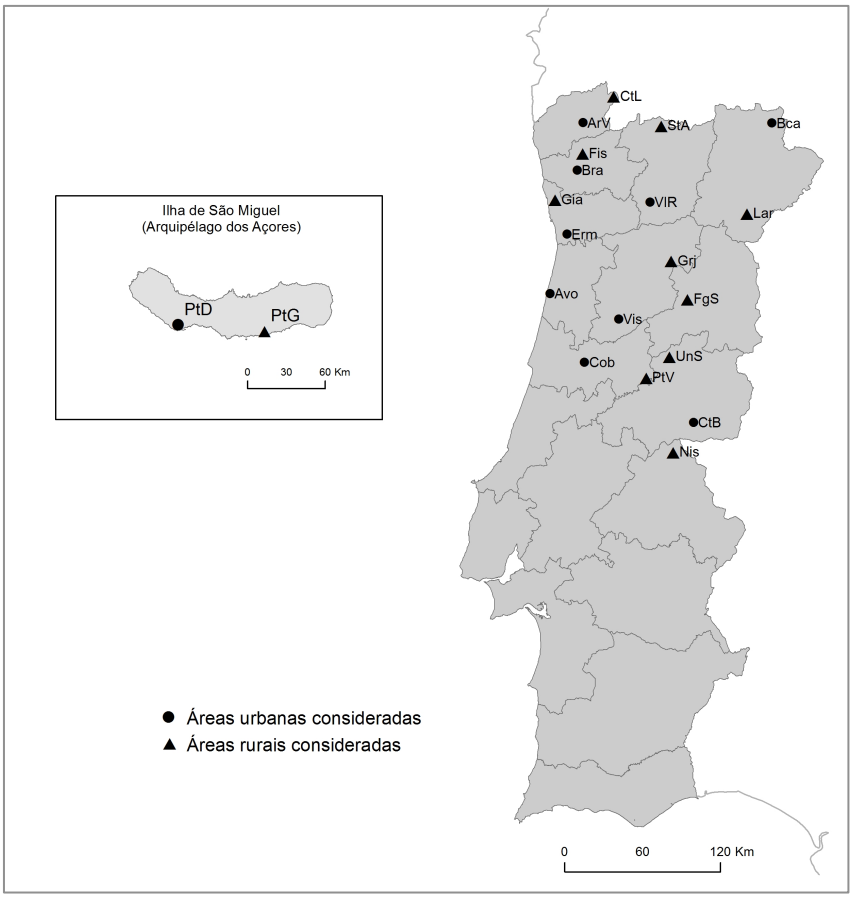


Figura 6 - Pontos de inquérito em Portugal Continental (à direita) e Ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores (à esquerda): nos círculos estão representados os pontos urbanos e nos triângulos os pontos rurais.

3.2 Tratamento dos dados

3.2.1 Etiquetagem e segmentação

Após extração dos dados áudio do ficheiro vídeo, os materiais foram etiquetados com o código correspondente à região de recolha (ver etiquetas em 3.1.3 e/ou separador *Methodology* da plataforma interativa do *InAPoP* (Frota & Cruz coords. 2012-2015), com as iniciais de cada informante e a etiqueta correspondente a cada tipo frásico e ao *corpus* de proveniência, bem como o número do enunciado e o número da produção (Cob_AC_Iode_19_R2). Para os dados da *Map Task* e da Entrevista, as etiquetas incluem indicação da região de recolha, as iniciais das informantes e referência ao tipo de tarefa

(Nis_OI_TG_MapTask). Sempre que necessário foi diminuído o ruído de forma a obter uma produção mais audível em *Abode Audition* (v. 1.5).

Depois de etiquetados, os dados foram segmentados de forma semi-automática no programa *Praat* (Boersma & Weenink 2012) através de um *script*[23], obtendo-se, desta forma, um ficheiro áudio por enunciado.

Ilustra-se na Figura 7 um exemplo de segmentação, em ficheiro bruto, antes da aplicação do script do *Praat* para obtenção de um ficheiro áudio por enunciado.

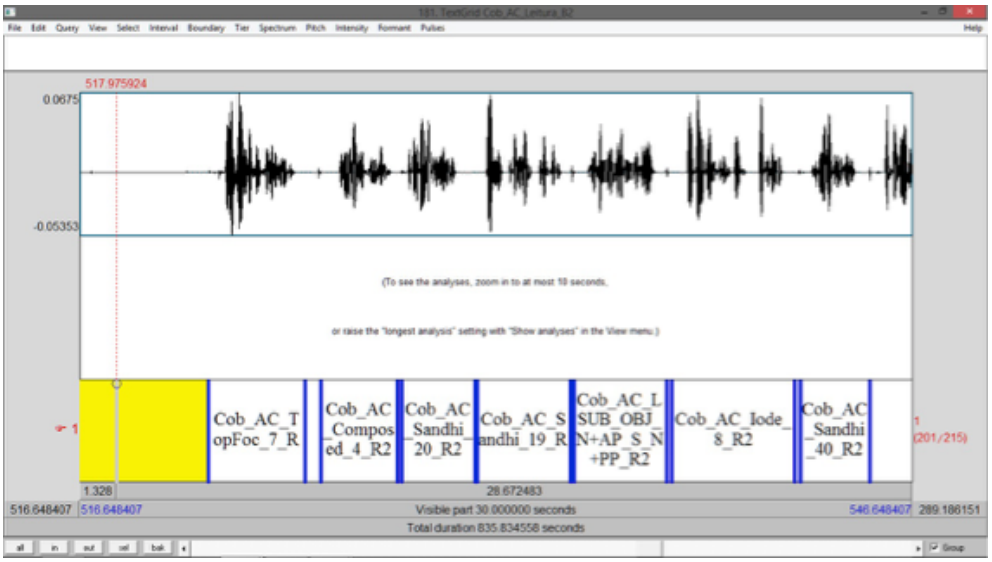


Figura 7 - Exemplo de segmentação de dados da tarefa de Leitura em *Praat*: etiqueta correspondente à região, iniciais da informante, tipo frásico/*corpus*, número do enunciado e número da produção.

3.2.2 Critérios de anotação

Extraídos os ficheiros áudio, foram criadas, para cada um deles, três fiadas de anotação: (i) uma fiada ortográfica, onde foi feita uma anotação palavra a palavra, alinhada com o espectrograma, (ii) uma fiada fonética, de acordo com as convenções do Alfabeto Fonético Internacional (IPA - *International Phonetic Alphabet*) e (iii) uma fiada para anotação do fraseamento, onde, segundo o P-ToBI de Frota (2014) e Frota, Oliveira, Cruz & Vigário (2015) e os critérios de anotação do *InAPoP*, foram anotados os níveis de fronteira dos

[23] Disponível em http://www.pabloarantes.net/praat.html

constituintes prosódicos do seguinte modo: 0 = CL, 1 = PW, 2 = PWG, 3 = PhP e 4 = IP, conforme Figura 8.

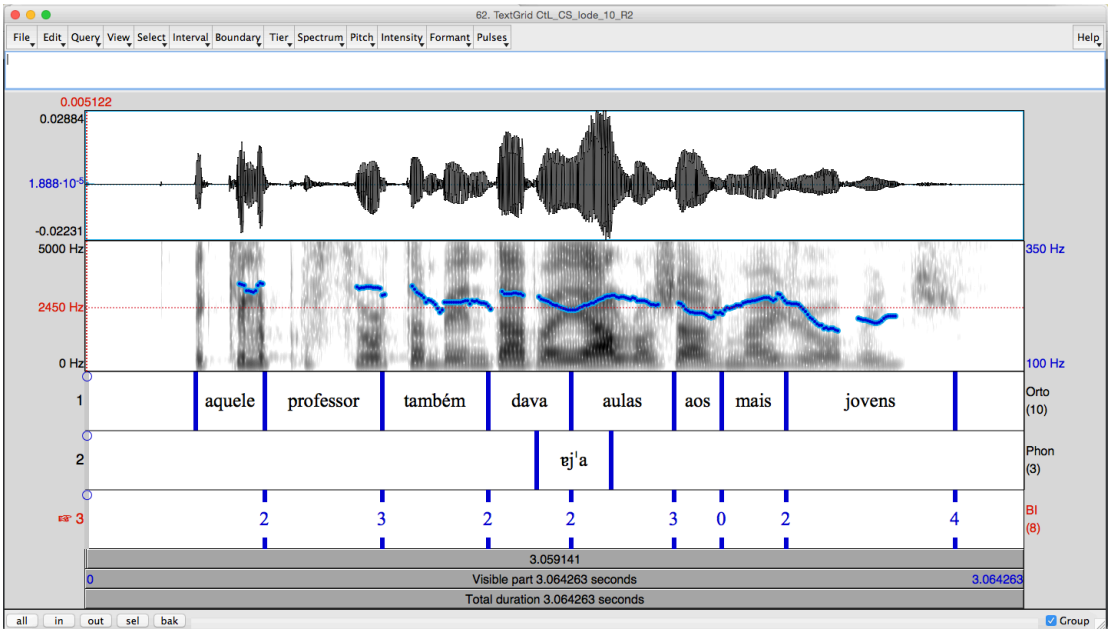


Figura 8 - Fiadas de anotação ortográfica, fonética (alvo) e fraseamento prosódico em *Praat* (alvo: *Aquele professor também dava aulas aos mais jovens*; informante: CS; região: CtL; tarefa: leitura).

Sempre que a análise suscitou dúvidas relacionadas com a cadeia de proeminências recorrendo a recursos entoacionais, foi acrescentada uma fiada tonal, onde se anotaram os eventos tonais dentro do quadro da fonologia prosódica e do modelo Métrico Autossegmental da Fonologia Entoacional (Beckman & Pierrehumbert 1986; Nespor & Vogel 1986; Ladd 1996; Frota 2014; Frota, Oliveira, Cruz & Vigário 2015). Não ocorrendo glide, foi acrescentada uma fiada para anotação do comportamento das vogais adjacentes.

3.2.3 Análise dos dados

Numa primeira fase, todos os dados foram sujeitos a uma análise percetiva, tendo sido feita a anotação em *Praat* da presença/ausência de glide entre vogais centrais quando a segunda era portadora de acento de palavra, na fiada correspondente. Assinalaram-se os casos de ocorrência dúbia, que foram posteriormente submetidos a análise espectrográfica fina. Foi

analisado, para a tarefa de Leitura, um total 4429 anunciados, nos quais não foram incluídos enunciados agramaticais ou de leitura não fluente (hesitações). Nas tarefas (semi)-espontâneas foi analisado um total de 532 enunciados. Cada informante leu todos os enunciados duas vezes, por ordem aleatória, à exceção de CtL, Erm, Vis, UnS e PtV em que uma informante da segunda faixa etária apenas fez uma leitura.

Posteriormente, foi anotado o comportamento das vogais centrais quando não ocorreu inserção de glide. A análise passou pela anotação da realização plena das vogais e da realização de apagamento de V_1 ou crase. Os dados foram etiquetados de forma a estabelecer a relação entre os domínios prosódicos e o nível de proeminência de PW_2, que se ilustram em (27).

(27)

a ocorrência de crase no enunciado "*Um amigo meu importav**a** **a**ves raras do Brasil*" foi anotada como ocorrendo numa relação 3-2 em que PW_2 é cabeça de PWG, nível de proeminência inferior a PW_1, neste caso, PhP.

No capítulo quarto do presente trabalho são apresentados os resultados obtidos através da metodologia descrita acima, sendo avaliada a relevância para a inserção da glide dos fatores prosódicos considerados.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

No presente capítulo os dados recolhidos são analisados tendo em conta os aspetos prosódicos descritos no capítulo 2 que pensamos poderem ser relevantes para o desencadeamento do fenómeno de inserção de [j]. Na secção 4.1 são apresentados os resultados relativos à resolução do hiato por inserção de segmento [j] tendo em conta o domínio prosódico em que se encontram V_1 e V_2 (subsecção 4.1.1), os níveis de proeminência de V_2 (subsecção 4.1.2), o estatuto fonológico da palavra a que pertence V_1 (palavra prosódica ou clítico) (subsecção 4.1.3) e as questões de natureza sociolinguística, comparando os resultados dos pontos urbanos e rurais e dos dois grupos etários (subsecção 4.1.4). Na secção 4.2 são apresentados os resultados referentes à resolução do hiato por apagamento de V_1 ou crase, tendo em conta o contexto prosódico em que se encontram PW_1 e PW_2 e os níveis de proeminência de PW_2.

4.1 Resolução do hiato por inserção de segmento [j]

4.1.1 Domínio prosódico

Sendo Leitura a tarefa mais controlada, a análise iniciou-se tendo em conta os resultados encontrados nesta tarefa. Para a observação do comportamento do fenómeno de inserção de [j], determinou-se apresentar, aqui e na subsecção seguinte, os dados em que V_1 tem estatuto de PW. Na verdade, a configuração V_1 = CL resulta na adjunção de um clítico ao hospedeiro seguinte $((\text{clítico})_{CL}(\text{hospedeiro})_{PW})_{PW}$ (Vigário 2003), podendo daí decorrer comportamentos particulares na resolução de hiatos, independentes do eventual domínio prosódico em que se aplica a regra (a resolução de hiato por inserção de [j] nesta configuração prosódica é tratada na subsecção 4.1.3).

Em todas as regiões o fenómeno parece ser opcional, uma vez que a sua ocorrência não é sistemática, conforme pode ver-se no Gráfico 1.

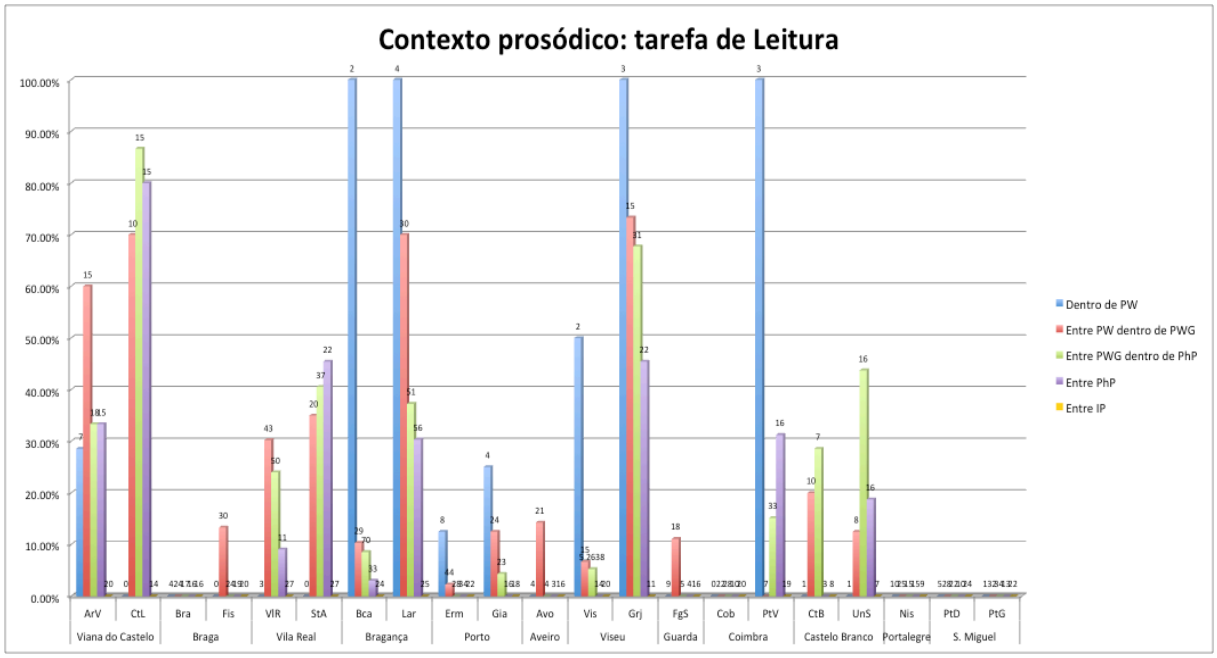


Gráfico 1 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o contexto prosódico e a região (V_1 pertence a PW; tarefa: leitura)

Apesar de uma evidente variabilidade na frequência da inserção nas diversas regiões, pode observar-se que o processo opera entre PW, PWG e/ou entre PhP. Contudo, a fronteira mais alta, IP, bloqueia a inserção de [j] entre vogais centrais, uma vez que, em todas as regiões, a glide nunca ocorre na fronteira direita deste constituinte[24]. Os dados mostram ainda que o fenómeno também se aplica dentro de PW. Estes resultados vêm trazer importantes notas sobre o domínio de aplicação do fenómeno: o fenómeno também ocorre dentro de PW (Figura 9) e tem como domínio de aplicação o IP (Figura 10). Note-se que as referências na literatura ao processo de inserção sugerem que ele se aplica entre palavras. O fenómeno parece poder, assim, ser caracterizado como uma regra *domain span*.

[24] A este respeito, importa dizer que no presente trabalho não foi investigada a distinção entre IP^{min} e IP^{max}, na linha de investigação sobre Domínios Prosódicos Compostos de Ladd (1996), Frota (2000, 2014), Cruz (2013) e Barros (2014). Em relação aos enunciados recolhidos com contexto favorável à formação de IP compostos, optou-se por exclui-los da análise, deixando o seu estudo para trabalho futuro.

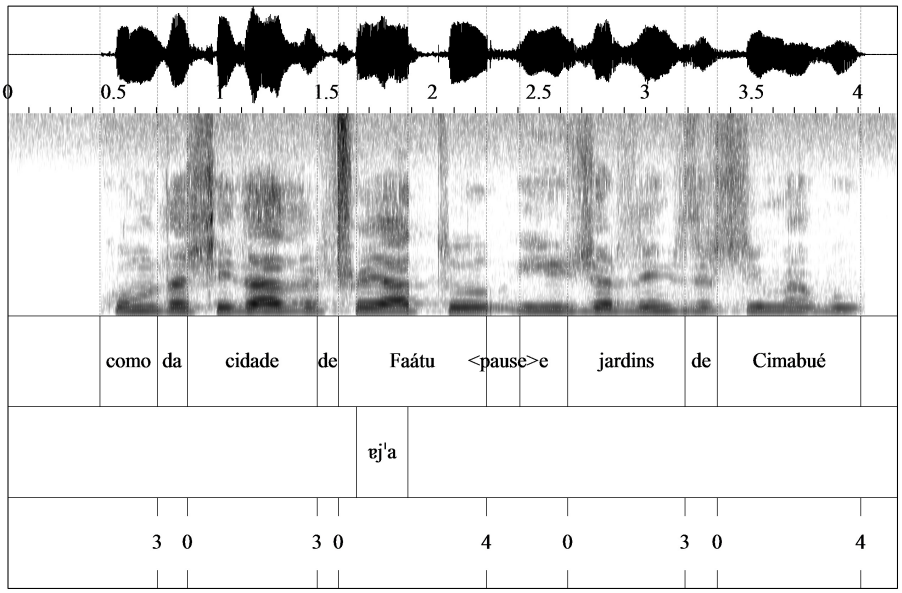


Figura 9 - Realização de segmento [j] no domínio de PW (alvo: (*O avô Joaquim andou por sítios de que nunca ouvi falar,*) *como a cidade de Faátu e os Jardins de Cimabué*, informante: MP, região: Grj, tarefa: leitura)[25]

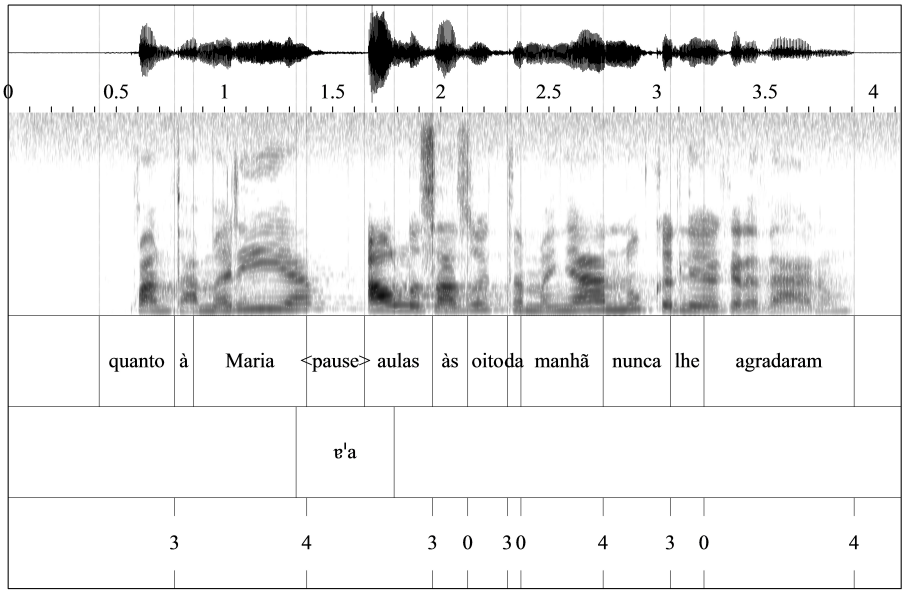


Figura 10 - Ausência de segmento [j] entre IPs (alvo: *Quanto à Maria, aulas às 8 da manhã, nunca lhe agradaram*, informante: EL, região: Bra, tarefa: leitura)

[25] Todas as imagens dos exemplos ao longo do presente capítulo, assim como os ficheiros de som, estão disponíveis em http://labfon.letras.ulisboa.pt/English/pedro_oliveira.htm >> Materiais.

Uma vez que na literatura eventuais vogais nasais apenas aparecem na segunda posição do hiato, a natureza oral de V_1 pode ser relevante para a possibilidade de ocorrência da inserção. Por essa razão, foram observados os dados em que tanto V_1 como V_2 possuem o traço [+nasal].

Tendo em conta os dados, observamos que em algumas regiões (por exemplo: ArV, CtL, Bra, Fis, Erm, Gia, VlR, StA, Bca, Lar) foram verificados traços de espraiamento de nasalidade do tipo consonântico da esquerda para a direita. Este espraiamento de /N/, associado à Coda, sofre, posteriormente, o processo de ressilabificação de associação do segmento ao Ataque disponível da sílaba seguinte (Figura 11). Nestes dados, a inserção de [j] nunca ocorre.

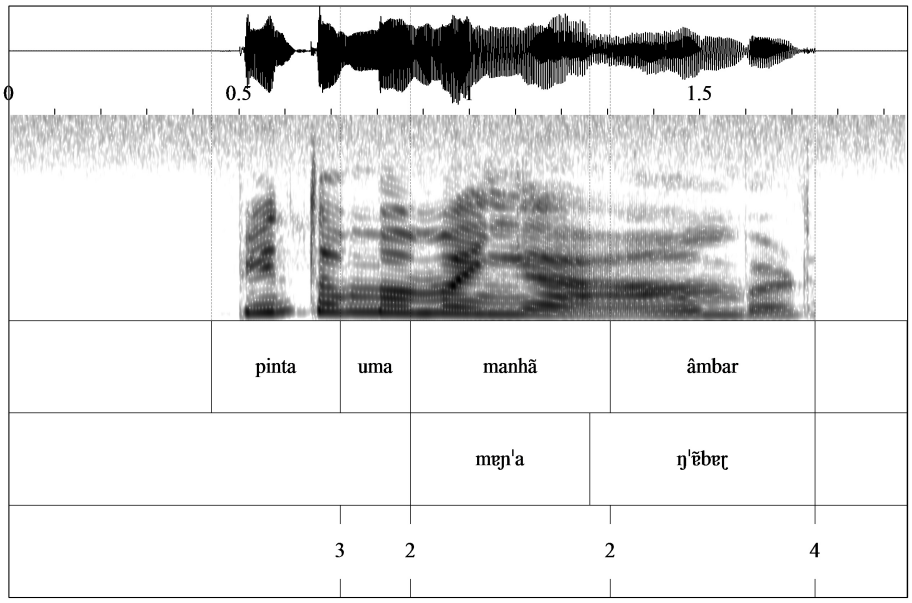


Figura 11 - Espraiamento da nasalidade em V_1 (alvo: *Pinta uma manhã âmbar*, informante: JF, região: Erm, tarefa: leitura)

Verficamos que nas regiões de Grj e Lar os dados revelam inserção de segmento [j] quando V_1 possui traços de nasalidade. Uma análise percetiva e espectrográfica permitiu observar que, sempre que o segmento [j] emerge, V_1 não possui os traços de nasalidade, emergindo como vogal oral (Figura 12).

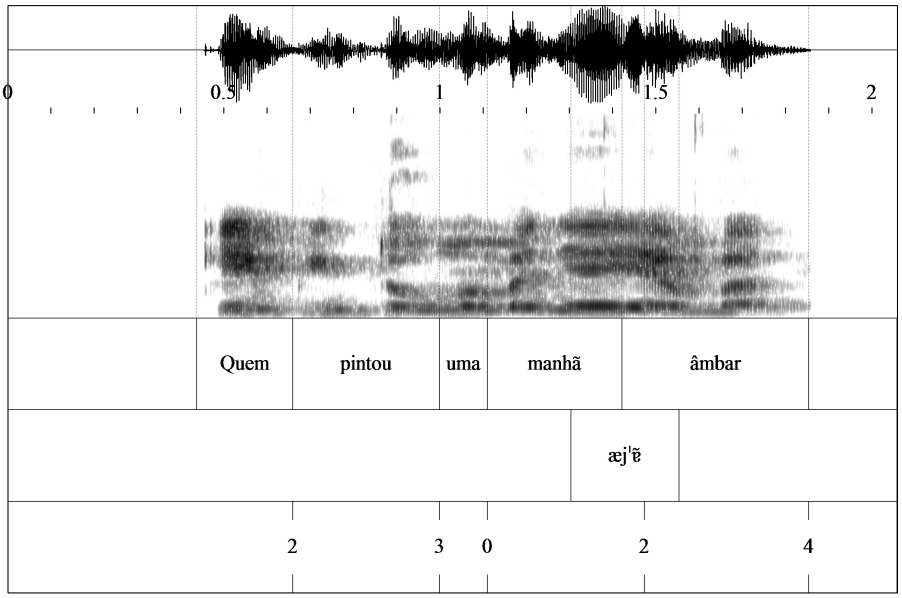


Figura 12 - Realização de segmento [j] no contexto /aN/ (alvo: *Quem pintou uma manhã âmbar?*, informante: CS, região: Lar, tarefa: leitura)

Nestes casos, V_1 também não sofre o processo de elevação, emergindo como [+baixa], realizando-se /aN/, na Figura 12, como [æ]. Circunscritos ao distrito de Viseu (Vis e Grj), foram ainda encontrados dados em que ambas as vogais do contexto são átonas (V_1V_2 *vs*. $V_1'V_2$), conforme Figura (13).[26]

[26] A possibilidade de inserção de glide com vogais centrais átonas em zonas específicas foi também recentemente referida por Brissos (2015). A par destas regiões, Brissos (2015) aponta a localidade de Foros de Arrão no concelho de Ponte de Sor (distrito de Portalegre) na região centro-sul. O autor encontra a emergência do fenómeno com uma frequência de ocorrência relativamente baixa.

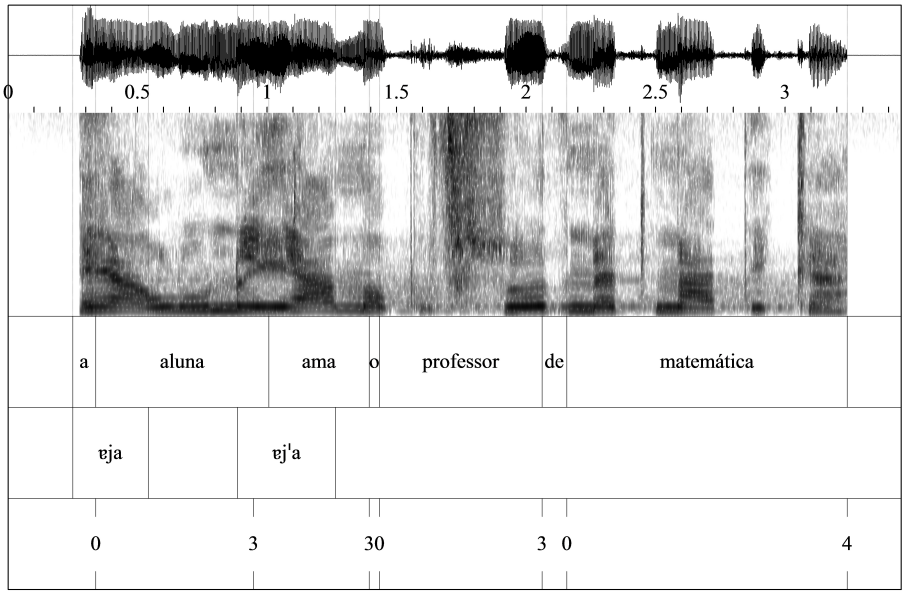


Figura 13 - Realização de segmento [j] entre vogais átonas e entre átona e tónica (alvo: *A aluna ama o professor de matemática*, informante: DP, região: Grj, tarefa: leitura)

Vejamos agora a taxa de inserção de segmento [j] em função da posição nos domínios prosódicos, i.e. dentro de PW, entre PW dentro de PWG, entre PWG dentro de PhP e entre PhP. Uma vez que a ausência de inserção na fronteira direita de IP é transversal a todos os dados recolhidos, deixaremos de fazer referência a este constituinte nas subsecções seguintes.

É possível observar, no Gráfico 1, que o fenómeno se encontra mais activo nas regiões do extremo e interior Norte (ArV, *n*%= 38,81%; CtL, *n*% = 78,89%, StA, *n*% = 40,33%, Lar, *n*% = 59,40%, Grj, *n*% = 71,63%), pois são as regiões que apresentam mais inserção de [j]. Para além disso, nestas regiões verificam-se ocorrências de inserção em todos os contextos prosódicos em observação, com a exceção do limite de IP, que, como vimos, bloqueia sistematicamente o fenómeno. Estas regiões mostram inserção designadamente nos domínios mais altos (Figura 14). Outras regiões, por seu turno, apenas apresentam inserção de [j] nos domínios mais baixos, uma vez que o fenómeno apenas emerge entre PW dentro de PWG (Fis, Avo e FgS) (Figura 15). Estes dados podem indicar que, nestas regiões, o fenómeno se aplica no limite direito de PW, no interior do domínio de PWG (sendo assim uma regra de tipo *domain limit*). Nas regiões de Fis, Erm, Gia, Avo, Vis, FgS e CtB parece haver uma preferência por domínios mais baixos do que PhP o que pode sugerir uma sensibilidade à fronteira direita deste constituinte, onde o fenómeno é bloqueado. Em Bra, Cob, Nis, PtD e

PtG o fenómeno não emerge nos dados em que V_1 = PW (os dados em que V_1 pertence a CL serão apresentados na subsecção 4.1.3).

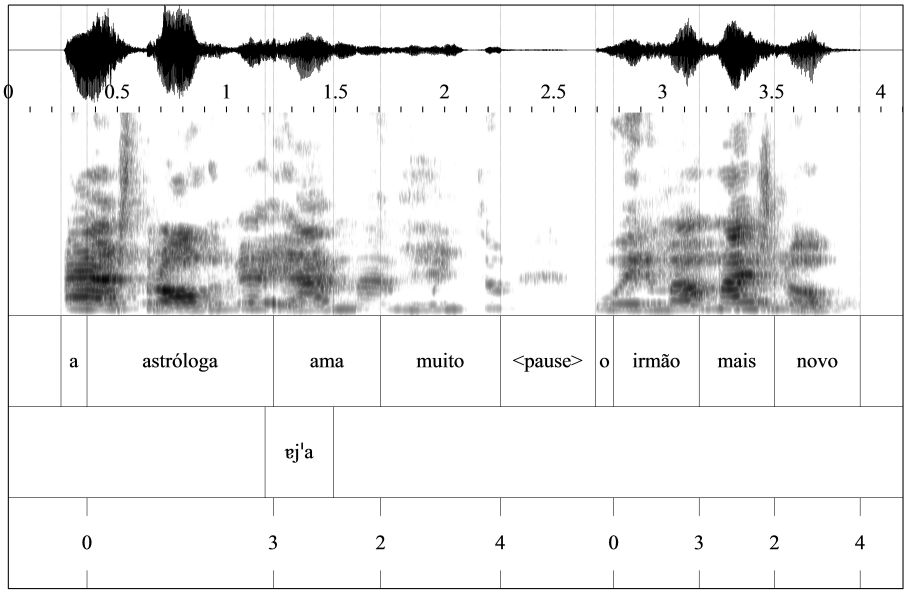


Figura 14 - Realização de segmento [j] entre PhP (alvo: *A astróloga ama muito o irmão mais novo*, informante: FC, região: Lar, tarefa: leitura)

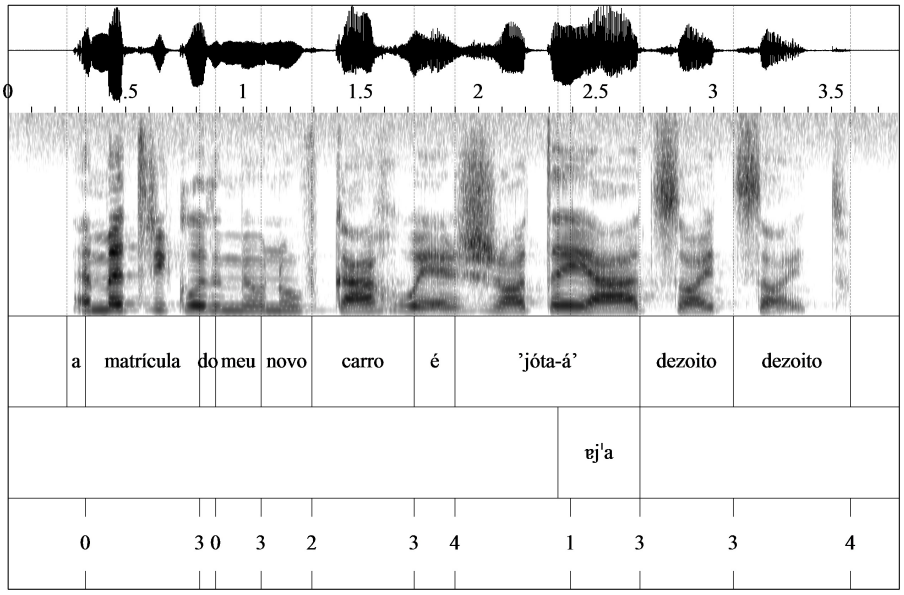


Figura 15 - Realização de segmento [j] entre PW dentro de PWG (alvo: *A matrícula do meu novo carro é J(ota)A-18-18*, informante: TA, região: FgS, tarefa: leitura)

Quando investigados os dados das tarefas (semi-)espontâneas, verificamos que estas permitem observar dois contextos prosódicos: $(\ldots V_1)_{PWG}$ _ $(V_2\ldots)_{PWG}$ e, residualmente, $(\ldots V_1)_{PhP}$ _ $(V_2\ldots)_{PhP}$ (ver Gráfico 2). Esta assimetria entre o número de contextos prosódicos elicitados pela leitura *vs.* tarefas (semi-)espontâneas está relacionada com, por um lado, a inclusão deliberada de contextos específicos na *map task* e, por outro, com a entrevista, em que não estava prevista elicitação de contextos potenciadores de inserção, e que resultou num número reduzido de contextos.

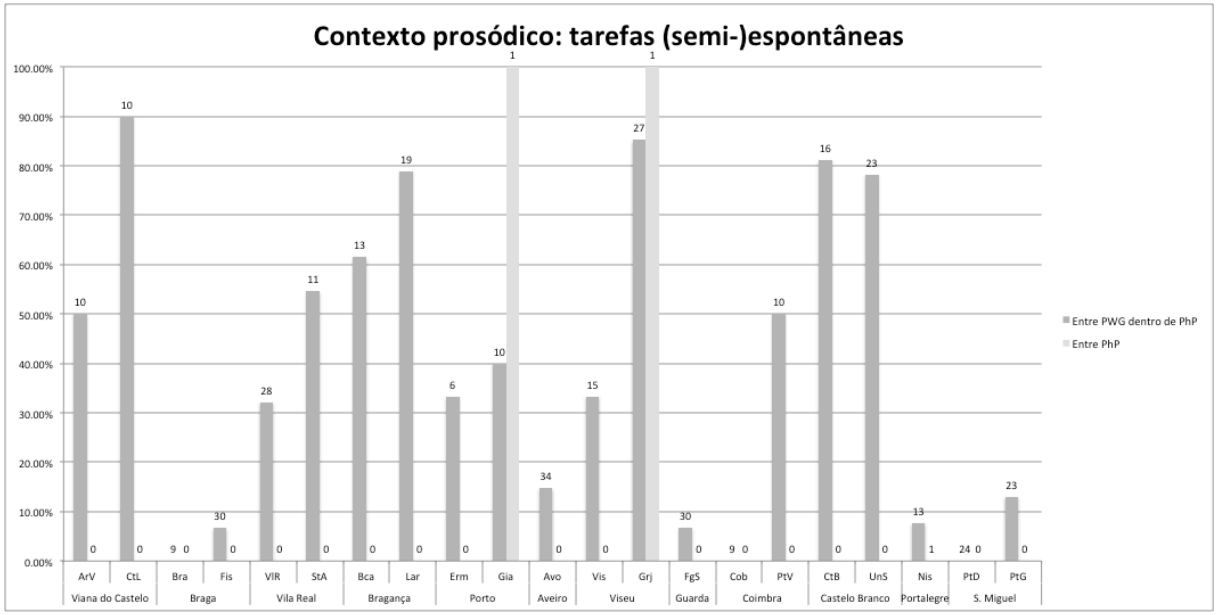


Gráfico 2 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o contexto prosódico e a região (V_1 pertence a PW; tarefa: (semi-)espontâneo)

Nis e PtG, que não apresentavam inserção na tarefa de leitura, mostram, nas tarefas (semi-)espontâneas, que o fenómeno opera. Apenas nas regiões de Gia e Grj o contexto entre PhP emerge (embora em número reduzido). Nesses casos, a inserção é sistemática. Gia, que parece no Gráfico 1 ser sensível à fronteira de PhP, mostra que não o é, uma vez que no único contexto que surge entre PhP a glide é inserida. Ao contrário do que está descrito na literatura mais recente (Segura, 2013), Bra e Cob continuam a não mostrar dados de inserção, o que pode revelar que, se a inserção existe nestas regiões, ela pode ser condicionada não pelo domínio prosódico, mas sim pelo estatuto fonológico da palavra a que pretence V_1

(lembramos que nesta subsecção apenas estamos a considerar os casos em que V_1 pertence a PW e não a CL).

4.1.2 Proeminência

Como na subsecção anterior, esta subsecção centra-se na descrição dos dados em que V_1 pertence a PW, apresentando-se os resultados tendo em conta o tipo de tarefa.

Começaremos por considerar conjuntamente os casos em que V_2 é cabeça de um qualquer constituinte superior à PW.

Os dados exibidos no Gráfico 3 mostram tendências diversas em diferentes regiões quanto a um eventual efeito da presença de proeminência acima de PW em V_2. Ressalvamos que as regiões de Bra, Cob, Nis, PtD e PtG foram excluídas desta subsecção, uma vez que foi visto na subsecção anterior que quando V1 = PW a glide não emerge nestas regiões.

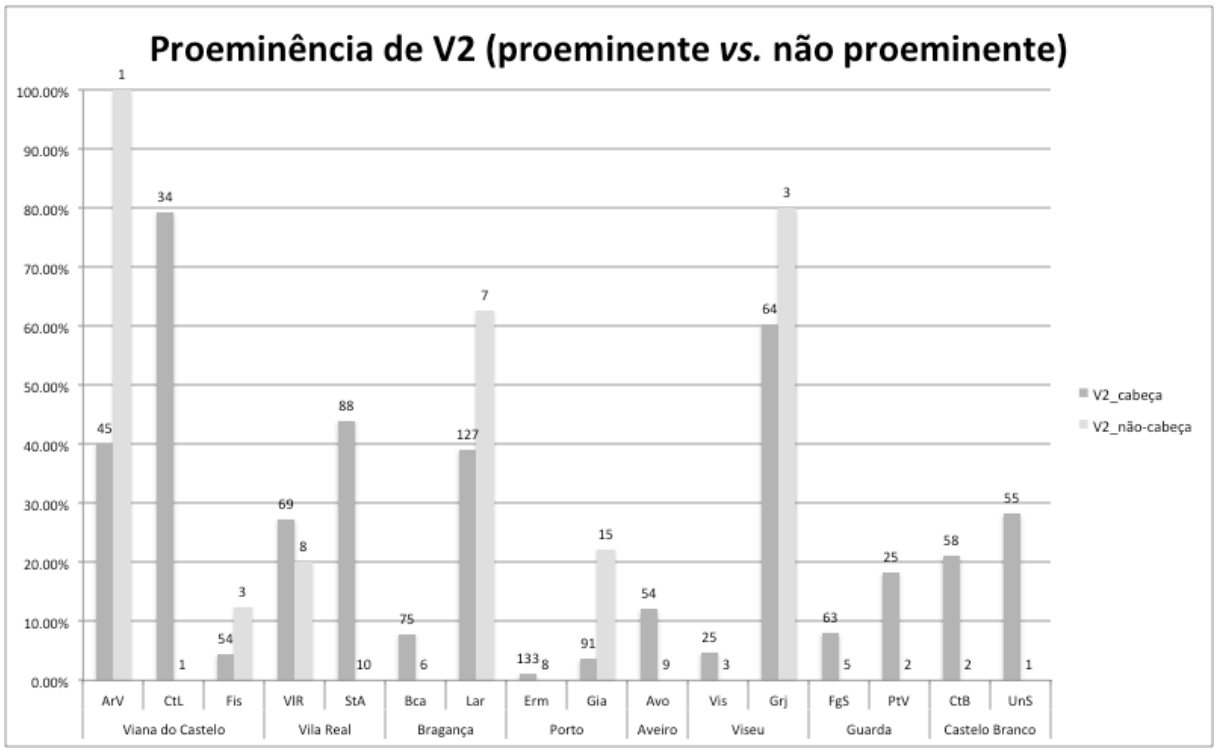


Gráfico 3 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta os níveis de proeminência de V_2 (V_1 pertence a PW; tarefa: leitura)

Os dados de CtL, StA, Bca, Erm, Avo, Vis, FgS, PtV, CtB e UnS mostram tendencialmente um efeito do nível de proeminência acima da palavra que incide sobre V_2, embora nas regiões de Bca, Erm, Avo, Vis e FgS a taxa de inserção seja baixa. Pelo contrário, nas regiões de ArV, Fis, VlR, Lar, Gia e Grj a proeminência sintagmática não parece ter qualquer efeito na emergência de [j] (embora o número de alvos seja bastante inferior nos casos em que V_2 não ocupa uma posição proeminente), como exemplificado na Figura 16.

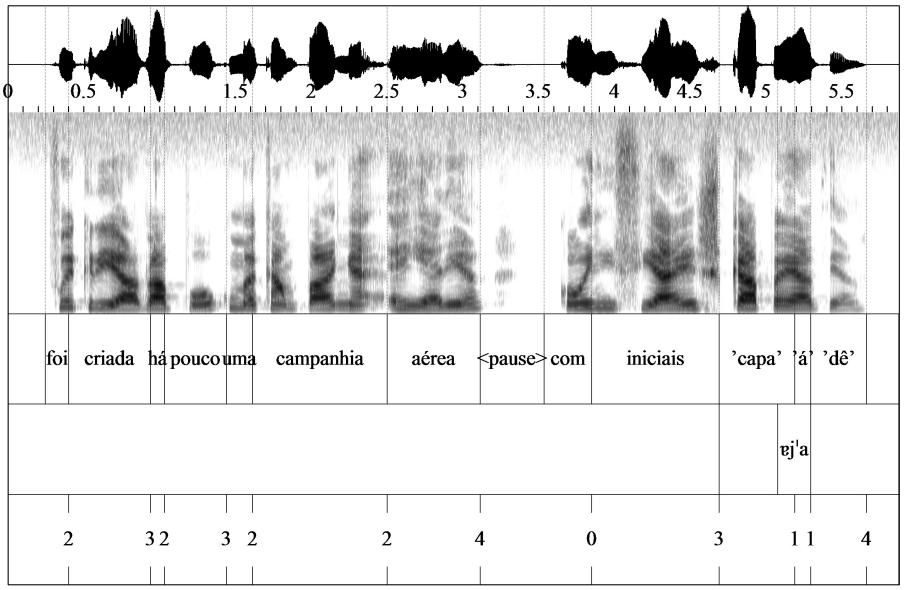


Figura 16 - Realização de segmento [j] em posição não proeminente de PWG (alvo: *Foi criada há pouco uma companhia aérea com as iniciais K.A.D.* (capa-á-dê), informante: MA, região: Gia, tarefa: leitura)

Se se considerar os dados tendo em conta os níveis específicos de proeminência (Gráfico 4), podemos observar que, em algumas regiões, a proeminência de IP parece favorecer a inserção uma vez que, sempre que há contexto, a glide emerge (ArV, CtL, Erm, Gia e Grj). Mas importa notar que em ArV e CtL há uma taxa de inserção bastante alta em todos os contextos e que o número de contextos de inserção em que V_2 recebe proeminência de IP em Erm, Gia e Grj é muito diminuto. Em outras regiões, pelo contrário, a proeminência de IP não parece desempenhar qualquer papel (Lar, e em especial, Vis e Bca).

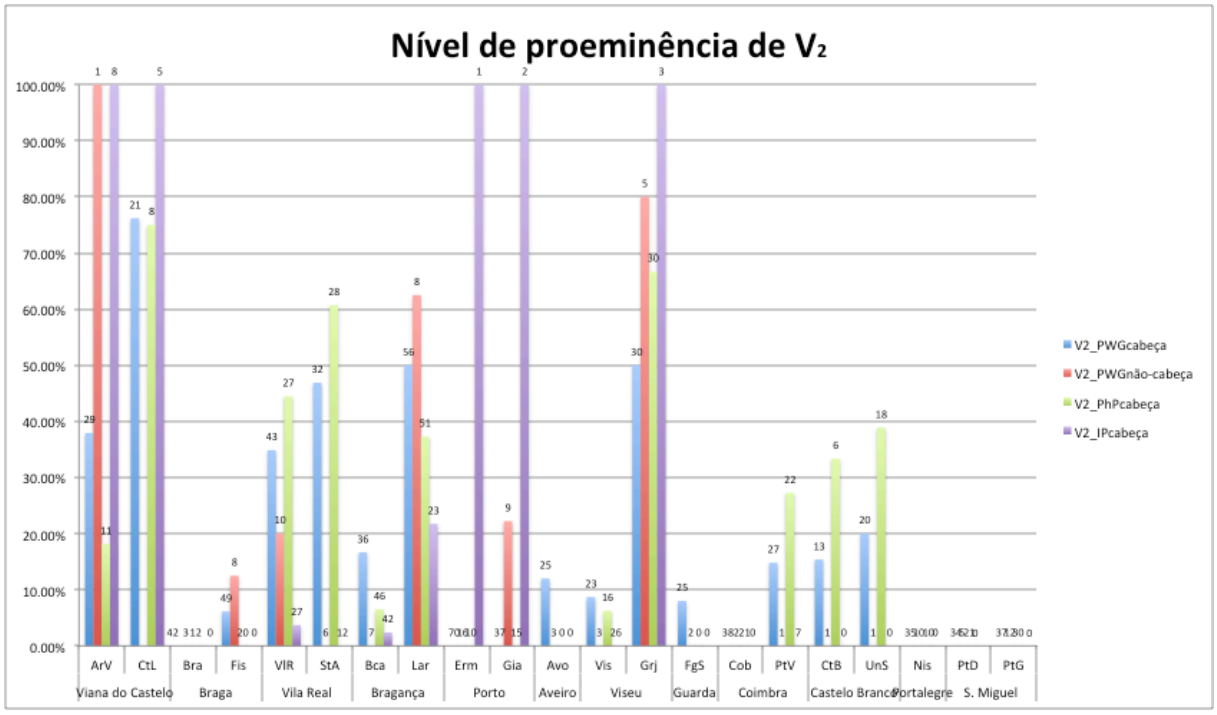


Gráfico 4 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta os níveis de proeminência (cabeça/não-cabeça dos diferentes domínios prosódicos) de V_2 (V_1 pertence a PW; tarefa: leitura)

O Gráfico 4 mostra ainda que a proeminência de PhP em V_2, e também PWG, embora menos, parece potenciar a inserção em quatro regiões, particulares: StA (*n*% = 60,71%), por poder estar relacionado com a localização no extremo Norte (assim como CtL - *n*% = 75,00%), e por PtV (*n*% = 27,27%), CtB (*n*% = 33,33%) e UnS (*n*% = 38,89%) estarem particularmente próximas. Em Bca, Avo e FgS, onde emerge mais inserção, embora diminutamente, é quando V_2 é cabeça de PWG. Em Fis, Lar e Gia a glide emerge mais em contextos em que V_2 é apenas portadora de acento de PW. Nestas regiões, a proeminência superior não parece favorecer a inserção.

Em resumo, os dados de leitura parecem revelar na maior parte das regiões um efeito potenciador de inserção de um nível de proeminência superior em V_2, havendo contudo variação regional quanto aos níveis de proeminência relevantes.

Nas tarefas (semi-)espontâneas apenas foram produzidos dados em que V_2 surge numa posição proeminente, pelo que nesta tarefa não podem ser apresentados dados relativos à distinção proeminente *vs.* não proeminente. Considerando, assim, apenas os níveis de

proeminência em V_2 nas tarefas (semi-)espontâneas, verifica-se que, quase sempre, há mais inserção quando V_2 é portadora de acento de PhP do que quando essa vogal é apenas portadora de acento de PWG (Gráfico 5).

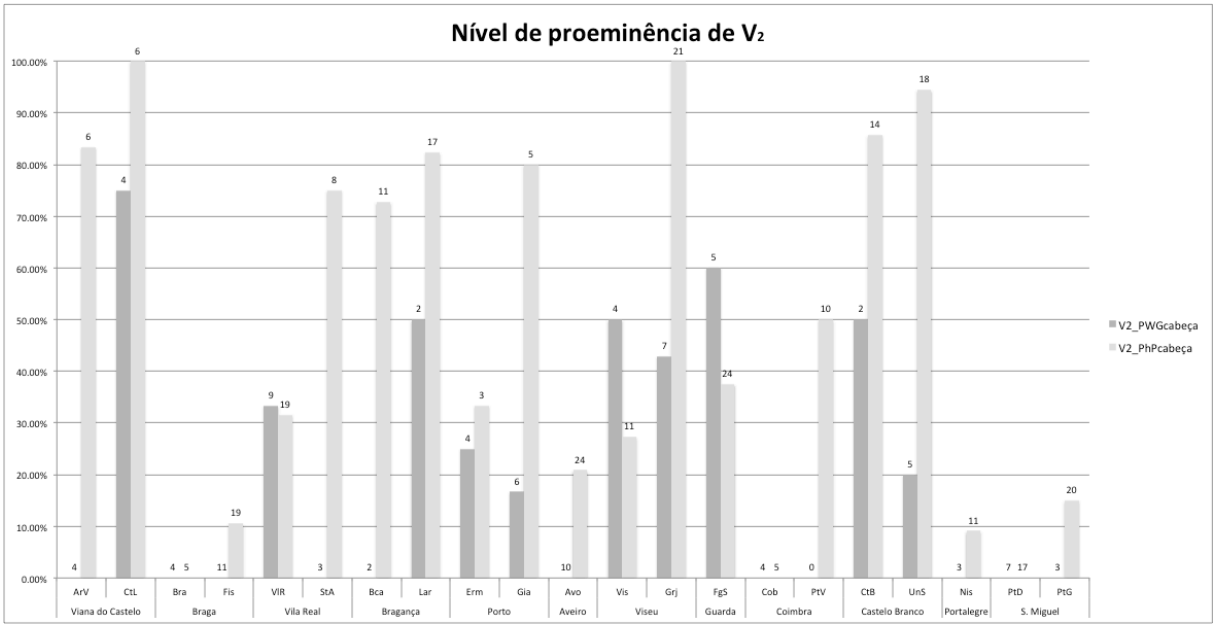


Gráfico 5 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta os níveis de proeminência de V_2 (V_1 pertence a PW; tarefa: (semi-)espontâneo)

Mais concretamente, nas variedades de ArV, CtL, Fis, StA, Bca, Erm, Gia, Avo, Grj, CtB, UnS, Nis e PtG há claramente mais inserção quando V_2 recebe proeminência de PhP e não apenas de PWG (Figura 17), enquanto nas variedades VlR, Vis, FgS não se verifica esse incremento, sendo a inserção nas duas últimas localidades mais frequente quando V_2 recebe apenas acento de PWG (Figura 18).

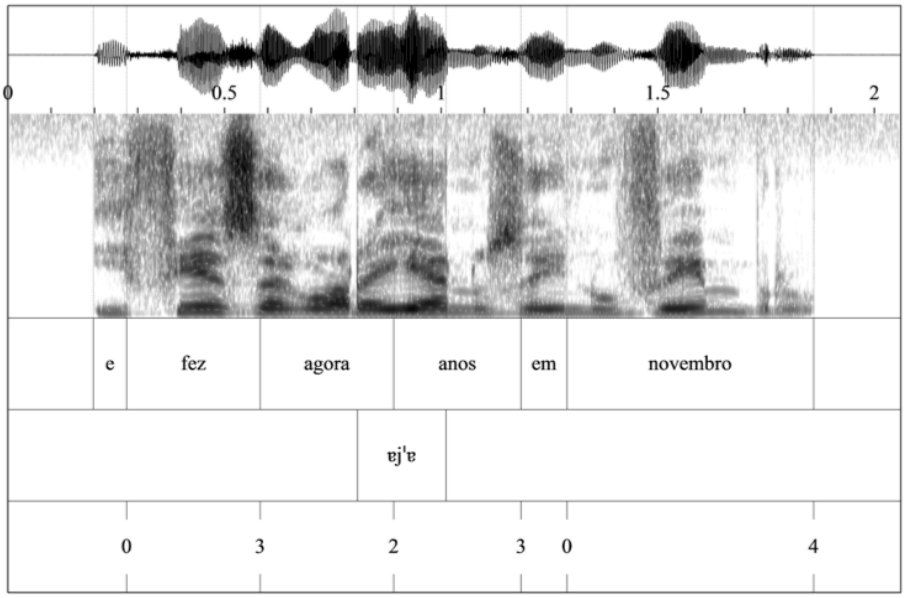


Figura 17 - Realização de segmento [j] em posição proeminente de PhP (alvo: *e fez agora anos em Novembro*, informante: EF, região: Avo, tarefa: (semi-)espontâneo)

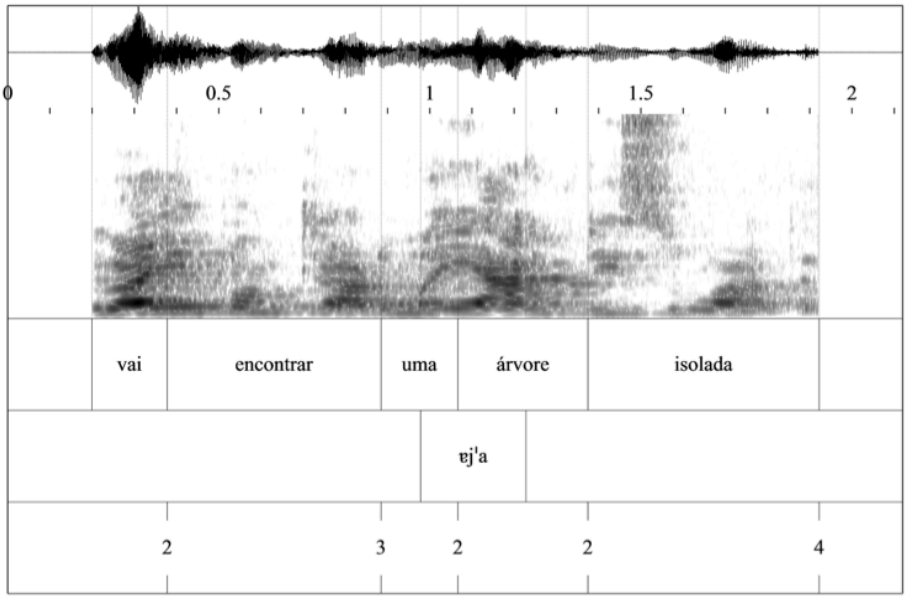


Figura 18 - Realização de segmento [j] em posição proeminente de PWG (alvo: *vai encontrar uma árvore isolada*, informante: MLF, região: VlR, tarefa: (semi-)espontâneo)

As localidades onde na leitura a proeminência mais alta (IP) parece estar associada com mais inserção (ArV, CtL, Erm, Gia e Grj) estão entre as que no tipo de tarefa (semi-)espontânea exibem mais inserção quando V_2 é portadora do acento de nível mais alto (PhP).

Importa salientar, mesmo assim, que em várias localidades os dados de uma ou mais condições são muito diminutos ou inexistentes, o que dificulta a análise dos resultados.

4.1.3 Estatuto fonológico da palavra a que pertence V_1

A par do contexto prosódico e dos níveis de proeminência em V_2, o estatuto fonológico da palavra a que V_1 pertence, CL ou PW, pode mostrar-se um fator restritivo, pois pode condicionar a aplicação do fenómeno de inserção de [j].

Considerando que a frequência de unidades e padrões fonológicos pode ter implicações importantes na aplicação de fenómenos fonológicos (veja-se secção 2.3; Bybee 2000, 2001), parece fundamental nesta investigação considerar o estatuto fonológico da palavra a que pertence V_1. Nesse sentido, observou-se os dados tendo em conta a distinção entre V_1 pertencer a um CL (V_1_CL) e V_1 pertencer a uma PW (V_1_PW) em ambas as tarefas (leitura e (semi-)espontâneo).

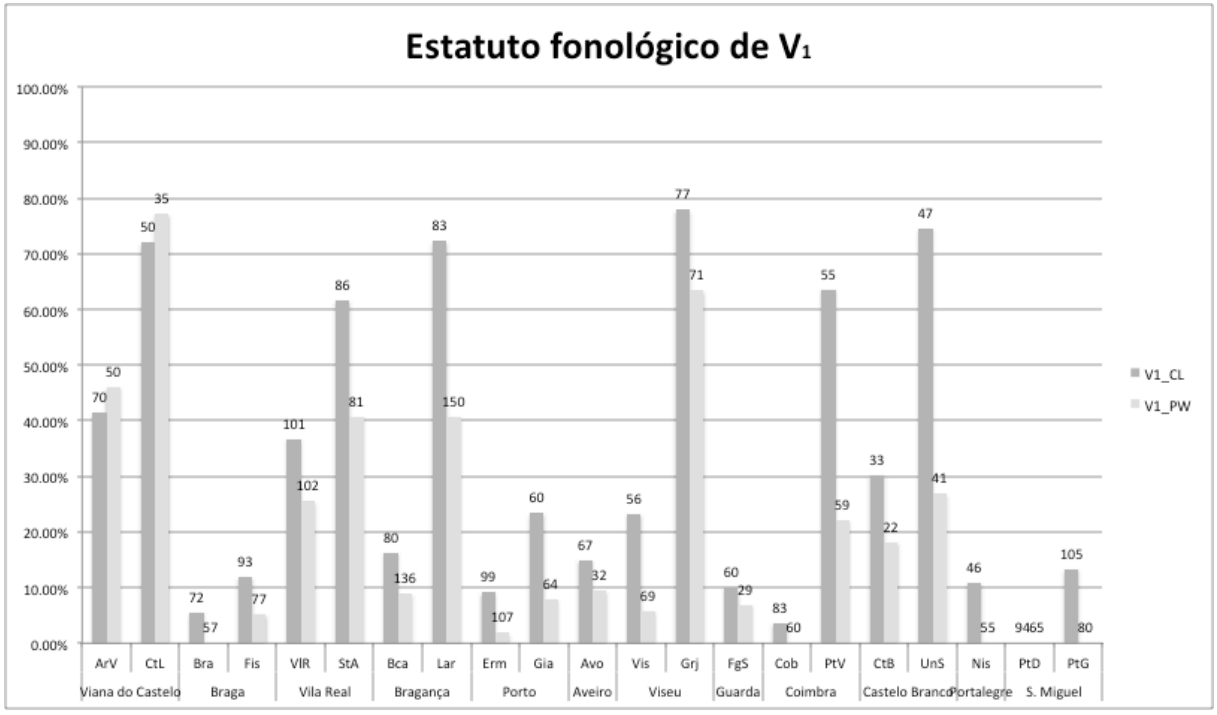


Gráfico 6 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o estatuto fonológico de V_1 (CL ou PW; tarefa: leitura)

O Gráfico 6 mostra que, no geral, existe uma maior taxa de inserção quando V_1_CL. Nas regiões de ArV e CtL parece não haver um efeito CL vs. PW, pois as regiões mostram percentagens de inserção bem próximas tendo em conta o estatuto de V_1 (ArV - V_1_CL: *n*% = 41,43% *vs.* V_1_PW: *n*% = 46,00%; CtL - V_1_CL: *n*% = 72,00% *vs.* V_1_PW: *n*% = 77,14%). Bra e Cob, que não mostram inserção quando V_1 pertence a PW, exibem inserção de [j] quando V_1 pertence a CL. A par destas, Fis, VlR, StA, Bca, Lar, Erm, Gia, Avo, Vis, Grj, FgS, PtV, CtB, UnS, Nis e PtG mostram que V_1 pertencer a CL favorece mais a inserção do que V_1 pertencer a PW.

Os resultados tendo em conta as tarefas (semi-)espontâneas mostram a mesma tendência que a tarefa de leitura (Gráfico 7).

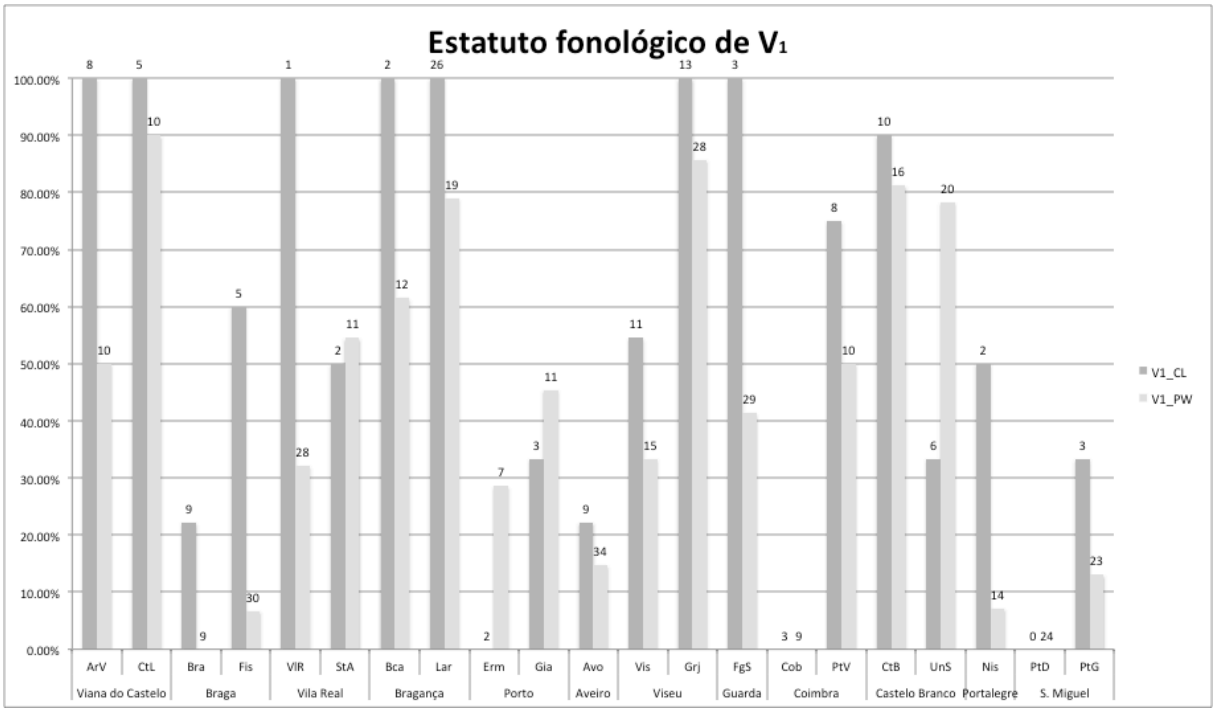


Gráfico 7 - Percentagem e número absoluto de ocorrência de glide entre vogais centrais tendo em conta o estatuto fonológico de V_1 (CL ou PW; tarefa: (semi-)espontâneo)

ArV, Bra, Fis, VlR, Bca, Vis, FgS, Nis e PtG mostram um efeito da categoria a que pertence V_1, apresentando percentagens de inserção mais elevadas quando V_1 pertence a CL (Figura 19).

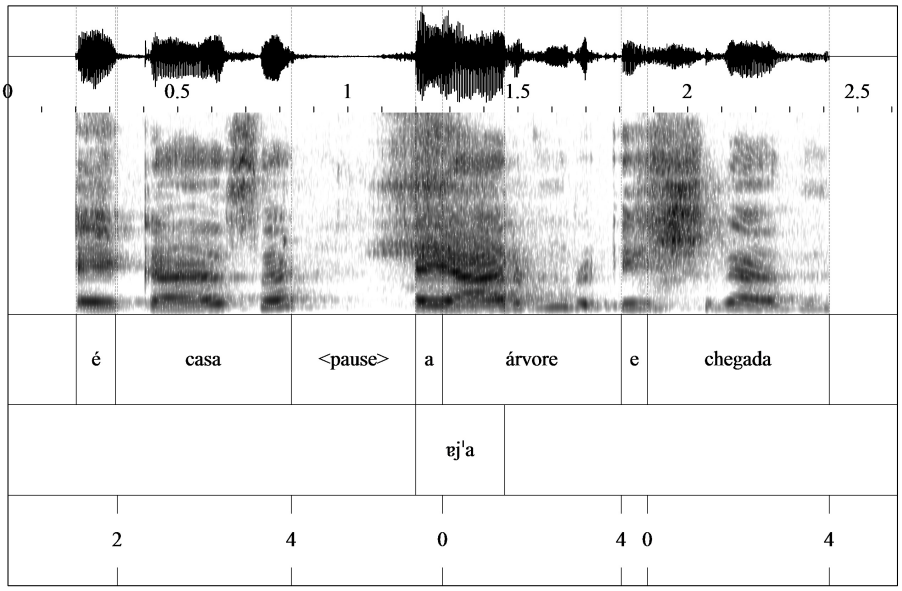


Figura 19 - Realização de segmento [j] quando V_1 = CL (alvo: *É a casa, a árvore e a chegada*, informante: MVC, região: VlR, tarefa: (semi-)espontâneo)

Apenas Erm, Gia e UnS não revelam esse efeito, havendo nestas localidades mais inserção quando V_1 pertence a PW. Em algumas zonas a diferença é escassa, podendo revelar que esta dimensão nestas regiões não é relevante (CtL, StA e CtB).

Há ainda considerações a fazer a respeito dos dados das regiões de Bca e Cob: relativamente às tarefas (semi-)espontâneas, apenas foram encontrados, em Bca, contextos potenciais de inserção no grupo de 60+ e em Cob no grupo 20-45. Este facto pode eventualmente relacionar-se com a elevada taxa de inserção encontrada na primeira zona, e a baixa taxa de inserção verificada na segunda. O efeito da idade na presença/ausência de glide é tratado sistematicamente na subsecção que se segue.

4.1.4 Questões sociolinguísticas

Considerando os fatores extralinguísticos, como a distinção urbano/rural, a idade e o tipo de tarefa, procedeu-se à análise dos dados tendo em conta o estatuto de palavra a que pretence V_1 por faixa etária, por distinção entre pontos urbanos e rurais e de acordo com a distribuição geográfica dos pontos de inquérito. Aqui, consideraram-se os níveis de Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), conforme o decreto-lei número 255 de 5 de Novembro de 2002 publicado em Diário da República I série A, tendo

sido as regiões divididas em quatro grandes classes: Norte (que integra as regiões de ArV, CtL, Bra, Fis, Erm, Gia, VlR, StA, Bca, Lar e ainda a região do Grj), Centro (Avo, Vis, FgS, Cob, PtV, CtB e UnS), Alentejo (Nis) e Ilhas (Região Autónoma dos Açores: PtD e PtG). O Gráfico 8 mostra os resultados tendo em conta as variáveis a que acabamos de aludir.

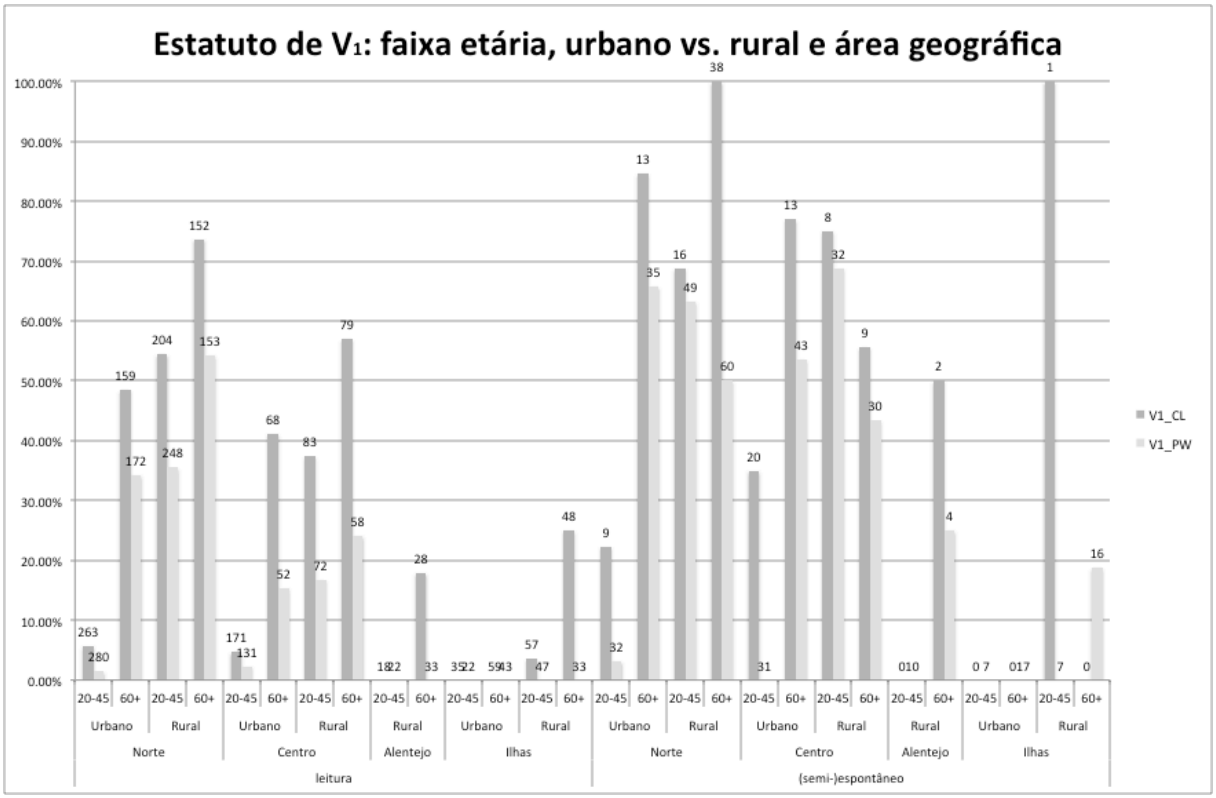


Gráfico 8 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o estatuto fonológico de V_1 (CL ou PW; distinção por faixa etária, ponto urbano e rural, grandes áreas e tipo de tarefa: leitura e (semi-)espontâneo).

No Gráfico 8, o comportamento dos falantes relativamente ao estatuto da palavra a que pertence V_1 e observando as quatro variáveis (20-45/60+, urbano/rural, leitura/(semi-)espontâneo e grandes áreas) mostra que a inserção é sempre mais frequente quando a V_1 pertence a um CL. Na tarefa de leitura, os falantes manifestam menos inserção que na tarefa (semi-)espontânea como tem vindo a ser descrito nas subsecções anteriores. Para além disso, os informantes da faixa etária mais baixa, em todas as grandes regiões, inserem menos do que os falantes mais velhos. É de salientar que em Nis se foi observando que o fenómeno está activo, mas aqui percebe-se que ele está apenas presente na faixa etária mais velha. Os pontos

rurais, por seu turno, mostram mais inserção do que os urbanos e as ilhas (nas ilhas, apenas o ponto rural exibe inserção). Nas duas grandes zonas fundamentais (Norte e Centro), comparando a faixa etária mais velha do ponto urbano com a faixa etária mais nova do ponto rural, os valores de inserção aproximam-se, o que pode sugerir uma mudança em curso.

Tendo em conta a concentração populacional do território português, sabe-se que é maior a densidade populacional na cidade de Lisboa do que nos restantes centros urbanos, nomeadamente devido ao processo de industrialização (Marques 2005; Marques da Costa 2007; Zuna 2010). O Relatório do Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT) refere ainda uma tendência para o despovoamento das áreas rurais a favor das àreas urbanas, conforme Figura 20, abaixo.

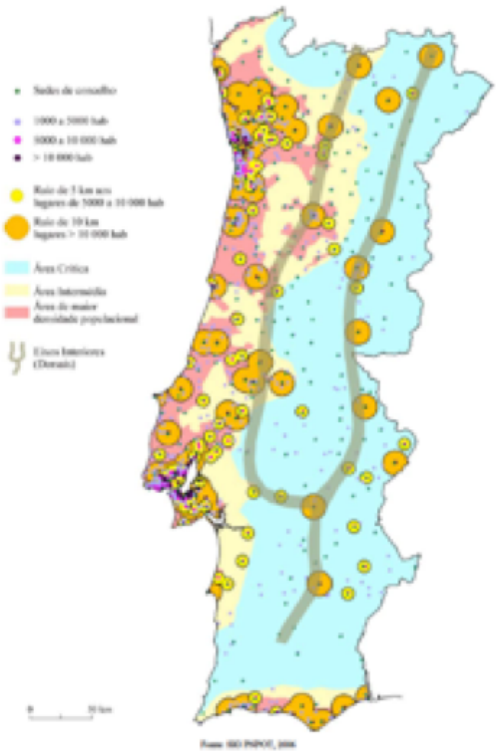


Figura 20 - Povoamento e eixos interiores no Continente. Fonte: Relatório PNPOT, 2006

A par do acima descrito, o relatório PNPOT aponta ainda que o sistema educativo nacional abranje hoje a totalidade dos jovens residentes em Portugal, embora a taxa de analfabetismo ainda seja superior a 10% nos concelhos do interior (dados de 2001) . Na rede universitária, a distribuição territorial das instituições de ensino superior é a que se reproduz abaixo, conforme Figura 21.

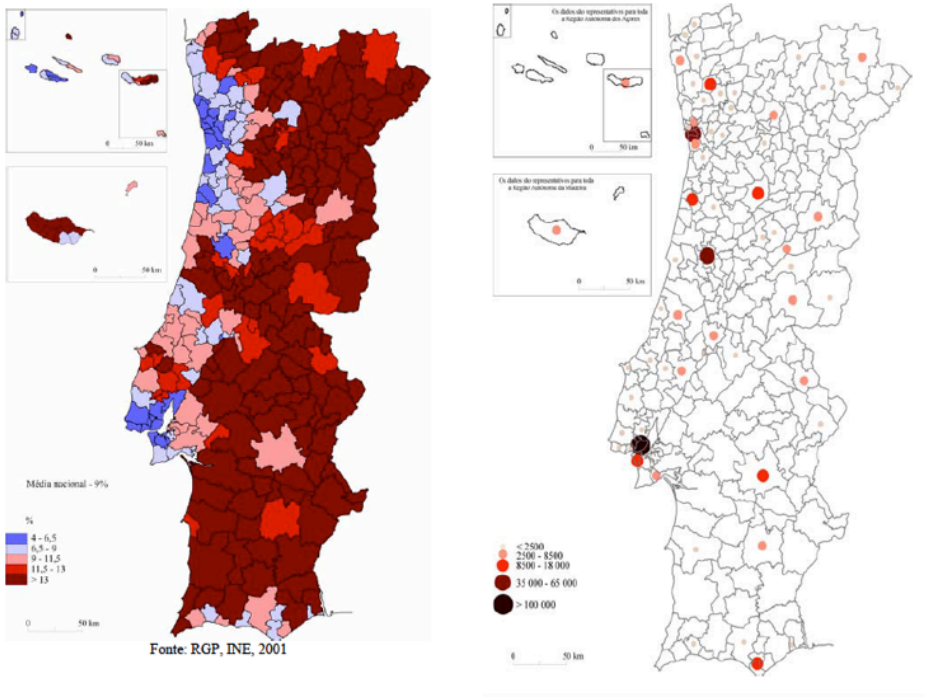


Figura 21 - Taxa de analfabetismo por concelho de Portugal (à esquerda) e número de alunos matriculados em estabelecimentos de ensino superior, público e privado em Portugal. Fonte: Relatório PNPOT, 2006

Com base nestes dados, é possível estabalecer uma *espinha dorsal* e uma estrutura organizacional do terrirório continental de Portugal. É possível observar dois pólos urbanos e um arco metropolitano entre as áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto. Considerando ainda, para além do referido, a integração do sistema urbano e o mapa de acessibilidades, conforme mostra a Figura 22, retirada do Relatório do Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território, aponta-se a região do Minho como fazendo parte do arco metropolitano Lisboa-Porto por ser uma potencialidade central.

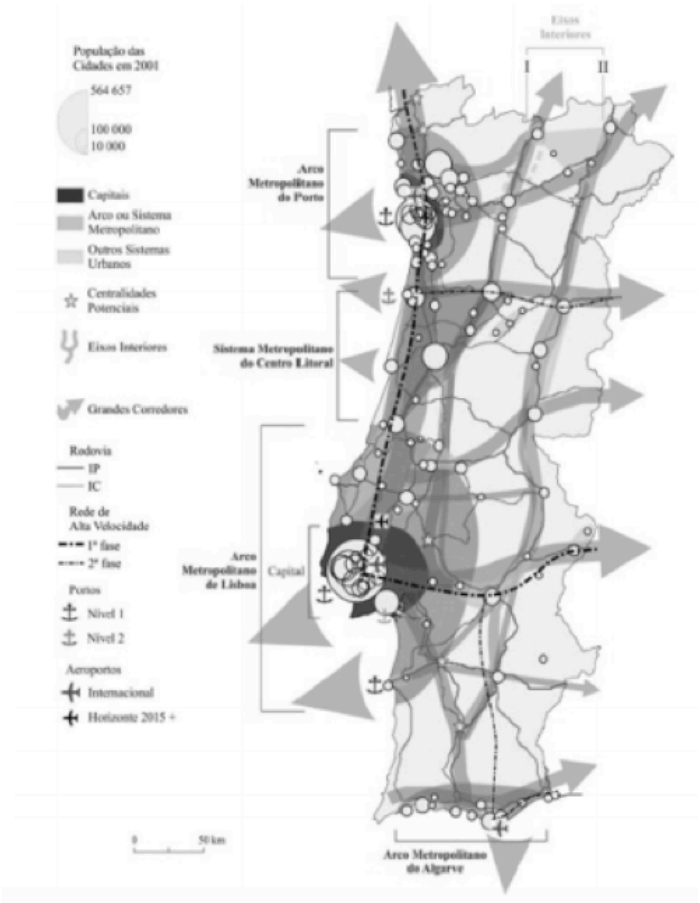


Figura 22 - Sistema urbano e acessibilidades em Portugal Continental. Fonte: Relatório PNPOT, 2006

Dados estes elementos, procurámos observar os nossos resultados agregando as localidades em função de alguns dos aspectos identificados. Estabeleceu-se um agrupamento tendo em contra os argumentos que acima se apontam: na Área 1 foram incluídas as regiões de Bra, Fis, Erm, Gia, Avo e Cob, por se encontrarem em áreas de maior densidade populacional (2572609 habitantes), com importantes pólos de ensino superior e grande acessibilidade; na Área 2 foram incluídas as regiões de ArV, CtL, VlR, StA, Bca e Lar, pela menor acessibilidade (tendo em conta as infraestruturas) e maior afastamento em relação aos grandes pólos urbanos; na Área 3 foram incluídas as regiões de Vis, Grj, FgS, PtV, CtB e UnS, pelas questões assinaladas relativamente à Área 2 e pela menor densidade populacional em relação à mesma área (804676 vs. 933153 habitantes); na Área 4 foi incluída a região de Nis por se encontrar no extremo sul onde o fenómeno foi apontado, por Segura (2013), como ainda activo; na Área 5 foram incluídas as regiões de PtD e PtG, por estarem geograficamente isoladas.

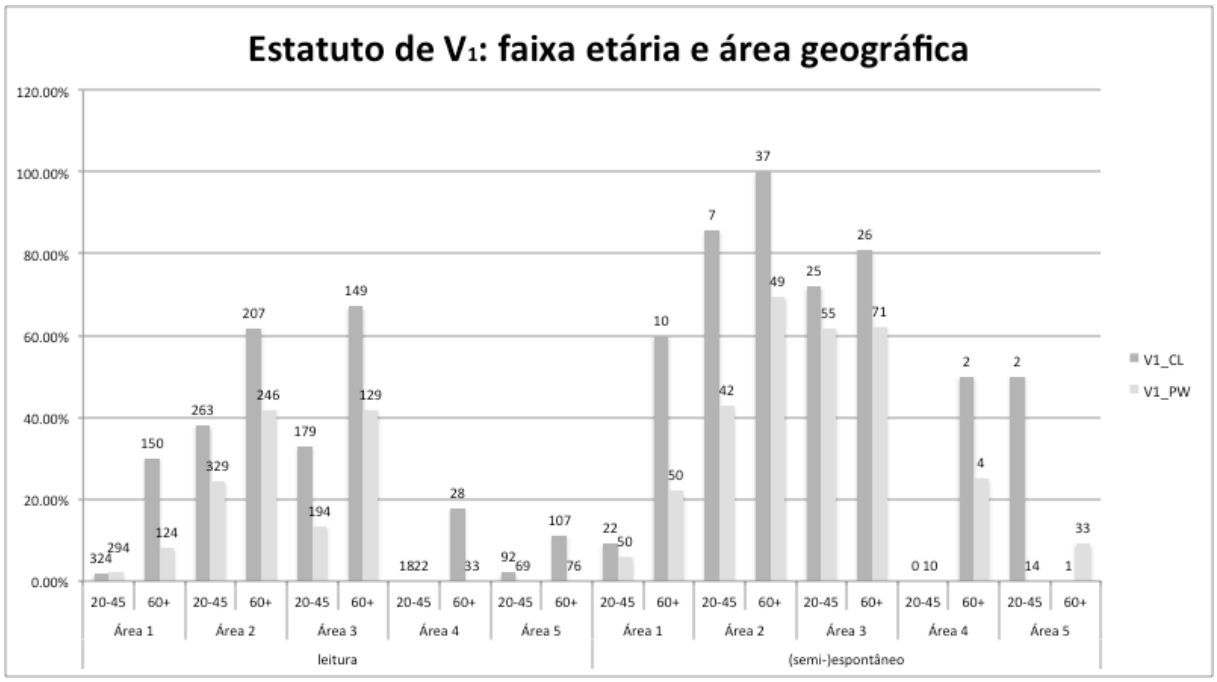


Gráfico 9 - Percentagem de ocorrência de glide e número total de contextos possíveis para inserção de glide entre vogais centrais (no topo das barras) tendo em conta o estatuto fonológico de V_1 (CL ou PW; distinção por faixa etária, distinção por áreas e tipo de tarefa: leitura e (semi-)espontâneo)

Os resultados apresentados no Gráfico 9 parecem acompanhar a distribuição geográfica das áreas que reproduzimos acima (Figura 22). As regiões entre o eixo Lisboa-Porto (Área 1) parecem ser as que mostram menos inserção, comparando com as regiões do Extremo-Norte e Centro-Interior (Áreas 2 e 3). Por seu turno, as regiões mais periféricas (Áreas 4 e 5) apresentam, como a Área 1, uma menor densidade de inserção.

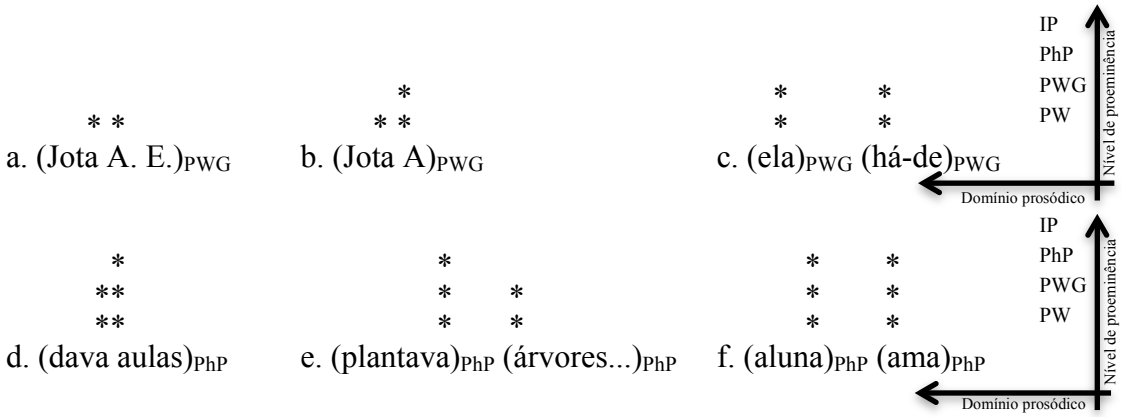
4.2 Resolução do hiato: outras estratégias

A presente subsecção procurará descrever outras estratégias encontradas para a resolução do hiato composto por vogais centrais em que V_2 é tónica, designadamente o apagamento de V_1 e a crase. Tal como anteriomente, ter-se-á em conta a posição das vogais do hiato no interior ou limite dos diferentes domínios prosódicos.

Na esteira de Frota (2000: cap. 3), os dados foram analisados tendo em conta o (i) contexto prosódico em que se encontram PW_1 e PW_2, (ii) o acento em V_2 e (ii) os níveis de

proeminência em que se encontra PW_2, conforme configurações abaixo (28). Na primeira condição, foram observados os dados em três tipos de estruturas prosódicas, a saber, (i) entre PW, dentro de PWG (28a-b); (ii) entre PWG, dentro de PhP (28c-d); e (iii) entre PhP (28e-f). Para a segunda condição, apenas os contextos em que V_2 recebe acento de palavra foram observados. Note-se que, nestes dados, da crase resulta sempre antagonismo acentual, ou seja, havendo crase, as sílabas acentuadas em PW_1 e PW_2 ficam estritamente adjacentes. Na terceira condição consideram-se os níveis de proeminência sintagmáticos em que se encontra PW_2, a saber, (i) proeminência de PW (28a); (ii) proeminência de PWG (28b-c); (iii) proeminência de PhP (28d-f); não-proeminência de PhP (28e).

(28)



Considerando a divisão geográfica estabelecida em 4.1.3, os resultados serão apresentados em colunas empilhadas de forma a mostrar a relação das estratégias como um todo, comparando a distribuição dos processos de resolução de hiato para o total de todas as condições apresentadas em (28).

Os dados no Gráfico 10 mostram que, para além da inserção de glide, o apagamento é uma forma de resolver hiatos formados por vogal central, sendo V_2 portadora de acento de palavra.

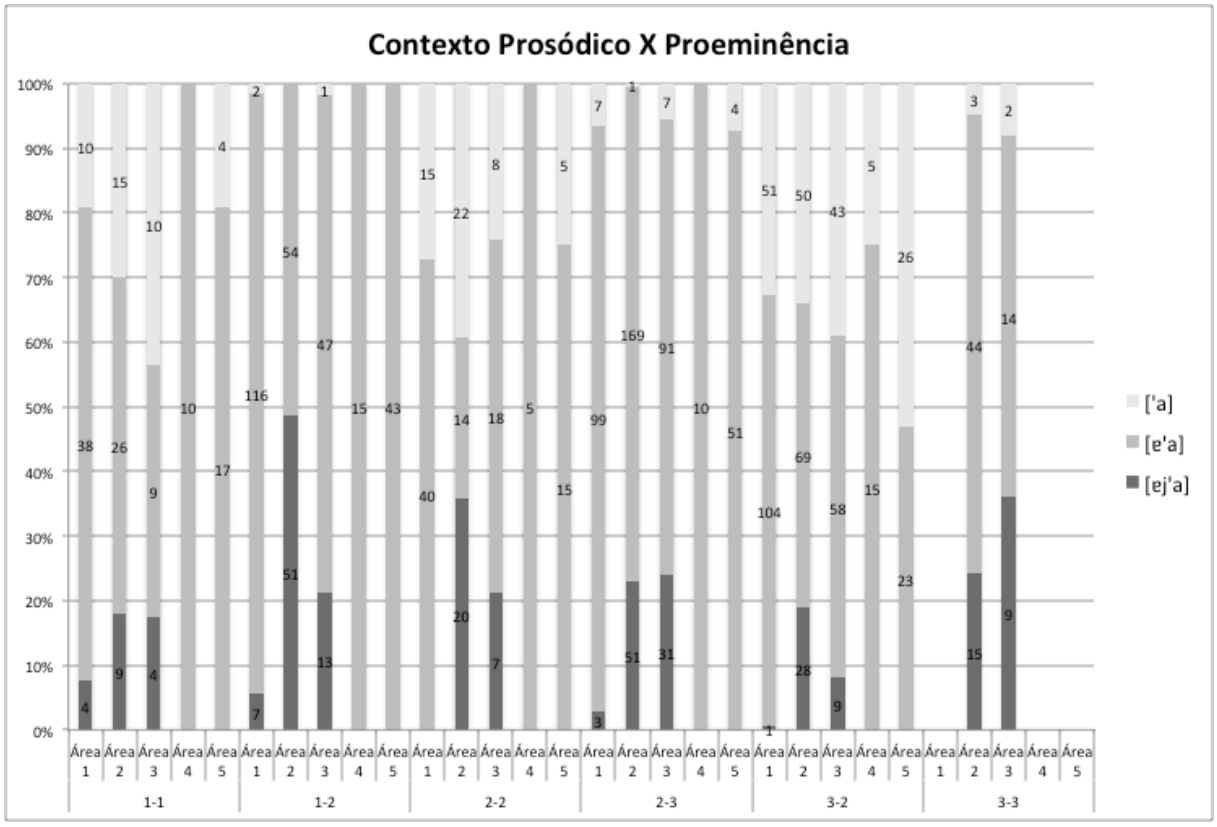


Gráfico 10 - Distribuição da relação das estratégias para evitar o hiato (Área 1: Bra, Fis, Erm, Gia, Avo e Cob; Área 2: ArV, CtL, VlR, StA, Bca e Lar; Área 3: Vis, Grj, FgS, PtV, CtB e UnS; Área 4 Nis; Área 5: PtD e PtG; tarefa: leitura)

Neste ponto, julgamos que devemos questionar a exata natureza do ou dos fenómenos que conduzem à realização [a]. Em particular, importa questionar se a resolução do hiato com uma única vogal decorre necessariamente de crase de V_1 e V_2 (i.e. VM) ou se pode resultar de apagamento de V_1 (i.e. BVD_a). Como se refere no ponto 2.4, muito se tem discutido acerca das estratégias de apagamento e crase como processos de resolução de hiatos. Frota (2000) observa, para o PE, que a restrição *acento lexical* é a mais relevante para a aplicação do processo de crase, ou seja, quando uma das vogais do contexto sustenta acento lexical, a crase é bloqueada. A autora atesta o fenómeno de crase sempre que as duas vogais do contexto emergem como [ɐɐ] átonas, desenvolvendo-se, daí, o segmento [a], isto é, a qualidade da vogal resultante é diferente da das vogais originais. Uma vez que nos dados que aqui analisamos V_2 emerge sempre como [a], [ã] e [ɐ̃] e V_1 como [ɐ] ou [a], isto é, a qualidade da vogal resultante corresponde à qualidade de pelo menos uma das vogais do hiato, acreditamos que a redução do hiato a uma vogal decorre de um processo de elisão e não de crase ou VM. Assim, nos nossos dados, a resolução do hiato composto por vogais centrais com V_2

acentuada pode passar pela aplicação de uma das duas estratégias: pela inserção de [j] ou pelo apagamento de V_1.

Uma vez delimitados os processos que operam neste contexto, observamos que, tal como na variedade *standard* (Frota 2000) e nas variedades analisadas em Paulino & Frota (2015), o acento em V_2 bloqueia a crase. Considerando o apagamento de V_1, este também não parece possível em todas as configurações acentuais. Quando do apagamento resultaria um antagonismo acentual de nível 1-2 ou 2-3, em todas as regiões o apagamento é bloqueado (ou ocorre muito marginalmente). Pelo contrário, o apagamento é possível em quase todas as regiões quando os acentos, tornados adjacentes em resultado do apagamento, são do mesmo nível: 1-1 ou 2-2 (Vigário 2003: 113). Tal tende, contudo, a não suceder em níveis mais altos de proeminência (3-3). Tal como descrito para a variedade *standard*, o apagamento é permitido entre PhP apenas quando V_2 integra uma PW que tem um nível de proeminência inferior ao de PW_1 (3-2).

Pode observar-se, ainda, que em Nis (área 4) o apagamento de V_1 é sempre bloqueado no domínio de PhP (1-1, 1-2, 2-2 e 2-3) e apenas permitido entre PhP quando PW_1 sustenta um nível mais alto de proeminência que PW_2 (Figuras 23 e 24). Estes dados mostram que Nis tem um comportamento idêntico ao que Frota (2000) e Paulino & Frota (2015) reportam para as variedades *standard* e as regiões de Castelo Branco e Évora. Esta semelhança pode estar relacionada com a localização de Nis que, geograficamente, se encontra entre as localidades de Évora e Castelo Branco.

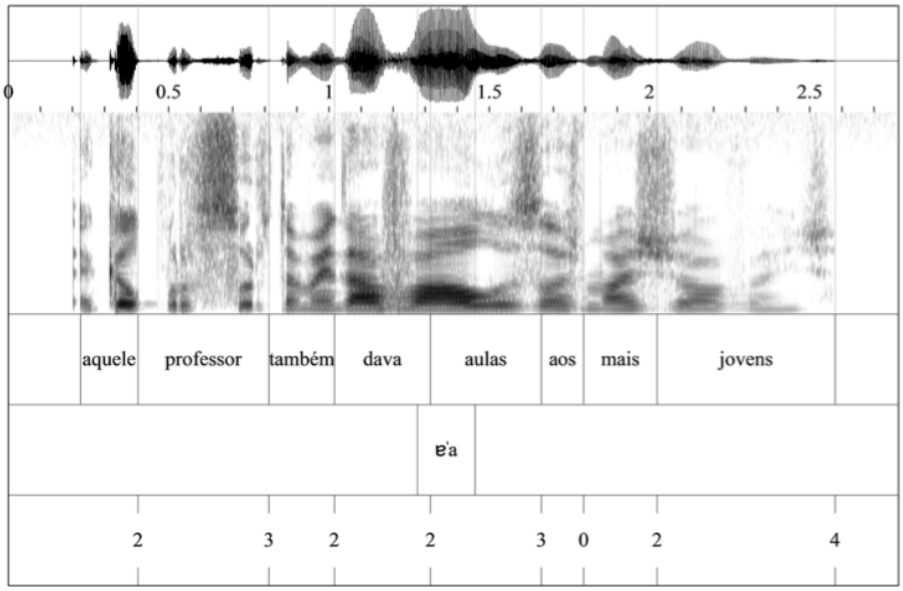


Figura 23 - Bloqueio ao apagamento de V_1 entre PWG dentro de PhP (alvo: *Aquele professor também dava aulas aos mais jovens*, informante: CP, região: Nis, tarefa: leitura)

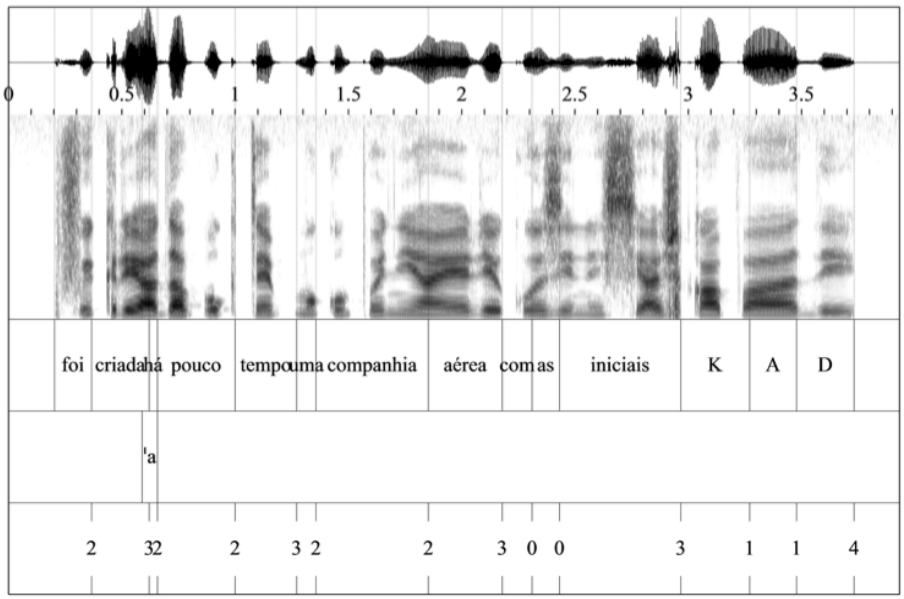


Figura 24 - Apagamento de V_1 entre PhP (alvo: *Foi criada há pouco uma companhia aérea com as iniciais K.A.D.*, informante: OI, região: Nis, tarefa: leitura)

Os resultados do Gráfico 10 mostram, globalmente, que o apagamento é permitido dentro de PhP se PW_2 se encontrar no mesmo nível que PW_1, ou seja, as configurações 1-1 e 2-2 são permitidas (Figura 25) e as configurações 1-2 e 2-3 são evitadas (Figura 26).

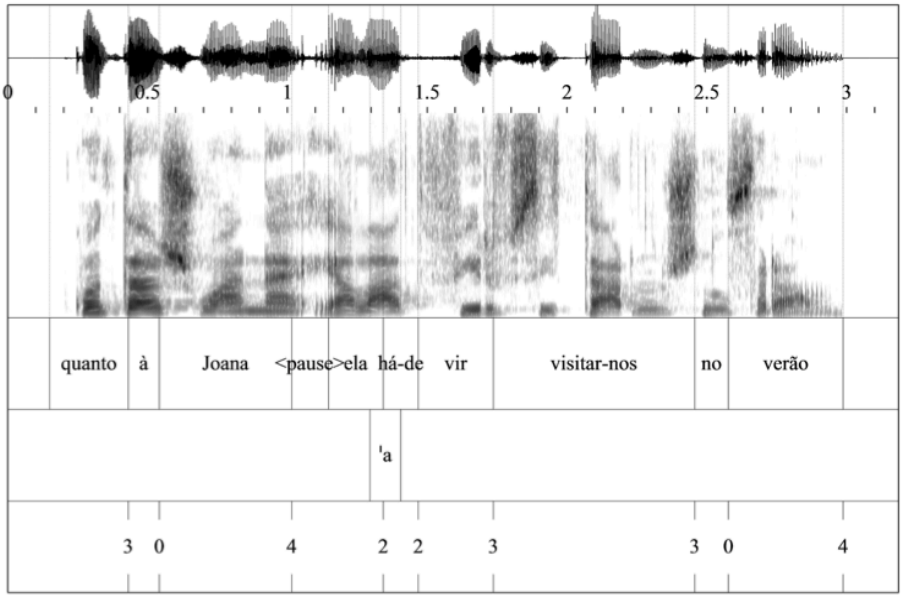


Figura 25 - Apagamento de V_1 entre PWG dentro de PhP (alvo: *Quanto à Joana, ela há-de vir visitar-nos no verão*, informante: AR, região: CtB, tarefa: leitura)

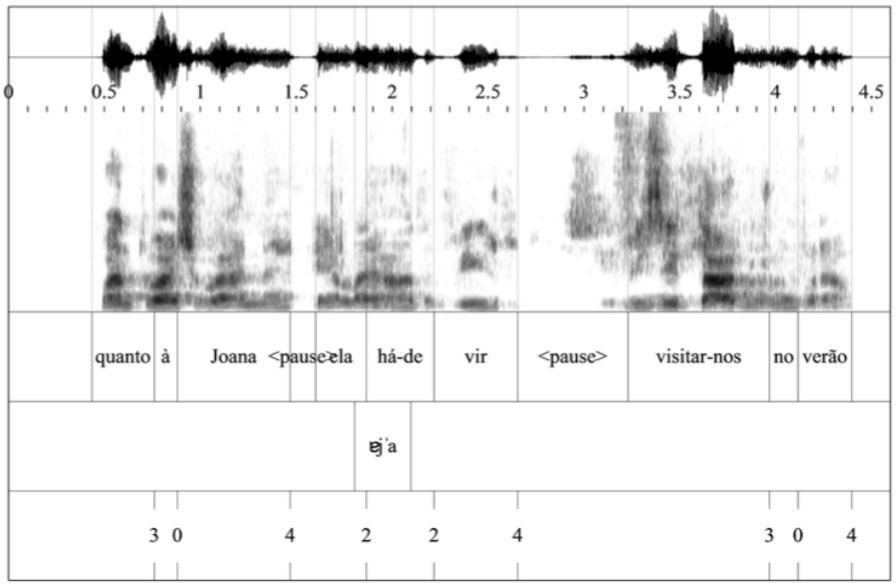


Figura 26 - Inserção de segmento [j] entre PWG (alvo: *Quanto à Joana, ela há-de vir visitar-nos no verão*, informante: MLR, região: StA, tarefa: leitura)

Para além do apontado, importa observar os dados cruzando as duas estratégias de resolução do hiato: o apagamento e a inserção. Os dados mostram que não só o apagamento é bloqueado nas configurações 1-2, 2-3 e 3-3 como também a taxa inserção de glide ocorre

nesses contextos com maior frequência (veja-se configurações 1-2, 2-3 e 3-3 no Gráfico 10 e o exemplo na Figura 27).

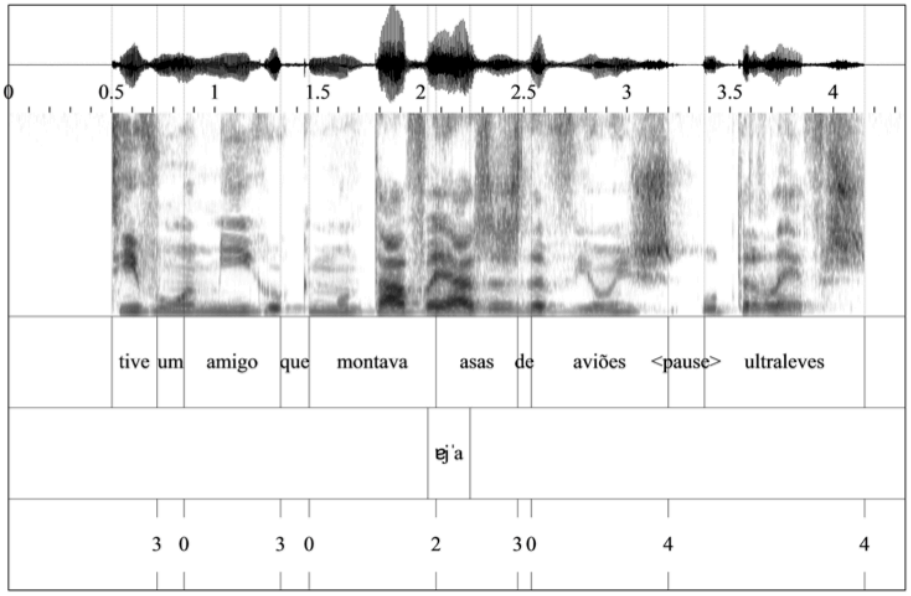


Figura 27 - Inserção de segmento [j] entre PWG dentro de PhP (alvo: *Tive um amigo que montava asas de aviões ultraleves*, informante: SD, região: UnS, tarefa: leitura)

5. DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

No presente capítulo são discutidos os resultados apresentados no capítulo 4. A discussão dos dados será orientada por uma perspetiva comparativa inter-línguas e intra-língua, com vista a perceber de que forma o presente trabalho pode contribuir para o conhecimento da gramática fonológica das regiões aqui analisadas e, crucialmente, para o alargamento do conhecimento sobre o Português e outras línguas.

O primeiro ponto a abordar relaciona-se com os resultados da ocorrência de inserção de [j] em fronteira de constituintes prosódicos. Concretamente, pretendemos discutir a importância dos domínios prosódicos para a ocorrência/bloqueio da inserção de [j], bem como da proeminência sintagmática e do estatuto prosódico dos itens lexicais que integram V_1. Os resultados globais, i.e., considerando os dados de todas as regiões, são contrastados com os resultados obtidos para cada uma das regiões. Discutimos, ainda, os fatores extralinguísticos desencadeadores ou inibidores do processo em análise.

Em segundo lugar, discutimos a relevância do fenómeno em análise para o conhecimento linguístico e qual o papel que desempenha na gramática dos falantes das regiões analisadas.

5.1 Os contextos prosódicos da inserção de [j] em variedades do português

Os resultados aqui discutidos provêm de dados recolhidos no âmbito do projeto *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese* (Frota coord. 2012-2015). Estes resultados permitiram-nos obter uma visão global do fenómeno de inserção de [j] entre vogais centrais em diversas regiões do PE. Na esteira de outros trabalhos que descrevem várias componentes da gramática em variação, este projeto permite-nos desenvolver uma análise sincrónica, com objetivo de aprofundar o conhecimento sobre a prosódia de cada região, também numa perspetiva sociolinguística.

Os resultados mostram que a inserção de [j] é opcional e, considerados os dados globalmente, tem como domínio o IP. Observa-se ainda que as regiões podem, no entanto, exibir diferentes preferências quanto ao constituinte em que o fenómeno opera: por um lado, nas regiões de Fis, Erm, Avo, Vis, FgS e CtB e PtG, a inserção tende a não ultrapassar PhP e, por outro, nas regiões de ArV, CtL, VlR, StA, Bca, Lar, Gia, Grj, PtV e UnS, o fenómeno apenas é bloqueado na fronteira de IP. Estes resultados têm implicações na caracterização dos

domínios prosódicos do PE, em particular de PhP, uma vez que este domínio, embora pouco marcado por processos fonológicos nas variedades do PE, tende a bloquear a inserção de [j] nas regiões supra listadas.

Em relação ao papel dos níveis de proeminência superior em V_2, estes mostram-se em geral importantes na ocorrência de inserção de [j] entre vogais centrais, uma vez que um nível de proeminência superior ao da palavra parece, em geral, desencadear o processo com maior frequência. A proeminência de IP parece mais relevante, pois quando V_2 é a unidade portadora da proeminência de IP, a taxa de inserção em várias regiões atinge os 100% (ArV, CtL, Erm, Gia e Grj). Para além deste nível, os dados de leitura mostram que VlR, StA, PtV, CtB e UnS são sensíveis à proeminência de níveis prosódicos mais baixos, na medida em que estes promovem a ocorrência de inserção com maior frequência relativamente à proeminência mais alta, neste caso PhP, e Bca, Avo, Vis e FgS inserem mais quando V_2 se encontra na margem direita de PWG e coincide com a cabeça deste constituinte. Em poucas localidades, em particular CtL, V_2, se for cabeça de constituinte em qualquer nível (PWG, PhP e IP), parece potenciar a inserção. Na tarefa (semi-)espontânea, ArV, Fis, StA, Bca, Avo, PtV, Nis e PtG mostram mais inserção quando V_2 é portadora de proeminência de PhP e não PWG (os dois contextos que ocorrem nesta tarefa), enquanto Vis e FgS mostram a preferência inversa.

Tendo em conta o estatuto fonológico da palavra que V_1 integra, os resultados mostram que o processo é, em geral, claramente potenciado nos contextos em que V_1 integra um CL. Este é o contexto prosódico em que as duas palavras envolvidas se encontram prosodicamente mais próximas, uma vez que não existe uma fronteira direita de PW a intervir entre as duas vogais centrais (lembramos que os proclíticos são adjuntos à PW seguinte – Vigário 2003). A maior frequência de inserção neste contexto pode ser discutida em confronto com casos de lexicalização de formas fonológicas originalmente provenientes de processos fonológicos mais gerais. Na verdade, é frequente combinações de hospedeiro-clítico fonológico estarem envolvidas em processos de lexicalização (vejam-se casos vários em Hayes 1990; Drachman & Malikouti-Drachman 1992; Malikouti-Drachman 1994, 2009; Vigário 2003: caps. 4 e 7). Para além disso, sabe-se que a frequência de ocorrência pode funcionar como potenciadora ou inibidora de processos fonético-fonológicos (Bybee & Scheibman 1999; Bybee 2000; Jurafsky 2003; Alba 2006). Dado que as combinações CL-PW são muito frequentes e que as combinatórias com esta organização prosódica podem ser propícias à lexicalização, os resultados deste trabalho podem sugerir uma tendência para a lexicalização da inserção nesta combinação particular. Contudo, o facto de se verificar

inserção, mesmo que em menor quantidade noutros contextos prosódicos, e a observação de que a inserção, mesmo neste contexto, não é estritamente obrigatória mostram que um eventual processo de lexicalização está longe de estar concluído. Julgamos que este tópico merece aprofundamento em trabalho futuro.

Consideramos agora o efeito do contexto do antagonismo acentual na resolução de hiato nas regiões aqui analisadas. Uma vez que o contexto envolve sempre V_2 acentuada, e considerando que a crase não opera neste contexto (lembramos que Frota 2000 nota que o processo de crase não opera quando uma ou mais vogais do contexto for acentuada), observamos o comportamento das vogais do contexto à luz do modelo proposto por Kiparsky (1982) e Mohanan (1986) e desenvolvido, posteriormente, por Booij & Rubach (1987), Hayes (1990), Inkelas (1990), Lee (1995), Mateus (1997) e Vigário (2003), entre outros, que abordam tópicos da Fonologia Lexical[27] (FL). Consideramos que o processo que aqui se aplica é o do apagamento de V_1. Uma vez que a representação subjacente das vogais do contexto é /a/, V_1, sendo átona, sofre o processo de redução vocálica para [ɐ] na componente lexical, ao contrário de V_2, que é tónica (Vigário 2003). No momento da saída da componente lexical, V_1 sofre o processo de apagamento, que, segundo Vigário (2003), se aplica na componente pós-lexical. Na esteira de Frota (2000), consideramos que se trata de um apagamento de V_1 e não crase, por se considerar, ainda, que a crase opera quando duas vogais idênticas reduzem a uma única, que não corresponde a nenhuma das vogais originais do contexto (por exemplo: [ɐɐ] → [a]). Nos nossos dados, as vogais do contexto são diferentes e o que resulta é uma correspondência igual a uma das vogais originais.

Uma análise mais detalhada dos processos rítmicos que operam e das configurações prosódicas envolvidas na resolução do antagonismo acentual foi imprescindível para estabelecer a proposta que a seguir expomos. As regiões aqui analisadas são caracterizadas por evitarem antagonismo acentual no domínio de PhP quando PW_2 tem um nível de proeminência superior a PW_1 (1-2, 2-3, 3-3). Sempre que estas condições não se verificarem,

[27] A Fonologia Lexical (FL) clássica, desenvolvida por Kiparsky (1982) e Mohanan (1986), traz à luz novos métodos de análise fonológica, onde algumas das regras fonológicas são parte da componente léxical. A FL prevê um conjunto de estratos (ou níveis) ordenados que são os domínios onde se estabelecem as regras morfológicas e fonológicas. Nespor & Vogel (1986) adoptam a conceção de que a gramática possui duas componentes: a Lexical e a Pós-Lexical. Na componente Lexical actuam as regras morfológicas em interação com as fonológicas de forma cíclica, até ao nível da PW (Booij & Rubach 1987). Já no nível da PW, as regras fonológicas já não interagem com a morfologia e aplicam-se dentro e entre as fronteiras dos morfemas. Para o PE, Vigário (2003: 124) resume os processos fonológicos que se aplicam nas duas componentes: a redução vocálica, o fortalecimento de /ɾ/ inicial, etc. aplicam-se na componente lexical; a semivocalização de V_2, o apagamento de vogal final não-recuada, arredondada e central, a crase, etc. aplicam-se na componente pós-lexical.

as variedades toleram o antagonismo acentual resultante do apagamento de V_1 (1-1, 2-2, 3-2). Embora o apagamento opere sempre que PW_1 tem um nível igual ou superior a PW_2, medidas de duração não foram extraídas de forma a estabelecer um papel claro das estratégias prosódicas para evitar ou não o antagonismo acentual. A variedade *standard* evita o antagonismo dentro de PhP inserindo um "batimento". Ainda nesta variedade, a presença de acento lexical em V_2 é a restrição mais relevante na ocorrência do processo de crase, apenas permitindo semivocalização. Nos nossos dados, o apagamento de V_1 é permitido quando V_2 é tónica. Dado que o processo de apagamento desencadeia uma situação de antagonismo acentual no nível pós-lexical, recuperando as configurações acentuais acima, as regiões apenas admitem apagamento quando PW_1 recebe a mesma proeminência que PW_2, dentro de PhP – ex.: *Os políticos deram agora à Jot*[Ø] *A. E. a tarefa de vigiar a sinalização das auto-estradas portuguesas*. O mesmo acontece quando PW_2 tem um nível de proeminência inferior a PW_1, entre PhP – ex.: *A alun*[Ø] *ama muito o irmão mais novo*. Comparando as regiões aqui analisadas com a variedade *standard*, as áreas 2 e 3 partilham o bloqueio de apagamento, ou seja, é bloqueado, entre PhP, na configuração 3-3 (*A alun**[Ø] *ama o professor de matemática*). Apenas a região 4 (Nis) não permite o apagamento em nenhuma das configurações dentro de PhP (1-1, 1-2, 2-2 e 2-3), tal como a variedade *standard*.

Os resultados indicam, também, que os níveis de proeminência e as relações entre estes podem favorecer a inserção de [j]. É possível observar que quando PW_2 sustenta um nível de proeminência mais alto que PW_1, a inserção de [j] ocorre em maior número nas configurações 1-2 (*A matrícula do meu novo carro é Jota*[j]*A dezoito dezoito*) e 2-3 (*Tive um amigo que montava*[j]*asas de aviões ultra leves*). Retomando a proposta de Cabré & Prieto (2005), a proeminência de IP também é bastante relevante nos nossos dados, pois esta configuração bloqueia os processos de resolução de hiatos (*aix*[ɔ]*bre la porta*. vs. *aix*[ɔɔ]*bre*.), independentemente do antagonismo acentual. Nos dados aqui reportados, podemos observar que não só a proeminência de IP (em ArV, CtL, Erm, Gia e Grj) favorece a inserção de [j], como bloqueia a perda de segmentos. Por hipótese, o bloqueio de apagamento de segmentos em Catalão e a inserção de [j] nas regiões de ArV, CtL, Erm, Gia e Grj podem ser semelhantes se considerarmos que a preservação do hiato é estritamente obrigatória nesta configuração acentual. Note-se, ainda, que nas restantes regiões a manutenção do hiato quando envolvida proeminência de IP é também obrigatória: (*tábul*[ɐ̃]*mbar*)$_{IP}$ *vs.* (*manh*[æjɐ̃]*mbar?*)$_{IP}$.

Uma vez que nos nossos dados a nasalidade teve implicações na inserção de [j], observamos, em primeiro lugar, que a nasalidade é tratada de forma diferente de região para região. Os dados mostraram que /N/ pode ter realizações fonéticas diferentes daquelas que encontramos descritas para as variedades *standard* e de Braga. Para a variedade *standard*, a análise que Andrade & Kihm (1987) estabelecem envolve um espraiamento progressivo do traço [+nasal] da esquerda para a direita e uma co-articulação no segmento que o sucede. Em palavras simples, o autossegmento projeta-se no Núcleo da sílaba e em palavras derivadas, como *canino*, os autores demonstram que /N/ é associado ao ataque da sílaba seguinte. Domingos (2011) corrobora a análise de que, para a variedade *standard*, existem evidências espectrais em palavras simples de um segmento de tipo consonântico que sucede a vogal. O autor assume que a representação da nasalidade, na componente fonológica, inclui uma vogal oral e um segmento nasal de tipo consonântico. Por sua vez, Rodrigues (2012) propõe, para a variedade de Braga, que /N/ em final de palavra é associado não ao Núcleo, mas à Coda, como consoante nasal recuada. Para a autora, esta associação à Coda leva a que a vogal em núcleo não sofra o processo de elevação permanecendo como [+baixa]. Nas regiões aqui analisadas, a inexistência de [j], quando V_1 possui traços de /N/, corrobora a análise de que o autossegmento continua flutuante e se associa, depois do processo de ressilabificação, ao ataque disponível da sílaba seguinte como um segmento de tipo consonântico, não se verificando assim hiato. Por outro lado, a emergência de [j] nas regiões de Grj e Lar atesta o que Rodrigues (2012) adianta sobre a nasalidade em certas regiões do PE, ou seja, a associação de /N/ é de tal forma fraca que se perde em posição final de PW.

Relativamente ao contributo dos nossos dados para a área da sociolinguística, devemos referir que a [j] tende a ocorrer com menor frequência exatamente nas zonas urbanas e com maior frequência nas regiões rurais, onde tende a confinar-se às combinações com CL. Verificamos ainda que as informantes da faixa etária mais velha são aquelas que mostram uma maior frequência na ocorrência da inserção de [j] comparativamente às informantes da faixa etária mais nova. Estas, a par das regiões urbanas, têm uma frequência de inserção mais baixa. Os resultados obtidos são compatíveis com uma eventual mudança em curso. Postulamos dois cenários: (i) há efetivamente uma mudança em curso, uma vez que os dados revelam que existe uma grande diferença entre as duas faixas etárias e uma relação entre pontos urbanos e rurais, ou (ii) parece que os falantes adquiriram um dialeto que não o nativo, resultando, assim, numa coexistência de variantes. Como se sabe, os pontos urbanos são os mais "expostos" e suscetíveis à mudança, ao contrário dos pontos rurais, que tendem a ser

mais conservadores (por diversas razões, entre as quais o isolamento geográfico). Mota (2005: 132-5) alerta, também, para o facto de a previsão da tendência para a mudança poder não ser suficientemente segura, apontando três possibilidades: (i) "uma variante pode substituir totalmente outra já existente para uma mesma categoria linguística; (ii) duas ou mais variantes podem manter-se em coexistência, numa mesma comunidade de fala, com uma distribuição passível de ser associada a fatores extralinguísticos como a idade, o sexo, ou o grau de instrução; (iii) a variante mais recente, após algum tempo de vitalidade e de coexistência com a mais antiga, pode desaparecer". A autora acrescenta que uma variedade pode integrar formas alternativas que podem estar relacionadas com o facto de coexistir uma variedade socialmente mais prestigiada (situada no eixo Lisboa-Porto), o que poderá levar a mudanças mais ou menos profundas nas variedades em análise (ver também Labov, 1972, 1998; Smith & Durham 2012). Os nossos resultados parecem relacionar-se, pelo menos parcialmente, com a deslocação em massa da população para os centros urbanos, em particular no litoral, favorecendo uma exposição a outros dialetos e, desta forma, é-nos possível conjeturar que os falantes tenham adquirido um dialeto não nativo, resultando numa mistura ou coexistência de variantes (*mixing of variants*, Labov 1998).

A eventual coexistência de variantes levou-nos a questionar a intuição dos falantes sobre a consciência destes relativamente à existência do fenómeno de inserção de [j] entre palavras. Em línguas como o Kera (falada na República do Chade), onde a epêntese tem como função resolver sequências consonânticas, os falantes optam por sequências CVCCV às sequências CVCVCV (Pearce 2004). Por outro lado, Hall (2011) testa a percepção da epêntese através da escrita e observa que os falantes do Árabe do Líbano têm preferência por sequências com epêntese, àquelas que não têm. Em PE, e nas regiões que analisamos, iniciamos um estudo preliminar sobre a intuição dos falantes mais novos acerca da existência do fenómeno em estudo. Os falantes foram questionados, de forma direta, acerca do fenómeno, i.e., foi-lhes perguntado se percebiam se o fenómeno está ativo e em que contextos. Os resultados preliminares revelam que, mesmo em Erm, onde o fenómeno nesta faixa etária é diminuto, os informantes têm consciência de que o fenómeno está ativo de forma *span*, mas ocorre maioritariamente em contextos familiares. As respostas dos falantes revelaram, também, que a nasalidade pode não ser uma restrição.

A metodologia adoptada revelou-se importante na medida em que permitiu identificar diferenças na ocorrência de inserção em diversos tipos de tarefas. Observou-se, em particular, que na tarefa de leitura os falantes nem sempre evidenciaram as realizações que a sua

gramática parece permitir, uma vez que nas tarefas (semi-)espontâneas o fenómeno emergiu em contextos que na leitura não exibiram inserção. Houve também localidades onde na leitura, considerando V_2 pertencendo a PW mas não a CL, não se registou inserção (Bra, Cob, Nis e PtD). Pelo contrário, nas tarefas (semi-)espontâneas realizações com [j] foram registadas em PtG. Globalmente, a tarefa (semi-)espontânea mostrou-se a tarefa mais potenciadora do fenómeno. Nesse sentido, a recolha recorrendo a tarefas (semi-)espontâneas parece ter sido muito pertinente. Os dados (semi-)espontâneos, por outro lado, não foram suficientemente reveladores sobre o papel da organização dos constituintes prosódicos, pois apenas emergiram dois contextos (entre PWG e entre PhP). Deste ponto de vista, a recolha mais controlada, recorrendo à leitura de enunciados elicitando diversos contextos prosódicos, foi essencial.

Em suma, a organização prosódica revelou-se um fator determinante na emergência do fenómeno em análise. Verificamos que o fenómeno é sensível à organização prosódica na medida em que, para além de num conjunto de regiões o fenómeno tender a ser bloqueado na fronteira direita de PhP, em todas as regiões o fenómeno é bloqueado na fronteira direita de IP. Os dados mostraram tendencialmente que, quando V_2 integra uma PW que se encontra numa posição proeminente, o fenómeno opera com mais frequência. Quando V_1 integra um clítico, o processo de inserção de [j] é claramente potenciado. Dado que as combinações clítico-hospedeiro são muito frequentes e que as combinatórias com esta organização prosódica podem ser propícias à lexicalização, os resultados deste trabalho sugerem uma tendência para a lexicalização da inserção nesta combinação particular, embora esteja longe de se concluir.

Relativamente às questões extralinguísticas, verificamos que na leitura os falantes nem sempre evidenciam aspetos da sua gramática e que as tarefas menos formais e mais espontâneas foram as que evidenciaram em maior número a ocorrência do fenómeno. A tarefa de leitura foi essencial na medida em que possibilitou a verificação da ocorrência do fenómeno em diferentes contextos prosódicos, uma vez que nas tarefas (semi-)espontâneas apenas emergiram dois contextos prosódicos.

O contributo da sociolinguística permitiu-nos observar uma eventual mudança linguística em curso. A inserção de [j] tende a ocorrer com maior frequência nas regiões rurais (comparativamente às regiões urbanas) e as informantes da faixa etária mais velha são aquelas que mostram uma maior frequência na ocorrência da inserção de [j] comparativamente às informantes da faixa etária mais nova. Os nossos dados permitem conjeturar que os falantes

tenham adquirido um dialeto não nativo, resultando numa mistura ou coexistência de variantes (*mixing of variants*, Labov 1998).

5.2 O papel de inserção de [j] nas variedades do português

Como reportado ao longo do capítulo 2, a literatura existente faz referência à existência do fenómeno, não sendo feita a sua descrição numa perspetiva da fonologia prosódica, nem sendo referido o papel que o processo desempenha na gramática dos falantes das regiões em que o mesmo ocorre. Nesta subsecção discutimos este segundo ponto.

Dependendo do contraste que se pretende estabelecer no contexto onde a epêntese ocorre, as línguas podem inserir segmentos diferentes. A epêntese de consoantes estabelece um contraste máximo com a vogal seguinte, enquanto a epêntese de [j] ou [w] estabelece um contraste mínimo entre as vogais do contexto (Côté 2000; Kawahara 2002; Hall 2011).

Uma vez que a emergência consonântica em Português apenas se aplica em palavras derivadas, ela é, muitas vezes, tratada como um elemento de ligação para quebrar hiato entre morfemas. Para Cagliari & Massini-Cagliari (2000), a epêntese consonântica em Português possui sempre um P. de C. [Coronal].

No que respeita aos elementos vocálicos, Mateus & Andrade (2000: 33) propõem que [i] seja o segmento *default*, pois não possui traços especificados na componente lexical. Desta forma, e na linha de investigação de Uffmann (2007), podemos propor que no caso em estudo ocorre a inserção de [j] porque este segmento introduz um contraste máximo no contexto /aa/, com o nó de Altura e o traço [recuado]. O segmento /a/ é [+baixo] e [+recuado], ao contrário de /i/, que está subespecificado por se tratar de uma vogal [+alta] e [-recuada]. A inserção de [j] neste contexto é preferida a qualquer outra, pois este segmento é o mais sonoro que pode ser inserido quebrando o hiato.

Em suma, parece-nos que, para as regiões aqui analisadas, o segmento [j] emerge com a função de estabelecer o contraste máximo entre as vogais do contexto, preservando, desta forma a sequência vocálica. Na visão tradicional, esta análise afasta o PE das línguas que utilizam [j] como um segmento que estabelece um contraste mínimo.

5.3 Discussão dos resultados à luz das hipóteses iniciais

Observemos agora como os resultados obtidos confirmam ou infirmam as hipóteses colocadas no início deste estudo, e que apresentámos no capítulo 1 (subsecção 1.3). Retomamos abaixo as hipóteses iniciais:

> **Hipótese 1**: *o fenómeno tem um domínio prosódico de ocorrência, que pode ser o interior ou o limite de grupo de palavra prosódica* (PWG)*, sintagma fonológico* (PhP) *ou sintagma entoacional* (IP).

Na verdade, no quadro da hipótese em 1, a nossa expectativa inicial era a de que o fenómeno se aplicasse nos domínios mais altos da hierarquia e fosse bloqueado por uma fronteira não tão alta como IP. Esta hipótese não se confirma, pois o fenómeno aplica-se nos domínios mais altos que PW mas é apenas bloqueado categoricamente apenas pela fronteira direita de IP e pode também ocorrer em interior de PW.

> **Hipótese 2**: *o fenómeno é sensível a outros aspetos prosódicos, designadamente ao nível de proeminência de V_2 e ao estatuto fonológico da palavra que V_1 integra (neste caso, CL ou PW).*

Confirma-se a hipótese 2 na medida em que o nível de proeminência superior ao da palavra parece, em geral, desencadear o processo com maior frequência. A proeminência de IP parece mais relevante, pois quando V_2 é a unidade portadora da proeminência de IP, a taxa de inserção em várias regiões atinge os 100%. A par deste nível, os dados de leitura mostram que algumas regiões são sensíveis à proeminência de níveis prosódicos mais baixos (quando V_2 se encontra na margem direita de PWG e coincide com a cabeça deste constituinte). Na tarefa (semi-)espontânea, os dados de algumas regiões mostram mais inserção quando V_2 é portadora de proeminência de PhP e não PWG. Relativamente ao estatuto fonológico de V_1, os dados mostram que o processo é em geral claramente potenciado nos contextos em que V_1 integra um CL.

> **Hipótese 3**: *os fatores extralinguísticos têm um papel fundamental na ocorrência de fenómenos linguísticos, podendo, designadamente, ser responsáveis pelo bloqueio/favorecimento da emergência de determinadas marcas dialetais.*

Confirma-se a terceira hipótese, uma vez que as tarefas menos controladas se revelaram as tarefas que mais desencadeiam a emergência do fenómeno. Lembramos que as tarefas menos controladas, embora evidenciem com maior frequência as marcas dialetais, não permitem estabelecer generalizações sobre o processo, uma vez que apenas encontramos dois contextos possíveis para a sua ocorrência. A par da tarefa, a observação dos dados em função da idade e da distinção entre zonas urbanas e rurais permitiu-nos concluir, também, que o fenómeno está mais ativo na faixa etária mais velha e nos pontos mais rurais.

> **Hipótese 4**: *embora o fenómeno se encontre ativo desde o lado ocidental do território português, a norte de Vieira de Leiria, até Castelo Branco, passando por Santarém (Segura 2013), a predominância populacional da variedade standard, os meios de comunicação social e a mobilidade actual das populações favorecem a regressão do fenómeno*.

Retomada a hipótese 4, os resultados obtidos permitiram observar que ao longo da costa Litoral o fenómeno emerge com menos frequência. Recuperando a subsecção 4.1.4, no eixo metropolitano Lisboa-Porto, que ainda incluiu a região do Minho, os pontos urbanos são os mais "expostos" e susceptíveis à mudança. Embora os dados indiquem uma aparente mudança em curso, admitimos a existência de falantes *bidialetais*, ou seja, falantes que adquiriram um dialeto não nativo, resultando numa mistura ou coexistência de variantes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da presente investigação foi o de contribuir para a descrição fonológica do processo de inserção de glide para quebrar hiato entre palavras, e a determinação da incidência do fenómeno considerando os fatores linguísticos (estrutura prosódica) e fatores extralinguísticos (grupos etários, tipos de tarefa e pontos de inquérito urbanos e rurais).

Os estudos sobre as variedades regionais do Português que referem o fenómeno ignoram aspetos importantes da sua caracterização fonológica. Os resultados provêm da análise de dados recolhidos a partir de três tipos de tarefas: Leitura, *Map Task* e Entrevista, recolhidos *in loco* em vinte e uma regiões, previamente selecionadas. Tendo em conta os dados recolhidos, estabeleceu-se uma análise sobre a inserção de [j] entre palavras, dentro do quadro da Fonologia Prosódica.

Tendo em conta os aspectos supra mencionados, sumariamos neste capítulo os resultados (6.1) que a seguir expomos e as limitações que fomos encontrando ao longo do estudo (6.2).

6.1 Sumário dos principais resultados obtidos

Considerando os resultados que encontramos, concluímos que o fenómeno de inserção de [j] é um fenómeno *span* opcional de IP (Nespor & Vogel 1986; Frota 2000). A inserção ocorre entre palavras, tal como descrito na literatura, mas tem como domínio o IP e pode ocorrer dentro de PW. Na esteira dos autores anteriormente citados, é possível estabelecer a regra de inserção de [j] nas regiões em análise (29).

(29)

$0 \rightarrow$ [j] / $(\ldots V_1 _ V_2 \ldots)_{IP_{(opcional)}}$

onde V_1 e V_2 são vogais centrais (e V_2 tónica)

Embora o processo esteja ativo em todas as regiões analisadas, há uma grande variabilidade na frequência de ocorrência. Verificamos que os fatores linguísticos e extralinguísticos favorecem/inibem a inserção de [j]. Tendo em conta os fatores linguísticos, observamos que o domínio de aplicação do fenómeno nas regiões de Fis, Erm, Avo, Vis, FgS, CtB e PtG para inserção de [j] tende a não ultrapassar o domínio de PhP e nas regiões ArV, CtL, VlR, StA, Bca, Lar, Gia, Grj, PtV e UnS o fenómeno ocorre em todos os domínios

abaixo de IP, pois apenas no limite deste constituinte o fenómeno é bloqueado. A proeminência de V_2 acima do nível da palavra também favorece a ocorrência de inserção de [j]. A proeminência de IP é a configuração que desencadeia maior inserção. Observamos, ainda, que é o estatuto fonológico do item que V_1 integra, neste caso, CL, o mais relevante em Bra, Cob e Nis.

Considerando os fatores extralinguísticos, verificamos que o tipo de tarefa inibe a emergência de inserção de [j] que é característico da gramática de cada região/variedade que analisamos. Não só o tipo de tarefa, mas também a distinção entre regiões urbanas e rurais e o fator idade se mostraram relevantes. De facto, a inserção de [j] é menos frequente nos falantes mais novos, nas regiões mais a sul, no estilo discursivo mais formal (leitura) e nas regiões mais centrais (urbanas). Inversamente às regiões urbanas, as regiões mais isoladas são menos suscetíveis à mudança e revelaram maior frequência de inserção; nos informantes mais velhos também se observou uma maior taxa de inserção.

Estes resultados parecem ir ao encontro do que Labov denomina de *mixing variants*. Os falantes estão consciencializados de que certos fenómenos são muito marcados/estigmatizados socialmente e, desta forma, integram formas alternativas que podem estar relacionadas com o facto de coexistir uma variedade socialmente mais prestigiada, neste caso, a *standard*. Como visto no capítulo anterior, este tópico começou a ser investigado observando a intuição dos falantes sobre a existência do fenómeno nas duas regiões (Erm e VlR).

O nosso estudo contribui, desta forma, para o conhecimento não só do fenómeno de inserção de [j], como para o conhecimento da variação prosódica em Português. A par disto, o nosso estudo trouxe novos elementos com o intuito de melhor entender os fatores envolvidos na variação da resolução dos hiatos numa perspetiva comparativa com outras línguas/variedades e quais os mecanismos envolvidos na variação e mudança fonológica.

6.2 Limitações do estudo e trabalho futuro

Para um trabalho desta natureza, que prevê estabelecer um perfil fonológico de cada região e caracterizar a função linguística do fenómeno em estudo, foram registadas várias limitações.

Embora referenciado na metodologia, o distrito de Aveiro não contempla a região rural. Este aspeto deveu-se ao facto de, na região rural selecionada (Côvo), não existirem habitantes que tenham nascido e vivido na zona. Apesar de ser possível encontrar habitantes que tenham nascido na região em causa, não conseguimos encontrar um número suficiente de falantes que tivessem nascido e vivido naquela região por um período superior a dez anos, tendo optado por não incluir esta região rural neste trabalho. Por motivos logísticos, os distritos da Guarda e Portalegre só contemplam a região rural e não a urbana. Por limitações de tempo, não foi possível recolher os pontos urbanos destes distritos.

Uma vez que a caracterização do fenómeno só seria possível através de uma metodologia que implica a leitura de enunciados, deparamo-nos, na faixa etária mais velha de diversas regiões, com diversos casos de quase-analfabetismo e/ou leitura pouco fluente. Por esta razão, muitos enunciados foram excluídos da análise. Esta limitação levou a uma grande variabilidade no número de produções para cada contexto na leitura.

Por último, e também por limitações de tempo, a ausência de análise estatística para ajudar a determinar a importância de alguns dos nossos resultados é uma lacuna. Não obstante, acreditamos que os resultados permitiram estabelecer as conclusões que extraímos.

O presente trabalho conduziu-nos a novas questões. Considerando os aspectos acima referenciados, apresentamos as seguintes propostas de trabalho futuro: (i) contribuir para um estudo sobre unidades e frequências de padrões fonológicos - número de CL e número de PW nas regiões que selecionamos - a partir das tarefas *Map Task* e Leitura; (ii) os estudos em aquisição que contemplem a variação são escassos. Uma vez que a aquisição da linguagem nos diz muito sobre a organização da gramática, um estudo transversal sobre a forma como as crianças adquirem o fenómeno de inserção de [j] em diferentes pontos regionais torna-se importante; (iii) um estudo diacrónico pode trazer informação relevante sobre o fenómeno de inserção de [j] e para isso será necessário recorrer a bases de dados de carácter histórico que comportem amostras de escrita; (iv) uma vez que os resultados da intuição dos falantes mais novos nos permitiu perceber que, mesmo em Erm, onde a taxa de inserção de [j] na faixa mais jovem é baixa, eles estão consciencializados da existência do fenómeno, parece-nos importante desenvolver metodologias experimentais comportamentais e não-comportamentais com vista a explorar a perceção da inserção de [j].

Referências Bibliográficas

Aguiar, I. (2008). *Unidades e Processos Fonológicos na Região da Terra Quente: contributos para a Linguística Forense*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Aguiar, J., & Vigário, M. (2010). Contributos para o estudo da variação na frequência de ocorrência de unidades e padrões fonológicos. In A. M. Brito, F. Silva & J. Veloso (Orgs.), *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 95-109). Porto: Associação Portuguesa de Linguística.

Alba, M. (2006). Accounting for Variability in the Production of Spanish Vowel Sequences. In N. Sagarra & A. J. Toribio (Eds.), *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium* (pp. 273-285). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.

Álvarez, X., & Saramago, J. (2012). Áreas lexicais galegas e portuguesas: um novo olhar para a proposta de Cintra. *Estudis Romànics*, *34*, 55-97.

Anderson, A., Bader, M., Bard, E., Boyle, E., Doherty, G., Garrod, S., Isard, S., Kowtko, J., McAllister, J., Miller, J., Sotillo, C., Thompson, H., & Weinert, R. (1991). The HCRC Map Task Corpus. *Language and Speech*, *34*, 351-366.

Andrade, E. d' (1977). *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*. Lisboa: INIC.

Andrade, E d', & Kihm, A. (1987). Fonologia auto-segmental e nasais em português. *Actas do III Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 51-60). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Barros, N. (2014). *Fraseamento prosódico em Português: uma análise entoacional de construções parentéticas e tópicos em duas variedades do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Beckman, M., & Pierrehumbert, J. (1986). Intonational Structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, *3*, 15-70.

Billmyer, K., & Varghese, M. (2000). Investigating instrument-based pragmatic variability: effects of enhancing discourse completion tests. *Applied Linguistics*, *21*(4), 517-552.

Bisol, L. (2003). Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, *15*(2), 177–200.

Boersma, P., & Weenink, D. (2012). *Praat: doing phonetics by computer*. Version 5.3.14.

Boléo, M. P., & Silva, M. H. (1962). O Mapa dos dialetos e falares de Portugal Continental. *Boletim de Filologia*, *20*, 85-112.

Booj, G. (1996). Cliticization as prosodic integration: The case of Dutch. *The Linguistic Review*, *13*, 219-242.

Booij, G. (1995). *The Phonology of Dutch*. Oxford: Clarendon Press.

Booij, G., & Rubach, J. (1987). Postcyclic versus postlexical rules in Lexical Phonology. *Linguistic Inquiry*, *18*, 1-44.

Booij, G., & Rubach, J. (1984). Morphological and prosodic domains in lexical phonology. *Phonology Yearbook*, *1*, 1-25.

Blum-Kulka, S. (1982). Learning to say what you mean in a second language: a study of speech act performance of Hebrew second language learners. *Applied Linguistics*, *3*(1), 29-59.

Blum-Kulka, S., House, J, & Kasper, G. (Eds.), (1989). *Cross-cultural pragmatics: Requests and apologies.* Norwood, NJ: Ablex.

Brisso, F. (2015). Dialetos portugueses do Centro-Sul: corpus de fenómenos e revisão do problema da (des)unidade. *Zeitschrift für romanische Philologie*, *131*(4), 999-1041.

Bybee, J. (2001). *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press.

Bybee, J. (2000). The phonology of the lexicon: evidence from lexical diffusion. In M. Barlow & S. Kemmer (Eds.), *Usage based models of language* (pp. 65–85). Stanford: CSLI.

Bybee, J., & Scheibman, J. (1999). The effect of usage on degrees of constituency: the reduction of don't in English. *Linguistics*, *37*(4), 575-596.

Cabré, T., & Prieto, P. (2005). Positional and metrical prominence effects on vowel sandhi in Catalan. In S. Frota, M. Vigário & M. J. Freitas. (Eds.), *Prosodies*. Mouton de Gruyter: The Hague.

Cagliari, L., & Massini-Cagliari, G. (2000). A epêntese consonantal em português e sua interpretação na Teoria da Otimalidade. *Revista de Estudos da Linguagem*, *9*(1), 163-192.

Candeias, S. (2007). *Sistema Fonológico da Beira Interior (e algumas considerações semântico-sintáticas)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

Carrilho, E., & Pereira, S. (2011). Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em português europeu. In M. A. Costa, I. Falé & P. Barbosa (Orgs.), *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 125-139). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Carrilho, E., & Pereira, S. (2012). Aires dialetales en portugais européen et syntaxe dialetale. *Proceedings of the International Symposium on Limits and Areas in Dialectology* (LimiAr). Lisboa: CLUL.

Casali, R. (2011). Hiatus resolution. In M. van Oostendorp, C. Ewen, E. Hume & K. Rice (Eds.), *The Blackwell companion to phonology* (5 vols., pp. 1434–1460). Malden, MA & Oxford: Wiley-Blackwell.

Casali, R. (1997). Vowel elision in hiatus contexts: Which vowel goes? *Language*, *73*, 493–533.

Casali, R. (1996). *Resolving Hiatus*. Tese de Doutoramento, Universidade da Califórnia, Los Angeles, Estados Unidos da América.

Casali, R. (1995). Patterns of glide formation in Niger-Congo: An optimality account. *Proceedings of 69th Annual Meeting of the Linguistic Society of America*, New Orleans.

Casali, R. (1994). Vowel Elision and Glide Formation in Niger-Congo: A Harmony Theoretic Approach. *Proceedings of 68th Annual Meeting of the Linguistic Society of America*, Boston.

Chitoran, I., & Hualde, J. (2007). From hiatus to diphthong: the evolution of vowel sequences in Romance. *Phonology*, *24*(1), 37-75.

Chomsky, N. & Halle, M. (1968). *The Sound Patter of English*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Cintra, L. (1962). Áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*, *20*, 273-307.

Cintra, L. 1971. Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, *22*, 81–116.

Clements, G. (1991). Place of Articulation in Consonants and Vowels: a Unified Theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, *5*, 77-123.

Clements, G. (1990). The Role of the Sonority Cycle in Core Syllabification. In J. Kingston & M. Beckman (Eds.), *Papers in Laboratory Phonology I* (pp. 283-333). Cambridge: Cambridge University Press.

Clements, G. (1985). The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, *2*, 225-252.

Clements, G., & Hume, E. (1995). The Internal Organization of Speech Sounds. In J. Goldsmith (Ed.), *Handbook of Phonological Theory* (pp. 245-306). Oxford: Basil Blackwell.

Côté, M. (2000). *Consonant cluster phonotactics: A perceptual approach*. Tese de Doutoramento, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos da América.

Coutinho, L. (coord.) (2009-2010). *AMPER-POR - Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico - Língua Portuguesa*. [http://pfonetica.web.ua.pt/AMPER-POR.htm]

Cruz, M. (2013). *Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Cruz, M., & Frota, S. (2014). Rhythm in central-southern varieties of European Portuguese: production and perception. In A. Moreno, F. Silva, I. Falé, I. Pereira & J. Veloso (Org.), *Textos Selecionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 213-231). Porto: Associação Portuguesa de Linguística.

Cruz, M., & Frota, S. (2013). Correlação entre fraseamento prosódico e distribuição de acentos tonais? Evidências da variação no Português Europeu. In *Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Cruz, M., & Frota, A. (2012). Para a prosódia do foco em variedades do Português Europeu. In A. Costa, C. Flores & N. Alexandre (Eds.), *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (p. 196-216). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Cruz, M., & Frota, S. (2011). Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: produção e percepção. In M. A. Costa, I. Falé & P. Barbosa (Eds.), *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 208-222). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Cruz, M., Palma, P., Neto, B., Oliveira, P., & Frota, S. (2014). Building a prosodic profile of European Portuguese varieties: the challenge of mapping intonation and rhythm. Comunicação apresentada no *1st International Symposium on Variation in Portuguese*. Braga, Abril. Braga: Universidade do Minho.

Direção-Geral do Território (2006). *Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território*. Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional.

Domingos, M. (2011). *Nasalidade Vocálica em Português. Pistas para identificação forense de falantes*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Drachman, G., & Malikouti-Drachman, A. (1992). Greek clitics and lexical phonology. In W. U. Dressler, H. C. Luschützky, O. E. Pfeiffer & J. R. Rennison (Eds.), *Phonologica 1988* (pp. 197-206). Cambridge: Cambridge University Press.

Elordieta, G., Frota, S., & Vigário, M. (2005). Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *Studia Linguistica*, *59*(2-3), 110-143.

Félix-Brasdefer, J. (2010). Data collection methods in speech act performance: DCTs, role plays, and verbal reports. In E. Usó Juán & A. Martínez-Flor (Eds.), *Speech act performance: Theoretical, Empirical, and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.

Fernandes-Svartman, F., Barros, N., Santos, V., & Castelo, J. 2015. Intonational phrasing across varieties of Portuguese. Comunicação apresentada no *ProVar - Workshop on Prosodic Variation (2nd Workshop of the project Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese)*. Lisboa, Julho. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Fernandez Rei, E. (2002). *Regras fonolóxicas posléxicas e regras precompiladas de alomorfia sintagmática: dominios prosódicos en galego*. Tese de doutoramento, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, Espanha.

Frota, S. (1994) Is Focus a Phonological Category in Portuguese? In P. Ackema & M. Schoorlemmer (Eds), *Proceedings of ConSole I* (pp. 69-86). The Hague: Holland Academic Graphics.

Frota, S. (1995). Os domínios prosódicos e o Português Europeu: fenómenos de sandhi. *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 221-237). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri.

Frota, S. (2000). *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing.

Frota, S. (2004). Constituintes prosódicos (introdução, sintagma fonológico, sintagma entoacional). In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário & A. Villava (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 1059-1076). Lisboa: Caminho.

Frota, S. (2012). Prosodic structure, constituents and their representations. In A. Cohn, C. Fougeron & M. Huffman (Eds.), *The Oxford Handbook of Laboratory Phonology* (pp. 255-265). Oxford. Oxford University Press.

Frota, S. (2014). The intonational phonology of European Portuguese. In S. Jun (Ed.), *Prosodic Typology II* (pp. 6-42). Oxford: Oxford University Press.

Frota, S. (coord). (2012-2015). *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese*. [http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/].

Frota, S., & Cruz, M. (coords) (2012-2015). *Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese Webplatform*. [http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/].

Frota, S., & Vigário, M. (2007). Intonational phrasing in two varieties of European Portuguese. In T. Riad & C. Gussenhoven (Eds), *Tones and Tunes* (vol. I, pp. 265-291). Berlin: Mouton de Gruyter.

Frota, S., & Vigário, M. (2001). On the correlates of rhythmic distinctions: the European/Brazilian Portuguese case. *Probus*, *13*, 247-273.

Frota, S., & Vigário, M. (2000). Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In R. Castro & P. Barbosa (Eds.), *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 533-555). Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística.

Frota, S., Vigário, M., & Martins, F. (2002). Language Discrimination and Rhythm Classes: Evidence from Portuguese. In *Proceedings of Speech Prosody 2002* (pp. 315-318), Aix en Provence.

Frota, S., Oliveira, P., Cruz, M., & Vigário, M. (2015). *P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody*. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL/FLUL. [http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI]

Frota, S., Cruz, M., Fernandes-Svartman, F., Collischonn, G., Fonseca, A., Serra, C., Oliveira, P., & Vigário, M. (2015). Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In S. Frota & P. Prieto (Eds.), *Intonation in Romance* (pp. 235-283). Oxford: Oxford University Press.

Frota, S., Vigário, M., Martins, F., & Cruz, M. (2010). *FrePOP*. Version 1.0. Laboratório de Fonética (CLUL), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [http://frepop.fl.ul.pt/]

Frota, S., Vigário, M., Martins, F., Cruz, M., Matos, N., & Paulino, N. (2010). Frequency patterns of European Portuguese: corpus size, spoken/written language, region, and education. Comunicação apresentada no *Workshop on Frequency in Phonology*, Lisboa, Outubro. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Hall, N. (2011). Vowel epenthesis. In M. van Oostendorp, C. Ewen, E. Hume & K. Rice (Eds.), *The Blackwell companion to phonology* (vol. III, pp. 1576–1596). Malden, MA & Oxford: Wiley-Blackwell.

Hannahs, S. (1995). Glide formation, prefixation and the phonological word in French. In J. Amastae, G. Goodall, M. Montalbetii & M. Phinney (Eds.), *Contemporary Research in Romance Linguistics* (pp. 13-24). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Hayes, B. (1989). The Prosodic Hierarchy in Meter. In P. Kiparsky & G. Youmans (eds.). *Rhythm and Meter* (pp. 201-260). Orlando, Florida: Academic Press.

Hayes, B. (1990). Precompiled Phrasal Phonology. In S. Inkelas & D. Zee (Eds.), *The Phonology-Syntax Connection* (pp. 85-108). Chicago: University of Chicado.

Inkelas, S. (1990). *Prosodic Constituency in the Lexicon*. New York: Garland Publishing.

Itô, J. (1989). A prosodic theory of epenthesis. *Natural Language & Linguistic Theory*, *7*, 217-259.

Jurafsky, D. (2003). Probabilistic modeling in psycholinguistics: Linguistic comprehension and production. In R. Bod, J. Hay & S. Jannedy (Eds.), *Probabilistic linguistics* (pp. 39–96). Cambridge, Massachusetts: MIT press.

Kager, R. (1999). *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.

Kawahara, S. (2002). Faithfulness among variants. In The Phonological Society of Japan (Ed.), *Phonological Studies 5* (pp. 47-54.). Tokyo: Kaitakusha.

Kiparsky, P. (1982). From cyclic phonology to lexical phonology. In H. van der Hulst & N. Smith (Eds.). *The structure of phonological representations* (Vol. 1, pp. 131-175). Dordrecht: Foris.

Labov, W. (1998). Coexistent Systems in African-American English. In S. Mufwene, J. Rickford, J. Baugh & G. Bailey (Eds.), *The Structure of African-American English* (pp. 110-153). London: Routledge.

Labov, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Labov, W. (1966). *The Social Stratification of English in New York*. Washington DC: Center for Applied Linguistics.

Ladd, D. R. (1996). *Intonational phonology* (2ª edição, 2008). Cambridge: Cambridge University Press.

Lee, S. (1995). *Morfologia e Fonologia do Português do Brasil*. Tese de Doutoramento, Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil.

Lopo, J. (1895). Linguagem Popular de Valpaços. *Revista Lusitana*, *III*, 326.

Malikouti-Drachman, A. (2009). Greek dialect variation: A co-grammar approach. In S. Tsiplakou, M. Karyolemou & P. Pavlou (Eds.), *Language Variation – European*

perspectives II: Selected papers from the 4th International Conference on Language Variation in Europe (pp. 157–168). The Netherlands: John Benjamins.

Malikouti-Drachman, A. (1994). New approaches to some problems of Greek phonology. In I. Philippaki-Warburton, K. Nicolaidis & M. Sifianou (Eds.), *Themes in Greek Linguistics: Papers from the First International Conference on Greek Linguistics* (pp. 33-43). The Netherlands: John Benjamins.

Martins, A. (coord.) ([2000-]2010). *CORDIAL-SIN: Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe / Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. [URL: http://www.clul.ul.pt/en/resources/411-cordial-corpus]

Martins, A. (2003). Variação e Mudança no Português. In *A Língua Portuguesa: Actas do IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais - 2002* (pp. 29-44). Cascais: Câmara Municipal de Cascais & Instituto de Estudos Sociais.

Martínez-Gil, F. (1997). Word-final epenthesis in Galician. In F. Martínez-Gil & A. Morales-Font (Eds.), *Issues in the phonology and morphology of the major Iberian languages* (pp. 269-342). Washington DC: Georgetown University Press.

Martins, F., Vigário, M. & Frota, S. (2016). *FreP - Frequency in Portuguese*. Version V2016. Software in CD-ROM. [http://labfon.letras.ulisboa.pt/FreP/]

Marques, T. (2005). Sistema urbano e territórios em transformação. In C. Medeiros (Coord.), *Geografia de Portugal* (Vol. II). Lisboa: Circulo de Leitores.

Marques da Costa, N. (2007). *Mobilidade e Transporte em Áreas Urbanas. O caso da Área Metropolitana de Lisboa.* Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Mateus, M. H. (1997). Aspectos da fonologia lexical do português. In A. M. Brito, F. Oliveira, I. Lima & R. Martelo (Eds.), *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes* (pp. 693-703). Porto: Campo das Letras.

Mateus, M. H. (1975). *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

Mateus, M. H., & Andrade, E. (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.

McCarthy, J., & Prince, A. (1993). *Generalized alignment*. Linguistics Department Faculty Publication Series. Paper 12.

McCarthy, J., & Prince, A. (1995). Faithfulness and reduplicative identity. In *University of Massachusetts Occasional Papers in Linguistics 18: Papers in Optimality Theory*. Amherst, MA: GLSA

Mohanan, K. (1986). *The Theory of Lexical Phonology*. Studies in Natural Language and Linguistic Theory. Springer.

Moutinho, L., Coimbra, R., Ruivo, S., & Bendiha, U. (2003). Contribuição para o estudo da variação prosódica do Português Europeu. In *Actas del XXIII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica Salamanca 2001* (pp. 245-253). Tubingen: Max Niemeyer Verlag.

Mota, M. A. (2005). Variação e Mudança linguística, ainda e sempre. In I. Duarte & I. Leiria (Orgs.), *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 127-138). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Nespor, M., & Vogel, I. (1986). *Prosodic Phonology*. (2ª edição, 2007). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

Ola Orie, O., & Paullblank, D. (2002). Yoruba vowel elision: minimality effectas. *Natural Language & Linguistic Theory*, *20*, 101-156.

Oliveira, P., Paulino, N., Cruz, M., & Vigário, M. 2014. Onde ainda([j])há o fenómeno. Contributo para o estudo da inserção de glide entre vogais entrais. In A. Moreno, F. Silva, I. Falé, I. Pereira & J. Veloso (Org.), *Textos Selecionados do XXIX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 419-436). Porto: Associação Portuguesa de Linguística.

Oliveira, P., Palma, P., Barros, N., Neto, B., Cruz, M., & Frota, S. (2015b). ArcGIS solutions for language variation: the challenge of mapping prosody in European Portuguese. Comunicação apresentada na *Esri European User Conference '15*. Salzburg, Outubro. Áustria.

Oliveira, P., Palma, P., Barros, N., Neto, B., Cruz, M., & Frota, S. (2015a). Mapping variation in European Portuguese: intonation, phrasing, and rhythm. Comunicação apresentada no *ProVar - Workshop on Prosodic Variation (2nd Workshop of the project Interactive Atlas of the Prosody of Portuguese)*. Lisboa, Julho. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Pereira, A. (1906). Tradições populares e linguagem de Vila Real. *Revista Lusitana*. Lisboa: Livraria Portuense, Antiga Casa Bertrand.

Paulino, N., & Frota, S. (2015). Variação prosódica no Português Europeu: análise comparada de fenómenos de sândi vocálico. In *Textos Selecionados do XXX Encontro Nacional*

da Associação Portuguesa de Linguística (pp. 435-448). Porto: Associação Portuguesa de Linguística.

Pearce, M. (2004). *Kera foot structure*. Manuscrito, University College London.

Prieto, P., Borràs-Comes, J., & Roseano, P. (coords.) (2010-2014). *Interactive Atlas of Romance Intonation*. [http://prosodia.upf.edu/iari/]

Prieto, P., & Roseano, P. (coords) (2009-2013). *Atlas interactivo de la entonación del español*. [http://prosodia.upf.edu/atlasentonacion/]

Prieto, P., & Cabré, T. (coords.) (2007-2012). *Atles interactiu de l'entonació del català*. [http://prosodia.upf.edu/atlesentonacio/]

Prieto, P., Sichel-Bazin, R., & Meisenburg, T. (coords.) (2007-2014). *Atlàs interactiu de l'intonacion de l'occitan*. [http://prosodia.upf.edu/atlasintonacion/]

Prince, A., & Smolensky, P. (1993). *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. ROA version.

Ramus, F., Nespor, M., & Mehler, J. (1999). Correlates of linguistic rhythm in the speech signal. *Cognition*, *73*(3), 265-292.

Rodrigues, C. (2012) Variantes não-standard e tipo de discurso: (des)encontro de resultados. In M. A. Costa & I. Duarte (Orgs.), *Nada na linguagem lhe é estranho. Estudos em homenagem a Isabel Faria* (pp. 215-228). Edições Afrontamento: Porto.

Rodrigues, C. (2003). *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*. FCG/ FCT, Lisboa.

Rodrigues, C. (2002). Questões de Espraiamento em PE. In *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 419-432). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.

Rodrigues, C. (2001). Variação Linguística em Porto. In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP* (pp. 119-130). Porto.

Rodrigues, C. & Simões, D. (2013) How can sociolinguistic data be used? *Diacrítica*, *27*(1), 287-308.

Rosenthall, S. (1997). The Distribution of Prevocalic Vowels. *Natural Language & Linguistic Theory*, *15*, 139-180.

Sá Nogueira, R. (1938). *Elementos para um tratado de fonética portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

Santos, F. (1897). Linguagem Popular de Trancoso. *Revista Lusitana*, *V*, 161-173.

Saramago, J. (coord.) (1992-). *ALEPG – Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza*. [http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg]

Saramago, J. (coord.) (1994-). *ALEAç – Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores*. [http://www.clul.ul.pt/pt/investigador/206-projecto-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-azores-aleac]

Segura, L. (2013). Variedades dialetais do Português Europeu. In E. P. Raposo, M. B. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português*. (Vol. I, pp. 85-117). Fundação Calouste Gulbenkian/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Segura, L., & Saramago, J. (2001). Variedades dialetais portuguesas. In M. H. Mateus (Ed.), *Caminhos do Português: Esposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas* (pp. 221-237). Lisboa: Biblioteca Nacional.

Selkirk, E. (1996). The prosodic structure of function words. In J. McCarthy (Ed.), *Optimality Theory in Phonology: A Reader*. Blackwell Publishing.

Selkirk, E. (1984). *Phonology and syntax: The relation between sound and structure*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Selkirk, E. (1981). On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In T. Fretheim (Ed.), *Nordic Prosody II* (pp. 111-140). Trondheim: Tapir.

Smith, J., & Durham, M. (2012). Bidialetalism or Dialect Death? Explaining Generational Change in the Shetland Islands, Scotland. *American Speech*, *87*(1), 57-83.

Steedman, M. (1991). Structure and intonation. *Language*, *67*(2), 260–296.

Tenani, L. (2002). *Domínios prosódicos no Português*. Tese de Doutoramento, Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil.

Truckenbrodt, H. (1995). *Phonological Phrases: Their Relation to Syntax, Focus, and Prominence*. Tese de Doutoramento, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos da América.

Truckenbrodt, H. (1999). On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. *Linguistic Inquiry*, *3*(2), 219–255.

Truckenbrodt, H. (2007). The syntax-phonology interface. In P. Lacy (Ed.), *The Cambridge Handbook of Phonology* (pp. 435-456). Cambridge: Cambridge University Press.

Trudgill, P. (1974). *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press.

Uffmann, C. (2007). Intrusive [r] and optimal epenthetic consonants. *Language Sciences*, *29*, 451–476

Vasconcellos, J. L. (1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Tese de Doutoramento, Universidade de Paris, Paris, França (2ª edição 1970, com aditamentos e correções do autor. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos).

Vasconcellos, J. L. (1897). Mapa dialectológico do continente português. *Chorografia de Portugal*. Lisboa.

Vasconcellos, J. L. (1896). Dialetos Alentejanos. *Revista Lusitana*, *IV*, 13-77.

Vaz da Silva, A., Moutinho, L., & Teixeira, A. (2005). Contributos para um Modelo Prosódico do Português. In I. Duarte & I. Leiria (Eds.), *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 831-842). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística /Colibri.

Vázquez Cuesta, P., & Luz, M. (1961). *Gramática portuguesa*. Biblioteca Románica Hispánica. Ed.: Madrid Gredos.

Vigário, M. (2010). Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*, *27*(4), 485-530.

Vigário, M. (2003). *The Prosodic Word in European Portuguese*. Interface Explorations Series, 6. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter.

Vigário, M. (2007). O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In M. Lobo & M. A. Coutinho (Eds.), *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 673-688). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri.

Vigário, M. (1998). Elisão da Vogal Não-Recuada Final e a Palavra Prosódica no Português Europeu. In *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 359-376). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística /Colibri.

Vigário, M., & Frota, S. (2003). The intonation of Standard and Northern European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, *2*(2), 115-137.

Vigário, M., Frota, S., Martins, F., & Cruz, M. (2012). Frequência na Fonologia do Português: recursos e aplicações. In A. Costa & I. Duarte (Eds.), *Nada na linguagem lhe é estranho. Estudos em homenagem a Isabel Hub Faria* (pp. 613-631). Porto: Edições Afrontamento.

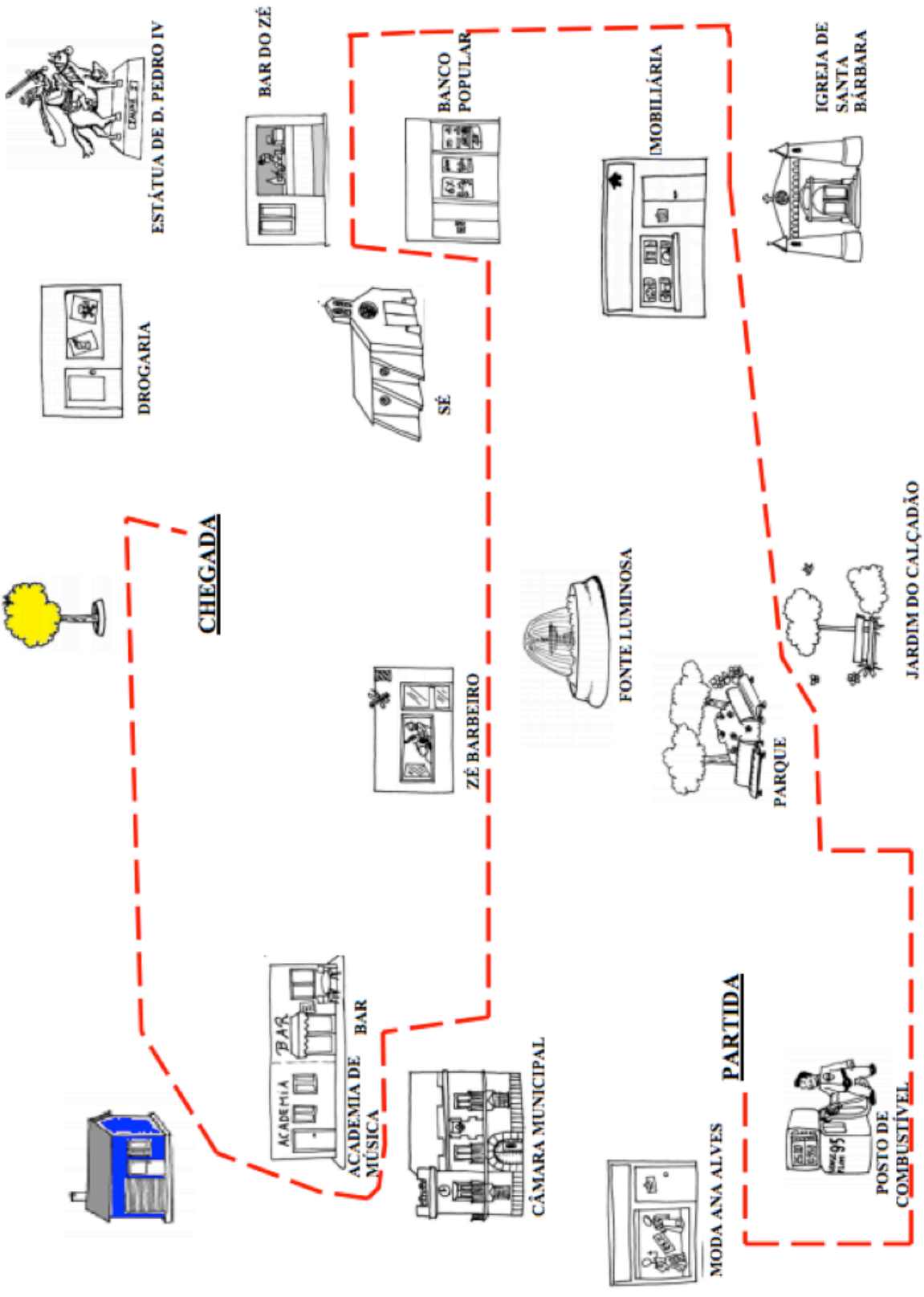
Vitorino, G. (coord.) (1985). *ALLP – Atlas Linguístico do Litoral Português*. [http://clul.ul.pt/pt/investigador/207-project-linguistic-atlas-of-the-portuguese-coast-allp]

Wagner, M. (2005). *Prosody and Recursion*. Tese de Doutoramento, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos da América.

Wagner, M., & Watson, D. (2010). Experimental and theoretical advances in prosody: A review. *Language and Cognitive Processes*, *25*(7-9), 905-945.

Zuna, T. (2010). *SIG como suporte à construção de cartografia temática: o caso da expansão urbana e da planta funcional do concelho de Oeiras*. Relatório de Estágio, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

ANEXO I


ESTÁTUA DE D. PEDRO IV
BAR DO ZÉ
BANCO POPULAR
MOBILIÁRIA
IGREJA DE SANTA BÁRBARA
DROGARIA
SÉ
CHEGADA
FONTE LUMINOSA
JARDIM DO CALÇADÃO
ZÉ BARBEIRO
PARQUE
ACADEMIA DE MÚSICA
BAR
CÂMARA MUNICIPAL
PARTIDA
MODA ANA ALVES
POSTO DE COMBUSTÍVEL

ANEXO II

ESTÁTUA DE D. PEDRO IV
BAR DO ZÉ
BANCO BBVA
IMOBILIÁRIA
IGREJA DE SANTA BÁRBARA
DROGARIA
SÉ
CHEGADA
FONTE LUMINOSA
PARQUE
RESTAURANTE "ZÉ DO PIPO"
ACADEMIA DE MÚSICA
BAR
CÂMARA MUNICIPAL
PRONTO-A-VESTIR NOVA ARTE
PARTIDA
POSTO DE COMBUSTÍVEL

ANEXO III

(*Corpus* previamente preparado pela Professora Marina Vigário, no âmbito do projeto *InAPoP*, e adaptado posteriormente)

Iode_1: O Pedro falou da Ana a uma antiga amiga.

Iode_2: O Simão adoraria ser contratado pela equipa da águia.

Iode_3: A Ana saiu mais cedo da aula.

Iode_4: Sempre sonhei viajar pela Ásia distante.

Iode_5: O jornalista perguntou a Ana Moura pelo seu disco novo.

Iode_6: O irmão da Ana Lúcia comprou um novo cachimbo.

Iode_7: O Quim andava com idéias de trabalhar na AEG.

Iode_8: A AEP é uma associação de escuteiros, tal como o CNE.

Iode_9: A amiga da Anabela não estava à espera daquele presente de anos.

Iode_10: Aquele professor também dava aulas aos mais jovens.

Iode_11: Tive um amigo que montava asas de aviões ultra-leves.

Iode_12: Este agricultor só plantava árvores baixas.

Iode_13: Um amigo meu importava aves raras do Brasil.

Iode_14: A matrícula do meu novo carro é J.A. (jota-á)-18-18.

Iode_15: O João era mesmo ganancioso, ultra-ávido de vencer!

Iode_16: O cientista inventou um líquido mega-ácido de origem vegetal.

Iode_17: Foi criada há pouco uma companhia aérea com as iniciais K. A. D. (capa-á-dê).

Iode_18: Os políticos deram agora à J. A. E. (jota-á-é) a tarefa de vigiar a sinalização nas auto-estradas Portuguesas.

Iode_19: O avô Joaquim andou por sítios de que nunca ouvi falar, como a cidade de (Faátu) e os Jardins de Cimabué.

Iode_20: Nunca tinha ouvido falar da região de Simaári Cura, na África Oriental; e tu?

Iode_21: A Maria há-de vir ajudar-nos na mudança.

Iode_22: Quanto à Joana, ela há-de vir visitar-nos no Verão.

Iode_23: Quanto à Maria, aulas às 8 da manhã nunca lhe agradaram.

Iode_24: A última década tem tido, segundo o Instituto Nacional de Estatística, anos de calor invulgar.

(*Corpus* retirado de Frota 2000; onde *C* se lê Contexto)

TopFoc_11. O galã anda de porsche.

TopFoc_12. [C: Naquele filme é o vilão que anda de Porsche?]
O galã anda de Porsche.

TopFoc_15. O pintor retratou uma manhã âmbar.

TopFoc_16. [C: Foi uma tarde âmbar que o pintor retratou?]
O pintor retratou uma manhã âmbar.

(*Corpus* retirado de Frota 2002; onde *C* se lê Contexto)

IntY/NN_2. [C: Não sei nada sobre esse filme.]
O galã anda de Porsche?

IntY/NN_3. [C: Ainda não vi a exposição.]
O pintor retratou uma manhã âmbar?

IntY/NF_8. [C: Vi esse quadro na exposição mas não me recordo se o motivo era uma manhã ou um entardecer âmbar.]
O pintor retratou uma manhã âmbar?

IntWh_2. [C: Ainda não vi a exposição.]
Quem pintou uma manhã âmbar?

IntWh_3. [C: Gostava de ouvir esse disco.]
Quem cantou uma manhã angelical?

(*Corpus* retirado de Frota 2014; onde *C* se lê Contexto)

Request_3. [C: Gostarias de ver uma determinada imagem de cores num quadro e por isso pedes a um pintor amigo:]
Pinta uma manhã âmbar.

Request_6. [C: Um amigo teu, pintor, gostaria de te oferecer um quadro pelo Natal e tu pediste-lhe:] Pinta uma manhã âmbar.

(*Corpus* retirado de Frota 2000)

Sandhi_20. A caneta âmbar foi vendida ontem.

Sandhi_21. A tábula âmbar foi vendida ontem

Sandhi_22. A aluna ama o professor de matemática.

Sandhi_23. A astróloga ama o professor de matemática.

Sandhi_24. A aluna ama muito o irmão mais novo.

Sandhi_25. A astróloga ama muito o irmão mais novo.

Sandhi_26. A aluna, antes de partir, falou com os colegas.

Sandhi_27. A astróloga, antes de partir, falou com os colegas.

(*Corpus* retirado de Frota 2003)

IPeak 23. O marmelo da Ásia não tem sabor nenhum.